

GRAFFITI MOON

UM ARTISTA, UMA SONHADORA,
UMA NOITE, UM SIGNIFICADO:
O QUE MAIS IMPORTA?

CATH CROWLEY

valentina 

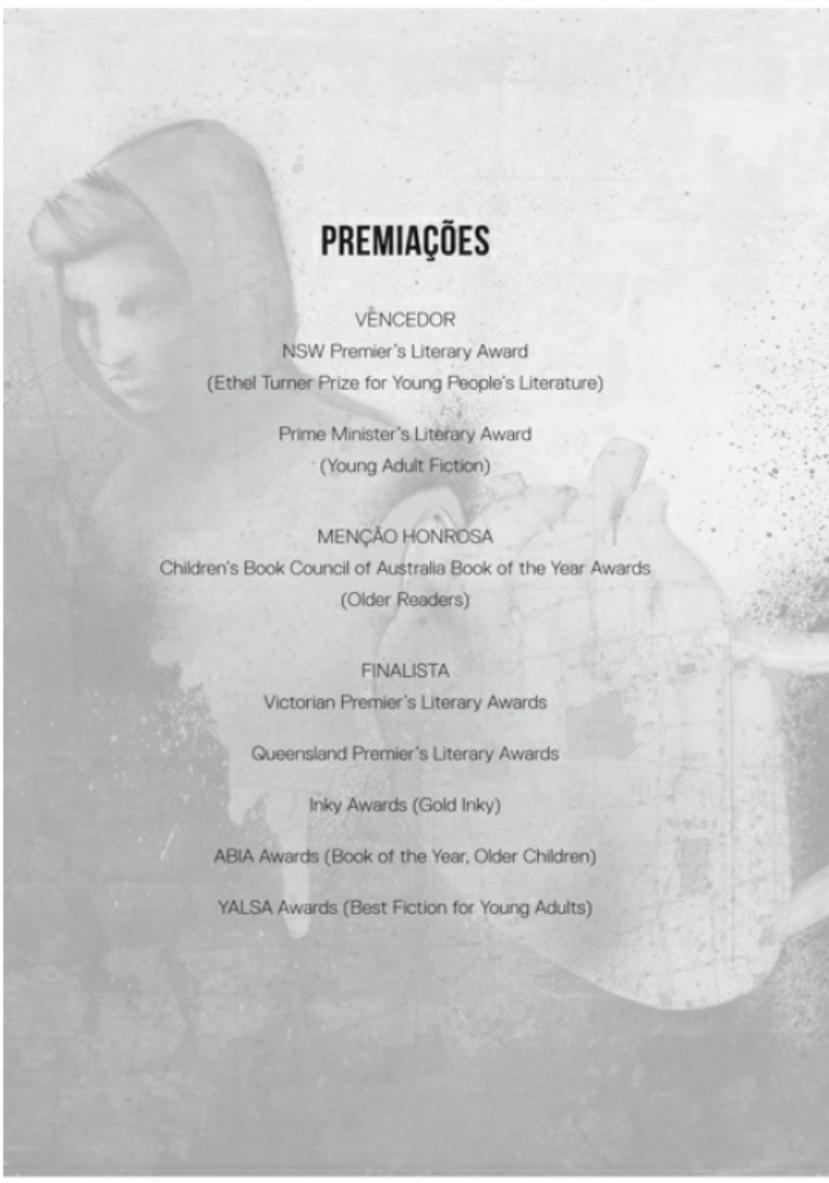
GRAFFITI MOON

UM ARTISTA, UMA SONHADORA,
UMA NOITE, UM SIGNIFICADO.
O QUE MAIS IMPORTA?

CATH CROWLEY

valentina 

GRAFFITI MOON



PREMIAÇÕES

VENCEDOR

NSW Premier's Literary Award
(Ethel Turner Prize for Young People's Literature)

Prime Minister's Literary Award
(Young Adult Fiction)

MENÇÃO HONROSA

Children's Book Council of Australia Book of the Year Awards
(Older Readers)

FINALISTA

Victorian Premier's Literary Awards

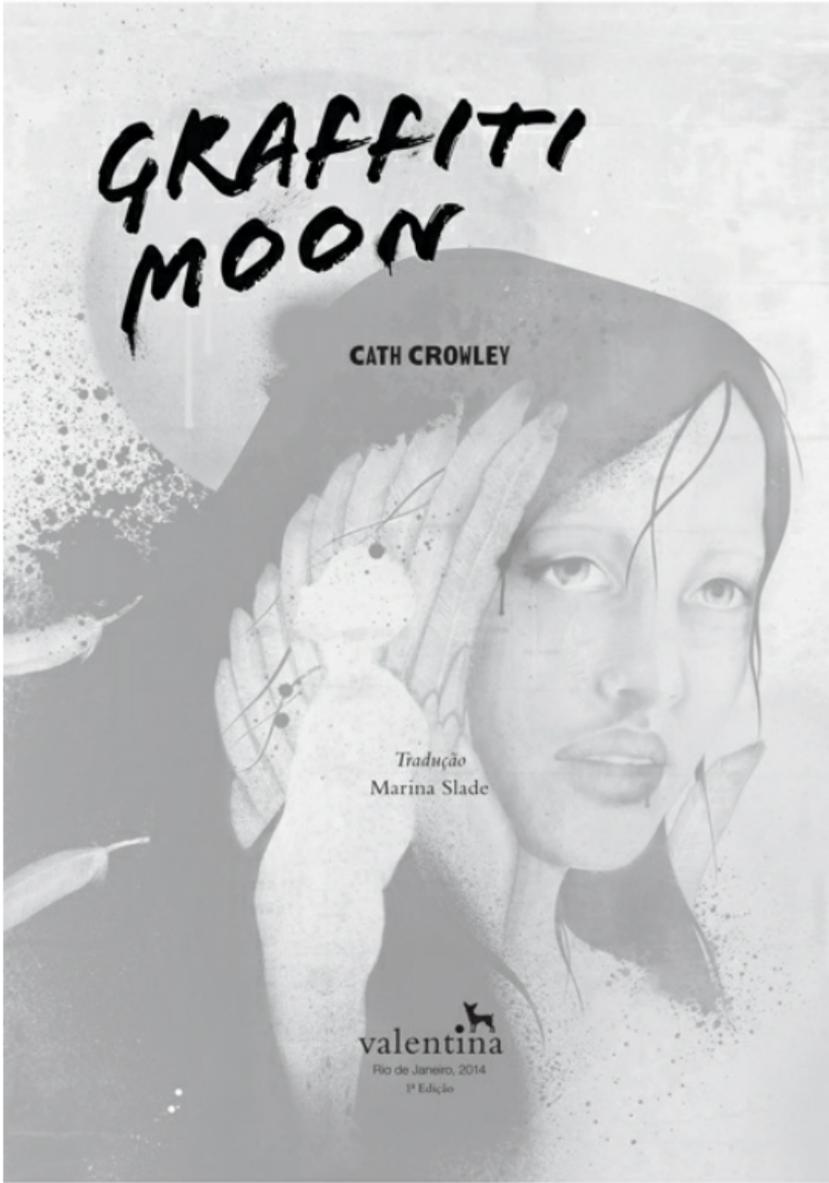
Queensland Premier's Literary Awards

Inky Awards (Gold Inky)

ABIA Awards (Book of the Year, Older Children)

YALSA Awards (Best Fiction for Young Adults)

GRAFFITI MOON



CATH CROWLEY

Tradução
Marina Slade

valentina 
Rio de Janeiro, 2014
1ª Edição

Copyright © 2010 by Cath Crowley

TÍTULO ORIGINAL
Graffiti Moon

CAPA
Dominique Kronemberger

FOTO DA AUTORA
Elizabeth Abbott

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2014

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Bibliotecária: Fernanda Pinheiro de S. Landin CRB-7: 6304

C953g

Crowley, Cath

Graffiti Moon / Cath Crowley;
tradução de Marina Slade. – 1.
ed. –

Rio de Janeiro: Valentina, 2014.
240p. ; 23 cm

Tradução de: Graffiti moon
ISBN 978-85-65859-22-6

1. Artistas – Ficção. 2. Relações humanas – Ficção. 3. Austrália – Ficção. 4. Literatura infantojuvenil australiana. I. Slade, Marina. II. Título.

CDD: 028.5

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

PARA TERESA e todos na sala,
e PARA ESTHER,
que o LEU PRIMEIRO.



edalo depressa. Descendo a avenida Rose, onde casas nadam nas piscinas de luz laranja dos postes. Onde pessoas sentam nas varandas para tomar um ar. Tenho que chegar a tempo.

▷ Por favor, tenho que chegar a tempo.

Acabei de entrar no estúdio. Os caras do grafite Sombra e Poeta estão aqui, dizia o torpedo do Al, e eu despenquei noite adentro. Despenquei sob um céu que sangrava e escurecia.

Deixei meu pai sentado fora do galpão, gritando:

— Pensei que você só ia encontrar a Jazz mais tarde. Onde é o incêndio, Lucy Dervish?

Em mim. Por dentro, estou pegando fogo.

Tenho que chegar a tempo. Tenho que encontrar o Sombra. O Poeta também, mas o Sombra principalmente. O cara que pinta no escuro. Pinta pássaros presos em muros de tijolos, pessoas perdidas em florestas fantasmas. Caras com corações feitos de grama e garotas empurrando cortadores de grama. Por um artista que pinta essas coisas, eu poderia me apaixonar. Completamente.

Quero tanto conhecer o Sombra. E falta tão pouco. Minha mãe diz que, quando o querer vai de encontro ao poder... é chegada a hora da verdade. Quero me chocar com o Sombra. Deixar que a força desse impacto espalhe nossos pensamentos, para que um capture o pensamento do outro e o devolva como um punhado de pedrinhas brilhantes.

Do alto da rua Singer, vejo a cidade, um neon azul crescente. Um relâmpago distante abre

caminho com seu calor até a superfície. Alguém ri ao longe. Há uma pintura do Sombra num muro em ruínas, um coração despedaçado por um terremoto, com as palavras *Além da escala Richter* escritas abaixo. Não é um coração como os que a gente vê nos cartões de dia dos namorados. É um coração como ele realmente é: veias finas, átrios e artérias. Uma floresta dentro do peito, do tamanho de um punho.

Solto as mãos do freio e me deixo levar. As árvores e as cercas se confundem, e o concreto podia ser o céu, e o céu podia ser o concreto, e as fábricas se espalham diante de mim como um sonho iluminado por luzes dispersas.

Viro uma esquina e saio pela rua do Al. Vou em direção ao estúdio dele, em direção a ele, sentado nos degraus, pequenas mariposas sobrevoam, brincando na luz. Em direção a uma sombra ao longe. A sombra do Sombra. O momento do impacto está chegando.

Pedalo a última reta e deslizo até parar.

— Cheguei. Consegui. Estou bem? Como estou?

Al termina o café e coloca a xícara ao seu lado no degrau.

— Como uma garota que perdeu os caras por cinco minutinhos.



A noite está quente demais para outubro. Há mais gente na rua que de costume, então eu pinto rápido o céu. Olho para trás e para a frente. Procuro policiais. Procuro qualquer pessoa que eu não queira aqui. Pinto veleiros e coisas que, na minha cabeça, provocam gritos do spray para o tijolo. Vejo isso, vejo isso, vejo mais isso. E me vejo esvaziado sobre a parede.

A primeira coisa que pinteí foi uma garota. A segunda coisa que pinteí foi uma porta num muro. Fui em frente e pinteí portas maiores. Passei para os céus. Céus abertos sobre as portas e os pássaros que se esgueiravam entre os tijolos, tentando voar. Passarinho, o que você está pensando? Você veio de uma lata de spray.

Hoje de noite estou fazendo este pássaro que ficou na minha cabeça o dia inteiro. Ele é pequeno e amarelo. Está deitado na grama verde e macia. Barriga apontando para as nuvens, pernas viradas na mesma direção. Ele pode estar dormindo. Pode estar morto. Esse é o amarelo certo. O verde também. É o céu que está totalmente errado. Preciso de um azul que dilacere por dentro. Não se vê um azul assim por aqui.

Bert sempre tentava encontrar esse azul para mim. Quase toda semana, ele me mostrava, na loja de tintas, um azul que havia encomendado a dedo.

— Perto, chefe — respondia eu. — Mas não o bastante.

Ele ainda não tinha conseguido achar o azul quando morreu, dois meses atrás. Conseguiu todas as outras cores que eu queria. O verde em que o pássaro está deitado é um tom que o Bert

encontrou há mais de dois anos, quando eu abandonei a escola e fui trabalhar para ele. Fiquei na escola até o final de junho do primeiro ano* e depois não deu mais.

— Seu primeiro dia foi bom — disse Bert, ao me entregar o verde. — Bom mesmo.

— Muito foda — respondi, experimentando o spray num cartão e considerando aquilo um sinal de que largar a escola tinha sido a coisa certa a fazer. E de que a minha mãe estava errada por querer que eu continuasse.

— É, muito foda — Bert olhou por cima do ombro. — Mas não diga “foda” quando a Valerie, minha mulher, estiver por perto. — Bert falava palavrão feito uma criança com medo de ser apanhada. Eu ri disso até Val me pegar falando. Naquele dia, Bert riu por último.

— Qual é a graça? — pergunta uma voz atrás de mim.

— Porra, Leo. — Uma linha azul risca a grama no muro. — Não chega assim de repente.

— Estou chamando você desde lá do alto da ladeira. Esqueceu que o prefeito legalizou esse lugar? — Leo termina o último pedaço de um enroladinho de salsicha. — Prefiro a adrenalina de trabalhar onde podem pegar a gente.

— Eu prefiro a de pintar — respondo.

Ele me olha por um tempo.

— Então, liguei pro seu celular mais cedo. Está desligado.

— É. Não paguei a conta. — Entrego o spray para ele. — Estou com fome. Manda as palavras aí você.

Leo olha o meu desenho, o céu amplo sobre o pássaro amarelo. Ele aponta o garoto no muro:

— Show.

Enquanto ele pensa um pouco mais, eu olho em volta. O coroa que trabalha no estúdio de vidro do outro lado da rua está na escada, digitando no celular e olhando a gente. Pelo menos eu sei que ele não está chamando a polícia.

Leo sempre escreve alguma coisa que tenha a ver com o desenho. Às vezes, usa fontes que encontra na internet. Outras, ele cria e dá nome. Hoje ele joga nas nuvens, num esfumado, a palavra *Paz*, com letras sombreadas e onduladas. Engraçado como dois caras podem olhar para o mesmo grafite e ver coisas diferentes. Eu não vejo paz quando olho para esse pássaro. Vejo o meu futuro. Espero que ele só esteja dormindo.

A mão do Leo se movimenta sobre o muro, assinando os nossos nomes. Ele sempre os escreve do mesmo jeito. Primeiro o dele, depois o meu, numa fonte que ele chama de Fantasma.

Poeta.

Sombra.

Deixamos o coroa tomando café na escada e subimos a rua Vine. São quinze minutos andando até a minha casa indo pelas ruas principais, mas o Leo e eu nunca vamos. Pegamos as ruas transversais, os becos e as vielas.

Moro do outro lado do pátio dos trens, então pulamos a cerca e cortamos por dentro, de olho nos trabalhadores enquanto caminhamos. Gosto de vê-los lançando seus pensamentos contra os vagões. Torna a cidade tão nossa quanto de qualquer pessoa.

— Então, vi a Beth hoje — diz Leo. — Ela perguntou como você vai. — Ele atira pedras nos vagões desativados. — Acho que quer voltar contigo.

Paro, pego o spray e pinto um coração como o das cartas de amor, mas com uma arma

apontada para ele.

— Nós terminamos há quase três meses. — Desde 1º de agosto, não que eu esteja contando.

— Você se importa, então, se eu chamar ela pra sair?

— Você se importa se eu pichar a casa da sua avó?

Ele ri.

— Peraí. Vocês terminaram.

— Eu acho ela legal, nada além disso. Ela às vezes se debruçava em mim e me beijava e então parava um pouco, sussurrava uns negócios engraçados no meu ouvido e depois me beijava de novo. E eu gritava: “O que tem de errado com você, cara? Se apaixonou por ela, seu otário!”.

— Ela não achava esquisito?

— Por dentro. Eu gritava por dentro. Mas, enfim, eu nunca me apaixonei por ela, então imagino que o mecanismo cerebral que controla o amor não responda quando é chamado de otário.

— Para o seu próprio bem, espero que nenhum mecanismo do seu cérebro responda quando for chamado de otário.

— Pode crer. — Fico arrependido de ter me lembrado da Beth fazendo aquilo, porque a sinto junto ao meu ouvido agora, a respiração quente e doce fazendo cócegas, e o som da sua voz parecendo aquele azul que eu tanto procuro.

— Você não estava apaixonado pela Emma? — pergunto.

— Eu estava completamente obcecado — responde Leo, sem pestanejar. — Não apaixonado.

— Qual é a diferença?

Ele quase joga uma pedra numa das lâmpadas do pátio, mas para.

— Prisão — diz, e guarda a pedra no bolso.

Emma terminou com ele no final do segundo ano do ensino médio. Eu não estava mais na escola, só fiquei sabendo disso quando Leo entrou na loja gritando que precisava que eu grafitasse a lateral da casa da Emma.

— Ela não sabe que eu sou o Poeta — falou. — Se souber, aí vai querer voltar.

Emma morava num bairro nobre da cidade, numa casa de três andares. Não tinha a mínima chance da gente pintar qualquer coisa ali e não se ferrar. A noite ia acabar mal, eu sabia, mas não houve jeito de fazer o Leo mudar de ideia, então eu disse que ia buscar as tintas e o encontraria lá às dez.

Quando eu estava saindo, Bert viu a minha mochila cheia de latas. Ele sabia que eu era o Sombra desde a minha primeira semana de trabalho. Sua regra era que eu pintasse muros que não pertencessem a ninguém. Na maior parte do tempo, era o que eu fazia.

— Cuidado — recomendou.

— “Quem não arrisca não petisca”, não é o que você sempre diz? — questionei.

Sua cara envelhecida e barbuda ficou me olhando:

— Não confunda coragem com burrice.

Ele tinha razão, mas mesmo assim eu pinteí o que o Leo queria: um cara com a palavra *amor* recortada do peito e uma garota perto dele segurando uma tesoura. Emma saiu e viu o grafite e ele se ajoelhou na frente do muro, um garoto ferido de amor implorando que ela voltasse.

Emma pegou o celular e chamou a polícia. Leo não queria fugir e eu não iria sem ele. Uns dez minutos depois, estávamos na caçamba de uma viatura, sendo levados para a delegacia.

— Sorte que não assinamos com os nossos nomes, hein? — Leo concluiu. — A gente ia se ferrar se ela contasse pra polícia que nós somos o Poeta e o Sombra.

— Nem fala — respondi, enquanto um bêbado na nossa frente gritava que ia matar geral quando o soltasse das algemas. — Ainda bem que você estava raciocinando hoje, senão a gente tava na pior.

Demos os nossos depoimentos, e o Leo contou tudo aos policiais: que tomou um pé na bunda e queria que a Emma voltasse para ele. Eles devem ter achado que ela era muito fria, porque chamaram a minha mãe e a avó do Leo, e nos deixaram ir embora só com uma advertência e um acordo de que teríamos que limpar a sujeira que fizemos. Nunca vi a avó do Leo gritar tanto como na hora em que o arrastou para o carro. Desde então, ele tem que cortar grama para as amigas dela todo sábado.

Minha mãe estava calma quando me tiraram da cela. Ainda vestia o uniforme do supermercado, com um crachá que mostrava a todo mundo seu nome, Maddie, e que desejava a todos um ótimo dia. Eu sempre odiei aquele crachá. Parecia que pesava uns 500 quilos.

— Tá pê da vida comigo, né? — perguntei quando entramos no carro.

Ela girou a chave e um CD do Smashing Pumpkins voltou a bombar no som do carro.

— Pergunta respondida?

Depois de algum tempo dirigindo, ela abaixou o som.

— É isso que você e o Leo andam fazendo, agora que eu voltei a estudar e estou trabalhando à noite?

Se ela estivesse olhando para mim, e não para a estrada, eu teria contado a verdade.

— Foi só dessa vez. A Emma terminou com o Leo e ele queria que ela voltasse.

— Então, lógico, ele pichou a casa dela. Eu amo o Leo como um filho, mas já está mais do que na hora dele crescer. E você também.

— Eu sou um adulto. Tenho 16 anos. Tenho um emprego.

— Eu tinha um filho e um emprego com 16 anos. E não era adulta.

Ela estacionou na frente do nosso edifício, que fica imprensado no fim da rua Pitt. Ficamos olhando os quatro andares de tijolo laranja e as varandas cultivando jardins de varais.

— Talvez seja melhor eu largar o curso de enfermagem e voltar a trabalhar durante o dia até você fazer 18 anos.

Eu tinha levado um ano inteiro para convencê-la a se inscrever no curso de enfermagem. Ela passou, e eu comecei a pagar metade do aluguel para que ela pudesse cortar turnos e trabalhar só à noite.

— Se você largar, vai ficar aí pra sempre — apontei para o crachá.

— E você, vai pra onde, Ed?

Não respondi.

— É isso que me preocupa.

Ela não largou o curso, mas eu sabia que ela ia largar se eu fosse pego de novo, então fiquei uma semana sem pintar muros. Mas eu só pensava em grafitar e na sexta eu já estava pintando de novo. Trabalhei dentro de um trailer velho, perto da pista de skate, para que ninguém me visse.

Contei para o Leo o que ela havia dito sobre a gente precisar crescer. Contei enquanto suávamos limpando a parede. A Emma passou por nós com uns amigos.

— Sem querer ofender a sua mãe, mas que se foda esse papo de crescer — disse ele, olhando

para Emma, até ela sumir.



Leo e eu pulamos a cerca do pátio dos trens e atravessamos a última viela que leva à rua Pitt. As janelas do nosso edifício estão abertas, deixando passar calor, música e TV. Minha mãe e eu moramos aqui desde que eu tinha oito anos. Ela queria que eu tivesse um quarto só para mim e foi isso que deu para pagar.

Antes da Pitt, nós todos morávamos num quarto e sala. Minha avó acabou se mudando para um asilo depois que o vovô morreu e a gente teve que se virar sozinhos. O apartamento tinha carpete laranja e papel de parede com motivo floral, minha mãe olhou ao redor e disse:

— É feio, mas é maior que a média. Da feiura eu dou conta.

Não tínhamos dinheiro para comprar estantes, então mamãe usou duas escadas velhas que ela encontrou na rua. Colocou-as nas duas pontas da sala e encheu de coisas, como sua coleção de globos de neve e discos de vinil, e a coleção de baleiros Pez que a minha avó tinha deixado para mim. Eu fiquei com o quarto. Para ajeitar um lugar para dormir, mamãe amarrou uma corda entre as escadas e improvisou uma cortina de seda. Em torno da janela da cozinha, ela colocou pisca-piscas e, juntos, colamos estrelas fluorescentes no meu teto. Quando as luzes se apagavam, eu não via as manchas no carpete nem as infiltrações nas paredes.

O primeiro poema que o Leo escreveu foi sobre a minha casa à noite. Nossa professora da quarta série do fundamental não o colocou no mural porque o Leo não o modificou como ela queria. Minha mãe emoldurou os versos dele e pendurou na sala sem mudar nada.

Estrelas moram dentro. Bonitas pra caralho.

Quando a gente se mudou para a Pitt, o apartamento era tão feio quanto o anterior, mas a minha mãe deu um jeito. Ela já ganhava dinheiro suficiente para estantes de verdade e não precisávamos mais da cortina de seda no meio da sala. Minha mãe comprou um abajur de pé, com uma haste comprida e uma cúpula vermelha, só porque eu havia gostado. No meu quarto, tinha uma cama a mais, para o Leo.

— Então, o que você achou? — minha mãe perguntou no dia em que nos mudamos.

— Já me sinto em casa — respondi. Naquela época, o apê não parecia tão cinzento e minúsculo.



Acendo a luz e Leo vai procurar comida na geladeira. Está vazia. Giro o botão do ar-condicionado. Nada acontece. Soco ele. Leo mais ainda. Quase o arranca da parede, mas nem apanhando ele funciona.

— Não é normal fazer tanto calor assim em outubro — digo, em pé na frente da geladeira aberta.

— Até você? Minha avó vive reclamando do clima de Melbourne o dia todo. Já falei pra ela:

“Você mora na Austrália, vó, aqui é assim.”

— E o que ela disse?

— Mandou eu limpar o galpão.

— Foi o que eu pensei. — Leo é um dos caras mais cascudos da redondeza, mas a avó dele é casca grossíssima.

— Sua mãe tá no trabalho?

— Não. Tá de folga hoje. Foi num evento lá no cassino chamado “Noite da Magia”. Pra lerem a sorte dela. Vai varar a noite, disseram que a “magia” só rola no raiar do dia.

Ele ri.

— Fala sério!

Fecho a geladeira e olho o Leo encostado no banco; suas pernas quase alcançam o outro lado da cozinha. Este apartamento parece estar encolhendo, mas não é o tamanho que me incomoda. É o cinza que foi tomando as paredes com os anos. São as manchas no carpete, de alguma outra vida que veio e partiu antes de nós. Quando eu completei um mês na loja, Bert disse que me faria um bom desconto nas tintas. Minha mãe teria se dado bem, se eu tivesse falado com ela, mas eu sabia que era perda de tempo. Alguns lugares precisam ser incendiados e refeitos para que brilhem.

— Então, terminei o ensino médio hoje — conta Leo. — Tá a fim de sair, comer alguma coisa no Feast, encontrar umas gatas?

— Quinze dólares. É tudo que eu tenho.

O olhar dele me atravessa, para no calendário e no círculo em torno do dia do aluguel.

— Não consegui outro emprego ainda?

— Nada. As pessoas nem retornam os meus telefonemas.

— Vou ajudar o Jake de manhã, se você quiser ir também... Podemos tirar quinhentos paus cada um por duas horas de trabalho, começando às três da madrugada. A gente só tem que pegar a van, encher com as coisas e sumir.

— Você é idiota? — perguntei.

— É o que o meu boletim diz.

— Nem brinca. Seu irmão roda direto. — Desde que ele tinha 15 anos e convenceu o cara de uma concessionária a liberar um Jaguar para ele fazer um test-drive. Jake é ainda mais alto que o Leo, então o cara nem desconfiou que a carteira de motorista era falsa. Além disso, o Jake fala de um jeito que convence as pessoas.

Em vez de dirigir o Jaguar num lugar onde ninguém o conhecesse, ficou rodando no quarteirão perto de casa, com a música no máximo. A avó arrancou ele do carro pela orelha na frente de todo mundo da rua.

Leo se estica e bate no ar-condicionado de novo.

— Tô devendo dinheiro.

Ele parece preocupado, o que me deixa preocupado. Leo é do tipo que não afina pra ninguém. Então só pode ser uma pessoa.

— Não me diga que você tá devendo dinheiro pro Malcolm Pombo.

Leo olha lá para fora, pela janela.

— Porra, Leo! Porra! Esse cara é doido.

— Defina doido.

— O cara comeu barata pra provar que é sinistro — respondo.

Leo encolhe os ombros.

— Tudo bem, é doido então. Mais uma razão pra devolver o dinheiro dele.

Procuro um saco de batata frita no fundo do armário e penso na gravidade da situação. Malcolm tem mais ou menos a mesma idade do Jake, mas eles não são amigos. Malcolm não tem amigos. Tem um grupo de bandidinhos lhe puxando o saco e prestando favores.

— Por que você precisava tanto assim de quinhentos dólares? — pergunto. — Você não cortava grama todo sábado?

— É, mas a maioria das velhas paga em comida. E a minha avó precisava de umas coisas. — Ele batuca na bancada. — O Malcolm vai me encontrar hoje à noite. O pagamento está atrasado dois meses.

Pelo bem do Leo, tento não parecer preocupado.

— Veja bem, só preciso despistar o Malcolm até as três e aí já vou ter o dinheiro.

— Você não pode pedir um adiantamento pro Jake?

— Não quero que ele fique sabendo que eu devo dinheiro ao Malcolm.

— Ele anda rondando a sua casa?

— Não, mas imagino que ele vai fazer uma visitinha pra minha vó se não receber o dinheiro hoje. O Dylan disse que me ajuda. Um servicinho e todos começamos o mês quites. A gente tem que cometer pelo menos um delito sério pra polícia ter um motivo real pra botar a gente em cana.

— Que futuro brilhante a gente tem pela frente. — Penso na minha mãe fazendo contas madrugadas adentro, consultando videntes e sonhando com finais felizes.

— Meu filho precisa de um emprego — justificou-se o novo dono da loja de tintas quando me demitiu, seis semanas atrás. — Não é nada pessoal. — Engraçado. Nosso senhorio está levando nosso atraso bem para o pessoal.

Dylan liga para o Leo e, enquanto eles conversam, folheio o bloquinho de desenhos do Bert que a Valerie me deu no enterro.

— Você é a esposa. Fique com ele — recusei. Ela ficou com o bloquinho estendido no espaço entre nós dois até eu o pegar.

Na nossa hora de almoço na loja, o Bert se sentava e ficava conversando e fazendo esses desenhos. Cada um numa página diferente, mas praticamente igual ao anterior. Suas mãos velhas se moviam enquanto falava e, no fim do almoço, ele sempre havia terminado uma série nova. Eu folheava rápido as páginas e as figuras se mexiam feito desenho animado.

Examino um desenho que o Bert fez de mim enquanto eu esperava o Leo. Nele, estou comendo um sanduíche e falando com o Bert. E as nuvens passam sobre a minha cabeça, para a frente e para trás.

Leo desliga o telefone e anota alguma coisa. Nunca consegui que a minha letra fosse como a dele. Nos domingos depois do futebol, na quinta série, ele pegava a minha mão e a guiava pelo papel. Eu ficava tão irritado que quebrava o lápis. Leo ria e pegava outro.

— Minha letra deveria ser melhor do que a sua — dizia eu. — Você mal consegue desenhar. — Ele dava de ombros. Cada um tem o que merece.

— Falei pro Dylan que a gente vai encontrar com ele na escola, a caminho do Feast. Vamos comer alguma coisa e ficar juntos até dar a hora — avisa Leo. — E então?

Então. Quero voltar ao tempo em que eu tinha dinheiro suficiente para pagar o aluguel sem precisar roubar. Quero voltar ao tempo em que o Bert estava vivo e me dizia para pensar por mim mesmo. Quero avançar para um tempo em que a minha mãe é enfermeira e ganha bem. — Eu topo — respondo, e fecho o bloco num desenho em que estou sentado ao lado do Bert, almoçando e conversando sob nuvens que passam.



A escola fica apenas a algumas ruas da minha casa, na direção oposta ao pátio dos trens. Odeio o fato de que ela fica tão perto, porque não dá para evitar os garotos de uniforme.

Um dia, fiz um esboço da escola enquanto estava sentado com o Bert. Prédios cercados de arame farpado com um menino preso nele. Ele deu uma olhada por cima do meu ombro.

— Está tentando entrar ou sair? — perguntou Bert. Eu não sabia ao certo.

Dylan está nos esperando, sentado em frente a um muro que anuncia *Dylan ama Daisy* em grandes letras vermelhas. Leo olha aquilo por um tempo.

— Vamos roubar este lugar e você assina o nome no muro? Lembrou de deixar a janela do departamento de artes aberta de tarde?

— Claro que lembrei.

— Roubar o departamento de artes? É muita maldade! — exclamo.

— É onde ficam os melhores computadores. Mas que que te importa, também? Você foi expulso — devolve Dylan.

— Cala a boca — diz Leo. — O Ed saiu porque quis.

E eles começam a discutir se um grafite serviria de prova num tribunal. O Dylan diz que não tem nada que o ligue ao grafite, nem mesmo tinta ele tem nas mãos.

— Botei luvas de borracha. — Aponta para o par rosa perto de onde está sentado. — Essa tinta é tóxica.

— Que tal a gente não produzir nada hoje de noite que de alguma forma possa fazer as pessoas se lembrarem de nós? — sugere Leo.

Reparo que ele está suando e imagino um grafite. Um cara de costas para o muro cheio de cifrões que está prestes a lhe tirar a vida. A polícia não vai querer saber por que eu, o Leo e o Dylan precisamos de dinheiro. Só o que importa é que estamos enchendo uma van com coisas que não são nossas.

Enquanto o Leo e o Dylan discutem, eu pinto com spray tudo quanto é canto do muro, para que não haja nada que mostre que, algum dia, estive aqui, e, enquanto faço isso, uma sirene dispara não muito longe.

— Estou com um mau pressentimento — conto aos dois, mas minha voz se perde na confusão da cidade.



* O sistema de ensino australiano funciona de maneira diferente do nosso. O ensino básico tem doze anos ao todo, entrando o aluno, em geral, aos seis anos de idade.

Essa etapa da educação se subdivide em escola primária, até o ano sete, e escola secundária, a partir do ano oito. Frequentar as aulas é obrigatório apenas até o ano dez, pois os anos 11 e 12 são destinados à preparação para o ingresso nas universidades e dão ênfase à escolha que o aluno fará em sua graduação.



PRIMEIRO EXERCÍCIO

POESIA IOI

ALUNO: LEOPOLD GREEN

Onde eu morava

Eu morava com meus pais
Numa casa que fedia a cigarro
Tinha um gosto pegajoso de cerveja
A mesa da cozinha era um oceano amargo
Onde meus dedos se afogavam

Três portas me separavam das brigas
E à noite eu fechava todas

Deitava na cama e me protegia dos sons

Imaginando

Que eu flutuava

Anos-luz de tranquilidade

Interrompida pela respiração

E nada mais

Eu vagava pelo espaço

E pelos sonhos despencava

Em céus sombrios

Certas noites

Meu irmão Jake e eu pulávamos a janela

E atravessávamos o parque

Balançávamos no trepa-trepa por um tempo

A caminho da casa de nossa avó

Ela estava esperando

De camisola e chinelos

Procurando nossas sombras

Ela lia para nós

Poesia e contos de fadas

Em que espadas venciam dragões

E Jake nunca disse que era um monte de merda

Como pensei que fosse dizer

E então, uma noite,

Nossa avó parou de ler antes do final feliz

Ela perguntou:

— Leopold, Jake. Vocês querem vir morar

No quarto vazio aqui de casa?

Sua voz

Tinha o som do espaço e de céus sombrios

Mas, naquela noite, todos os meus sonhos
Ganharam chão



aminho até o muro. Há um pássaro amarelo deitado de pernas para o alto sob um céu azul com a palavra *Paz* grafitada em letras que ondulam através das nuvens.

— Acho que é tarde demais para dar uma chance à paz — diz Al. — Parece que ele está morto.

— Não — corrijo. — Ele está só dormindo.

Quase sempre, quando observo os trabalhos do Sombra e do Poeta, vejo algo diferente do que as palavras me dizem. É disso que gosto na arte, o que você vê às vezes diz mais sobre quem você é do que sobre o que está na parede. Olho para o grafite e penso que todo mundo guarda algum segredo, algo adormecido, como esse pássaro amarelo.

Olho e sinto algo, uma espécie de vitalidade. Isso não tem nada a ver com sexo, como diz a minha melhor amiga, a Jazz. Bom, para ser sincera, talvez tenha um pouco a ver com sexo, sim, mas se deve, principalmente, ao fato de eu saber que existe um cara por aí que não tem nada a ver com os outros caras que existem por aí.

— Preciso de mais detalhes — digo, os olhos ainda no muro.

— É o que eu já disse pra você. O Sombra faz a pintura. O Poeta escreve as palavras.

— Deu pra ver melhor dessa vez?

— O mesmo que eu vi antes: jovens e largadões — respondeu Al. — Mais ou menos da sua idade.

— Bonitos?

— Sou um velho de 60 anos. Não tenho como avaliar.

— Pra onde eles foram?

— A minha rua não tem saída, Lucy. Eles foram pro único lugar aonde podiam ir. Sento-me perto dele e me concentro.

— O que você está fazendo? — pergunta Al.

— Tentando bolar um plano para dobrar as leis do tempo para que eu chegue aqui cinco minutos antes.

Ele assente e ficamos olhando a fumaça da fábrica a flutuar pelo céu como seda suja.

— Conseguiu? — pergunta Al, depois de algum tempo.

— Não.

— Você vai encontrar o Sombra. É só uma questão de tempo. Desde que legalizaram esse lugar, ele tem trabalhado pra caramba por aqui. — Al checa o relógio. — Fiquei sabendo que você terminou o ensino médio hoje. Você e a Jazz não vão dar uma saidinha?

— A gente vai se encontrar lá pelas nove e meia, no Feast Lanches.

— Tarde, né?

— A Jazz quer cair na noite. Se jogar numa aventura madrugada adentro.

— Dá tempo de você me ajudar com uma peça antes de ir? — pergunta Al. Faça que sim com a cabeça e entro com ele.

Sou viciada neste lugar. No calor que vem do forno. Nos meus músculos queimando enquanto ajudo o Al a soprar o vidro. Doem do peso da peça na extremidade do tubo. Doem com a ideia de que num lugar como este, tão feio, um lugar de ferrugem, suor e aço, possa surgir algo brilhante como o amor.

Agradeço muito à sra. J., minha professora de arte, por haver me apresentado ao Al. No começo do ensino médio, ela nos levou numa excursão ao estúdio dele. Ficamos todos atrás de uma cerca de segurança feita de arame, olhando-o soprar o vidro. O calor do forno me queimava, mas eu tinha a impressão de que era eu que emanava o fogo. Nunca tive tanta vontade de mexer com uma coisa.

Al ofereceu um curso gratuito de confecção de vidro, de seis semanas, para um aluno selecionado pela sra. J., e ela me escolheu. Eu tinha que chegar às sete da manhã no meu primeiro dia, mas estava tão empolgada que apareci às seis e meia. Al já estava lá, cantarolando Johnny Cash e derretendo queijo na torrada com um maçarico.

— Que bom — disse ele, apagando o instrumento. — Você chegou na hora do café.

Sentamos nos degraus da escada e comemos as melhores torradas com queijo derretido que eu já havia provado.

— Chamamos este lugar de hot shop porque os fornos lá dentro são aquecidos a mais de mil graus — explicou Al. — Você já se queimou com algo tão quente?

— Não — respondi.

— Então, vamos continuar assim. Você faz o que eu mandar, veste o que eu mandar e aprende o que eu mandar.

Fiz que sim.

— Você está quieta porque está nervosa? — perguntou ele.

— Estou quieta porque estou ansiosa. — Contei-lhe sobre como eu me senti ao vê-lo trabalhar

o vidro. Era como se ele fizesse um mundo numa bolha de mel.

— A primeira vez que eu vi um artesão soprando vidro, fiquei sem palavras — contou ele, levantando-se. — Eu não tinha nada por dentro, só luz e cor.

Depois que o curso acabou, o Al disse que podia continuar sendo meu professor. Eu pagava metade dos custos limpando o estúdio uma vez por semana. Minha mãe e meu pai pagavam a outra metade. Desde então, venho limpando o estúdio e tendo aulas. Ontem, graças ao Al, terminei o meu portfólio de arte do terceiro ano do ensino médio.

— Concentração — diz ele hoje à noite, usando jornal molhado para virar e modelar a massa incandescente. Ele faz sinal com a cabeça para que eu sobre o bocal e cubra a abertura com o polegar, prendendo o ar. O vaso infla com o meu sopro. Quando o Al faz sinal de novo, coloco a peça dentro do glory hole* para manter a temperatura. — Com vidro, você tem que trabalhar depressa — foi o que o Al me disse no primeiro dia. — Nós o aquecemos no glory hole ou usamos o maçarico para manter a temperatura. Muito frio, ele quebra. Muito quente, ele perde a forma. Mas, conhecendo suas propriedades, você pode fazer com ele quase tudo o que quiser. — Naquele dia, Al criou um sol com o sopro.

Puxo a peça para fora do forno e pouse-a sobre o banco, girando o tubo lentamente. Al usa jornal para virar e modelar mais um pouco. O papel esquenta e queima, salpicando o ar de estrelas.

Quando terminamos, as mãos velhas do Al se movem suaves como água e separam o vidro da ponta do tubo sem o quebrar. Depois de colocarmos a peça dentro do annealer** para esfriar, ele diz:

— Acho que você está pronta para ser promovida. Estive pensando. Pode continuar trabalhando aqui enquanto estiver na faculdade. Vou pagar em dinheiro, não em aulas. Chega de limpeza. Somente trabalho em vidro.

— Está falando sério? Eu serei sua assistente?

— Você trabalharia com o Jack e a Liz. Está interessada?

Al é um dos melhores artistas da cidade no trabalho em vidro. Balancei tanto a cabeça que mais parecia um festival de sins.

— Bom — disse ele. — Bom.

Sentamos do lado de fora por mais um tempo, eu esperando uma reaparição do Sombra. Tenho um sentimento forte quando devaneio com ele. Não estou acordada nem dormindo. Estou em um corredor azul-claro entre os dois estados.

— Como vão as coisas na sua casa? — pergunta Al.

— Normal. Melhores. Meu pai ainda está morando no galpão, mas aparece em casa cada vez mais, e não só pra ir ao banheiro. Acho que ele vai voltar logo.

— Ótimas notícias.

— Sim. Na verdade, sempre foi uma mudança temporária. E agora eles não têm brigado mais. Então, sabe como é... — Olho adiante, para o pássaro adormecido. Imagino o Sombra movendo o braço, borrifando o amarelo sobre o cinza. Borrifando o brilho do sol.

Mamãe trabalha meio expediente como assistente numa clínica odontológica, e, no resto do tempo, é romancista. Meu pai é mágico e comediante, e trabalha meio expediente como taxista. Durante alguns meses, antes dele se mudar para o galpão, a minha mãe e ele estavam tendo

brigas horríveis por besteira. Então, um dia, eles simplesmente pararam de brigar. Cheguei da escola e percebi o silêncio pairando sobre a rua. Quando entrei no quintal, papai estava na frente do galpão, bebendo limonada e cozinhando salsichas com batatas desidratadas sobre um fogareiro pequeno de acampamento.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Vou ficar morando no galpão por uns tempos. Só até a sua mãe terminar o livro e eu escrever o meu novo show. — Ele mexeu nos espetos. — Quer jantar na minha casa?

— Sua casa é a minha casa, pai. — Sentei do lado dele e, enquanto ele cozinhava, tentei descobrir o que estava acontecendo. É verdade que eles andavam brigando, mas o meu pai e a minha mãe estão juntos há trinta anos. Ele sempre fala de como foi romântico eles terem se conhecido na cantina da universidade. Ele pediu o sal para ela; ela, o açúcar para ele. — Um romance como esse não pode terminar em batatas desidratadas — falei para a minha mãe.

— Lucy, é uma sorte um romance terminar em algo que dá pra jogar água e reidratar — respondeu ela.

A ideia não me consolou.

Ela jantou com a gente naquela noite, quando chegou em casa, o que me deixou ainda mais confusa. Eles não brigaram. Minha mãe disse para o meu pai que as batatas estavam deliciosas.

— Pare de me olhar desse jeito — pediu ela. — Eu e seu pai precisamos de espaço para escrever. Não quero sugar saliva dos outros pelo resto da minha vida, nem seu pai quer dirigir táxi pelo resto da vida dele.

Dava para entender. Minha mãe e meu pai não são o tipo de gente que se pode chamar de normal. Ela tem uma foto do Orson Welles na parede e usa uma camiseta nas reuniões de pais e professores escrito: SE VOCÊ NÃO QUER UMA GERAÇÃO DE ROBÔS, FINANCIE AS ARTES. Ele sabe tirar flores de orelhas e fazer malabarismos com fogo.

Mas eles sempre foram normais no que se refere a amor e casamento. Meu pai está fora de casa há mais ou menos seis meses. Ele nos visita bastante; só que mora no galpão. Eles parecem felizes, mas, se quer a minha opinião, é tudo muito estranho.

— Quem pode dizer o que é estranho? — pergunta a minha mãe quando eu toco no assunto.

— Eu — respondo. — Eu posso dizer.

Ela revira os olhos.



Empurro a bicicleta até o muro antes de me despedir do Al. Quando toco a pintura, um pouco do céu azul-claro sai nas minhas mãos. Eu não tinha notado antes, mas, no canto, tem um garoto olhando com um ar confuso para o pássaro.

— Tem um garoto aqui. Você tinha visto?

— Tinha — responde Al.

Dou um adeus e sigo empurrando a bicicleta ladeira acima. A Jazz me liga quando estou a meio caminho do topo. — A Daisy e eu já estamos aqui. Onde você está?

— Estou chegando. Dei uma volta maior porque o Sombra e o Poeta estiveram no Al.

— Você conseguiu ver os dois?

— Cheguei cinco minutos atrasada, mas agora eu tenho ainda mais provas de que o Sombra existe e é da minha idade. — Sei exatamente o que ela vai responder.

— Lucinha, o trabalho dele é bem legal, e eu não estou dizendo pra você não dar uns pegas nele se o encontrar. Mas, até lá, eu posso citar pelo menos um garoto e meio que gostaria de sair com você.

Tudo bem, eu *quase* sabia o que ela ia responder.

— Um e *meio*? Será que algum garoto foi fatiado pela porta de um ônibus?

— Simon Mattskey talvez esteja interessado, mas morre de medo daquela história toda do nariz. Eu disse pra ele que é lenda urbana.

— Vou desligar.

— Só não se esqueça: pinturas também provam que os homens das cavernas existiram. O Sombra pode não ser o cara que você está esperando.

Desligo o telefone e sigo andando com calma. A Jazz acha que eu não tenho muita experiência quando o assunto são garotos. Tive experiência com uns por aqui, e é por isso que eu sei que não quero repetir a experiência. A história do nariz aconteceu no dia 11 de junho do primeiro ano do ensino médio. Uma data difícil de esquecer.

A Jazz ainda não tinha vindo para a nossa escola. Por isso, ela nunca ficou sabendo da história verdadeira. Na época em que ela chegou, a história já estava toda mudada, aumentada e meio esquecida, e eu queria que assim ficasse.

O cara era um daqueles que a gente chama de turista: aqueles que passam muito tempo sem aparecer, porque matam muita aula. Eu já o conhecia de vista, mas só reparei mesmo nele no começo do ensino médio, quando caímos na mesma aula de artes.

Era uma matéria eletiva naquele ano, e eu tive a sensação de que ele pensou que seria uma opção fácil. Na maioria das vezes em que eu o olhava, ele não estava desenhando. Recostado na cadeira, e me sacando. E sempre que ele fazia isso, eu sentia como se eu tivesse lambido a tomada. Saía faísca. Depois de um tempo, as faíscas viraram eletricidade, e, quando ele me chamou para sair, meu corpo inteiro se eletrizou num nível tal que, tecnicamente falando, eu deveria ter morrido. Eu tinha absoluta certeza de que a gente não combinava em nada, mas uma garota não pensa direito quando está a ponto de ser eletrocutada.

Eu gostava dos cabelos bagunçados dele. Do sorriso, que vinha de lugar nenhum e ia embora do mesmo jeito. De ele ser tão alto que eu tinha que levantar a cabeça para olhá-lo nos meus sonhos. Eu adorava as camisetas dele. Quando ele me chamou para sair, estava usando uma que tinha um cachorro levando um homem pra passear numa coleira. E tinha sempre aquele espaço em torno dele. O tipo de espaço em que eu ficaria na fila para entrar.

Enfim, a noite não correu muito bem porque eu quebrei o nariz dele. Foi um acidente, aconteceu quando soquei o rosto do garoto porque ele passou a mão na minha bunda.

Meu pai ainda estava morando em casa na época e, antes de sair para o encontro, contei a ele todas as coisas que eu esperava conversar com o garoto.

— Talvez sobre *O Sol É para Todos*, o livro que a gente está estudando. Talvez sobre Rothko, de quem a sra. J. mostrou umas pinturas.

— Está parecendo que vai ser romântico — comentou o meu pai. — Sua mãe e eu tivemos um primeiro encontro bem romântico. Ela estava estudando para ser escritora e eu, para ser

comediante, então nós fomos ver um filme do Woody Allen que ficava mais ou menos entre as duas coisas. Não me lembro o nome do filme, mas lembro do cheiro da sua mãe, de chá verde adoçado.

Eu estava com essa história na cabeça quando cheguei para o meu encontro no Feast, a lanchonete que fica aberta a noite toda, onde os turistas da escola batem ponto. Só que o papo não fluiu. Eu fiz umas perguntas e ele me respondeu com uns ruídos. Ficamos um olhando através do outro, para as paredes, até que a comida chegou. Então, ficamos olhando a comida.

Enquanto a gente andava para o cinema, eu mencionei *O Sol É para Todos*. Ele fez um silêncio maior do que o silêncio em que a gente estava antes. E agarrou a minha bunda.

— Merda — gritou ele quando eu lhe acertei uma cotovelada no rosto. — Merda, acho que você quebrou o meu nariz.

— Você não devia ter pegado na minha bunda. Não se faz isso num primeiro encontro. O Atticus Finch nunca teria feito isso.

— Você tem namorado e está saindo comigo? — berrou ele.

— Não!

— Então que porra de Atticus Finch é esse?

— É do livro que a gente está lendo na escola.

— E você vem me falar de livros? Comigo aqui sangrando pela rua? Merda. *Merda*.

— Para de me xingar. — Foi burrice falar de livros quando a camisa dele estava coberta de sangue por minha culpa. Mas nada estava acontecendo como eu havia planejado, e eu não aguento ver sangue. E eu estava tão desapontada por ele ter se mostrado um sarrador de bundas que saí correndo sem olhar para trás.

Quando cheguei em casa, minha mãe me olhou e disse:

— Já para o tanque. — Ela segurou meus cabelos longe do meu rosto enquanto eu vomitava com tanta violência que quase virei do avesso. Não contei para ela o que eu havia feito. Disse apenas que ele não era quem eu tinha imaginado. Minha mãe acariciou meus cabelos e disse: — Às vezes, eles não são mesmo. Às vezes, eles nos fazem vomitar.

Aquilo não me consolou.

Mas o Sombra não me faria vomitar. Tenho certeza disso. Ele vai ser um cara que gosta de conversar sobre arte, não um sarrador de bundas. E, como diz o meu pai, amor e romantismo são coisas pelas quais vale a pena esperar.

No alto da ladeira, começo a pedalar. As luzes da cidade brilham, piscam, e eu voou pelo meu corredor suave, pensando no Sombra. Ele está lá fora, em algum lugar da escuridão. Espalhando cor. Pintando pássaros e céus azuis na noite.



Ponho o cadeado na bicicleta e entro no Feast. Não tenho vindo muito aqui, porque é a cena do crime do meu primeiro encontro. Jazz e eu vamos mais à lanchonete da rua Kent. Ela trabalha lá todo sábado, lendo a sorte das pessoas.

— Tive a minha primeira experiência aos cinco anos — contou ela no dia em que a conheci. — Eu não sabia o que queria dizer *vidente*, mas sabia exatamente onde a minha mãe tinha

escondido o chocolate. E sabia exatamente a hora de correr para que ela não me pegasse comendo.

Parei de duvidar das suas previsões quando ela me disse que eu era alérgica a suco de goiaba, que eu nunca tinha provado. Bebi um litro em nome da ciência. Meu pai me chamou de Cara de Lua por semanas.

Quando chego, a Jazz está à mesa do fundo, vestida para matar e chupando um pirulito. Minha mãe deixa à mostra fotografias horríveis de dentes cariados sempre que a Jazz fica lá em casa.

— A senhora vai precisar de mais do que isso pra me impressionar, sra. Dervish — adverte Jazz. — Vejo o futuro. Meus dentes estão ótimos. — Minha mãe revira os olhos.

Os cabelos longos e escuros da Jazz têm trancinhas e flores aqui e ali. Ela está usando um vestido rosa e botas de cano alto que comprou num brechó na rua Delaney. A etiqueta dizia quinze dólares, mas ela convenceu o rapaz a baixar para dez.

Antes da Jazz mudar de estado e entrar para nossa escola, ela estudava na tradicional Benton Girls' Grammar. O uniforme de lá era uma saia abaixo do joelho, meias brancas acima do joelho, blusa branca, gravata e blazer.

— Você fica igual a uma múmia — contou ela. — E não permitem maquiagem, joias e *chicletes*.

Precisei ver uma foto para acreditar. Jazz estava de uniforme, certo. Mas, no canto da saia, tinha uma florzinha azul costurada.

— Não ser uniforme, sempre que possível, era a minha regra — explicou.

Perto da Jazz, Daisy segue a mesma regra. Está usando um vestido preto, tipo tubinho, e sandálias de seda verde. A roupa combina com os olhos dela, mar de inverno cercado de preto, que se destacam ainda mais por causa dos seus cabelos, louros e curtos. A risada da Daisy me faz pensar numa peça que o Al fez para mim um dia: um vidro violeta bem escuro, com curvas para fora e para cima. Ela é o tipo de garota que o pessoal sempre olha quando passa. O tipo de garota que gosta de ser olhada.

Olho no espelho. Pareço ter dormido com a minha calça jeans desbotada e a minha camiseta do Magic Dirt.* Pensando bem, talvez eu tenha dormido com eles. Puxo os meus cabelos para cima, enrolo e prendo com dois pincéis, para não caírem na cara. Foi a Jazz quem me deu a dica dos pincéis. Tenho muito cabelo para usar grampos.

Sento à mesa.

— Você está atrasada. — Jazz me aponta o pirulito, olhando séria.

Roubo uma batata frita.

— Se o plano é virar a noite, então qual é a pressa?

— Ela teve um pressentimento — avisa Daisy. — Os próximos garotos que entrarem aqui vão ser aqueles com quem vamos ficar.

— Você já deu uma olhada nos frequentadores desse lugar? — pergunto.

— A Lucy está certa — diz Daisy. — Tem uns nada bonitos.

Daisy conhece o pessoal. É tão turista quanto eles, por isso vem muito aqui. Jazz e eu só começamos a andar com ela há um mês, quando nos colocaram num grupo juntas na aula de inglês. Eu sempre gostei dela. Só que fomos a lugares diferentes, com pessoas diferentes.

Convidar a Daisy para passar a noite com a gente aconteceu num impulso. Hoje à tarde, nós

três ficamos agachadas atrás de uma moita, nos escondendo do namorado dela, o Dylan, e dos colegas dele. Estavam jogando ovos em cima de todo mundo para comemorar o fim do ensino médio.

— O romantismo está precisando seriamente ser ressuscitado — disse Daisy, com gema escorrendo pelo rosto. Ela olhou para a Jazz e para mim, coberta de ovos. — Sinto muito pelo meu namorado ser tão idiota. Não tem volta, vou terminar com ele. Amanhã. Se eu fizer isso hoje, não vou ter com quem sair na última noite do ensino médio.

— Sai com a gente — convidou Jazz.

Outro ovo atingiu a Daisy no rosto. Ela não precisava de mais nenhum convencimento.

— Você vai mesmo terminar com o Dylan? — pergunto, enquanto ela olha na direção do banheiro. — Vocês estão juntos desde o começo do ensino médio.

— Vou, sim. Não sei como fiquei com ele até hoje. É tempo demais pra explicar como insanidade temporária.

— A Lucy quer um romance. — Jazz diz isso como se fosse eu a garota sofrendo de insanidade temporária. — Vamos entrar em ação! Meus pais estão do outro lado do oceano, numa conferência de Direito, então, eu tenho uma última noite pra encerrar oficialmente o ensino médio. São quinze horas pra compensar um ano de estudo pesado. Não saio com ninguém desde as provas do meio do ano. Sabe o que isso faz com uma garota? As anotações no meu diário do terceiro ano não podem ser todas: *Fiz dever de casa, fiz mais dever de casa, vi TV, passei fio dental, beijei e dei boa noite pros meus pais, vi mais TV escondido*. Amanhã, vou escrever: *Passei a noite fora. Beijei Fulano. Fim do ensino médio*.

Jazz quer ser atriz. Ela se inscreveu no curso de Teatro da Faculdade de Artes. Tem que apresentar dois monólogos e fazer uma entrevista. É com os monólogos que ela está preocupada, mas tenho certeza absoluta de que ela vai passar na audição. Ela tem talento para o drama.

— Minha professora disse que eu preciso de um pouco de emoção verdadeira pro monólogo da audição. Então, se eu não beijar alguém nas próximas doze horas, vou me arrepender pelo resto da vida.

— Então, beije o garoto — aconselho. — Não *qualquer* garoto.

— Tudo bem. Vou beijar um cara bonitinho. Como aquele ali — diz ela, apontando para a entrada.

— De jeito nenhum — dizemos juntas eu e Daisy.

— Ele é perfeito. — Jazz se olha no espelho. — Leo Green é da minha turma de inglês. Gosto de como ele escreve. Não conheço o cara que está com ele.

Daisy dá uma risada.

— É o Ed Skye. Lucy, você se lembra dele?

— Vagamente.

— Ele é demais — elogia Jazz. — Perfeito pra você.

Daisy para de rir.

— Com isso, só sobra o Dylan pra mim. Eu não quero o Dylan.

— Vamos achar alguém pra você no caminho — diz Jazz. — Prontas?

— Não — respondemos Daisy e eu.

— Bom. Vamos lá. Vamos descobrir o que essa noite quer da gente.

— Na verdade, eu preferia que a noite ficasse querendo — respondo.

— Sem chance — responde Jazz, entregando para a Daisy e para mim um pedaço de chiclete. Eu não tinha mesmo pensado que tivesse chance.

Certas coisas levam uma eternidade. Esperar ônibus debaixo de chuva. Fazer depilação pré-verão. Ficar na fila do ingresso para assistir ao show do ano. Esperar por um café de manhã. Mas caminhar até esses caras não é uma dessas coisas.

Pisco e olho para a ponte fora da janela que está atrás deles. As luzes da ponte estão enviando pequenas mensagens de aviso: passe pela mesa, corra, vá para o estúdio do Al e espere na escada a volta do Sombra.

— Oi — cumprimenta Jazz, junto à mesa.

Leo olha para ela e sorri.

— Oi.

— Oi — diz Dylan.

— Fica na tua — responde Daisy, e faz as apresentações: — Ed, esta é a Jazz Parker. Só um alerta: ela é vidente. Então melhor tomar cuidado quando pensar besteira. Você conhece a Lucy. Leo, você conhece a Jazz e a Lucy. Jazz e Lucy, vocês conhecem o Dylan. É o idiota que jogou ovos na gente hoje.

Ed olha para mim como se quisesse me ver sumir, e eu, se tivesse escolha, faria o que ele está querendo: viraria fumaça e sumiria. Quero sentar do outro lado da mesa, longe dele, para ele não pensar que eu estou interessada, mas não tem lugar do outro lado, então eu me sento o mais longe possível dele e tento uma experiência extracorpórea. Isso não ficaria mais bizarro nem se a gente quisesse.

— Vamos lá fora um estantinho? — Leo pergunta para a Jazz, e eles saem. A Daisy os segue e o Dylan a segue. É, poderia ficar mais bizarro se a gente quisesse.

Não pense no Ed. Pense no Sombra. Pense em encontrá-lo. Pense no que você diria se ficasse cara a cara com ele. Pense em levá-lo ao estúdio do Al e mostrar vidros cor-de-rosa brilhantes que se incendiam na luz. Pense na noite lentamente se transformando em dia, e no Sombra não desaparecendo, e em você lá, não desaparecendo com ele.

Olho para o Ed. Ele está olhando pela janela, mandando para o Leo um polegar para baixo. Espero que ele olhe para mim e lhe dou dois dedos em V. Ele me responde com dois dedos em V. Mando o dedo do meio. Ele faz o mesmo. Não conheço nenhum outro sinal, então invento um. Três dedos. Segura essa, cara. Ele mostra quatro. Pego os seus quatro e lhe mostro cinco. Ele passa direto para dez e faz qualquer coisa com o polegar que me perturba. Batuco com as mãos no meu colo. Ed batuca no colo também.

— Bom. — Jazz volta para a mesa. — Vocês estão conversando.

— Não acredito que você ainda tenha raiva de mim — diz Ed.

— Você passou a mão na minha bunda.

— Você quebrou o meu nariz.

— Você quebrou o nariz dele? — pergunta Jazz. — Você passou a mão na bunda dela?

— Já faz dois anos...

— Dois anos, quatro meses e oito dias — completo.

— ... e eu tinha 15 anos. E ela quebrou o meu nariz por causa de um escorregão.

— Espera aí. Como assim você escorregou em cima da bunda da pessoa? — pergunta Jazz.

— Foi uma escorregada. Cometi um deslize, entende, e ela quebrou meu nariz.

— Você deu sorte por eu ter quebrado só o seu nariz — digo.

— E você deu sorte de eu não ter chamado a polícia.

Leo, Dylan e Daisy voltam para a mesa.

— Vocês sabiam que a Lucy quebrou o nariz do Ed? — pergunta Jazz.

Ed fecha os olhos e, em silêncio, bate com a cabeça na parede.

— Eu que levei o Ed pro hospital — responde Leo, rindo. — Ele teve que ficar umas cinco horas com uma daquelas camisolas que deixam a bunda de fora.

— A bunda de fora — repete Dylan, batendo na mesa várias vezes.

Tudo bem, se alguém disser *bunda* mais uma vez, vou precisar de terapia por um bom tempo.

— Não acredito que ele apertou a sua bunda — diz Jazz. — A sua *bunda*.

— Beleza. Preciso dar um pulo no banheiro. — Levanto da mesa e toco nas costas dela. — É... acho que você também precisa.

— Sêrio? — pergunta ela.

— Sêrio — respondo. — Todo mundo pro banheiro. — Leo ri e se levanta. — Você não.

— Cuidado — diz Ed para o Leo. — Não é bom mexer com ela.

Ouçõ a risada dele até a porta do banheiro se fechar. Antes que se feche, dou uma reboladinha. Tira o olho, gatinho.



* O segundo do conjunto moderno de três fornos usados para produzir objetos de vidro por processo de sopro. Em geral de forma cilíndrica, esse forno serve para reaquecer ou manter aquecido um objeto de vidro ainda não concluído. (N.T.)

** Terceiro dos três fornos, é onde a peça de vidro fica depois de concluída, para que esfrie adequadamente. Também funciona como forno de recozimento. (N.T.)

* Magic Dirt é uma banda de rock australiana que se formou nos anos 1990. (N.T.)



la rebolou a bunda de propósito — diz Leo, rindo. — Gosto dela.

Rio também, até elas entrarem no banheiro, e então paro.

— Mas eu não. Vou pra casa.

— De jeito nenhum — responde Leo. — Eu quero sair com a Jazz e ela quer alguém pra Lucy.

— Eu não sou alguém pra Lucy.

— A Jazz acha que é.

— A Jazz pensa que é vidente. É doída, isso sim.

— A Daisy não vai sair sem as outras duas — avisa Dylan. — Tá furiosa porque eu taquei ovo nela hoje de tarde.

Nós três ficamos um segundo pensando nisso.

— Foi burrice tacar ovo nela — admite Dylan.

— Flores funcionam melhor. — Leo se aproxima de mim. — Galera, a gente tá com tempo antes do trabalho e tem três gatinhas legais querendo aventura. Qual é o problema?

— Minha última aventura com ela acabou no hospital. Esse é o problema.

— Então não mete a mão na bunda dela de novo.

— Vou tentar me lembrar disso.

A primeira pintura que eu fiz foi para a Lucy. Uma garota com estradas, rios e desertos se

cruzando sobre a pele. Rodovias no pescoço, que seguiam toda vida, atravessando o país. Do lado dela, um cara com o capô do carro aberto e fumaça saindo do motor.

Pintei uma semana depois que ela me socou. No meio da noite, com um esparadrapo branco no nariz e duas manchas roxas debaixo dos olhos. Nem quis saber se tinha polícia por perto. — Podem me prender — tinha planejado dizer se aparecessem. — Vamos, me prendam, porra.

A polícia não apareceu, e eu fiquei ali até o sol manchar a escuridão. E o nascer do sol nem foi bonito. A fumaça das fábricas dissipou a cor antes que ela tivesse uma chance, e o céu ficou branco e nublado.

Levei meses para chamar a Lucy para sair. Eu ficava rondando o armário dela, seguindo-a no caminho das aulas e do almoço. Procurei até no Google. Achei uma foto do começo do ano no site da escola, de quando fomos à Galeria Nacional de Arte. Ela estava olhando uma pintura de Rothko, e eu era um pontinho triste lá no fundo, olhando para ela. Estava dando uma olhada nos Vermeers e, de repente, lá estava ela. As pérolas, os olhos, a pele, a boca, tudo.

Espiei-a na aula de artes enquanto ela fazia aqueles desenhos de coisas entrelaçadas. Pessoas emaranhadas em nuvens, em estrelas, em outras pessoas. Ela trabalhava com carvão, esfumando as linhas na página. Às vezes, não dava para ver onde uma coisa acabava e outra começava. Às vezes, o ponto de conexão era explosivo.

Eu ficava sonhando que ela e eu estávamos entrelaçados assim. Sonhando com a pinta que ela tem no pescoço, um pequeno país. Eu queria visitá-lo, pintar o que encontrasse lá, um muro com um mapa no lugar da pele dela.

A sra. J. nos juntou num trabalho de pesquisa sobre Jeffrey Smart,^{*} e, durante duas semanas, eu observei aquela pinta. Então, um dia, a Lucy levantou os olhos do livro e me pegou fazendo planos de viagem.

— O que foi? — perguntou.

— Nada — respondi. — Só estava pensando. A gente podia ir ao cinema.

Ela ficou lá, sentada, batendo de leve com a caneta na mesa. O meu sangue pulsava, e eu era um desespero só, e não estava nem um pouco calmo, lá, sentado, fazendo planos de me mudar para algum país longínquo, fora do mapa. Mas então ela disse que sim, e meu peito foi sugado para não sei onde, e eu andei por aí com aquele buraco em mim durante toda a semana. Ficava pensando que eu não ia chegar até sexta à noite. Que alguma coisa ia acontecer antes para atrapalhar a minha sorte, alguma coisa como o lançamento de uma bomba nuclear que acabasse com todos os lugares possíveis para nos encontrarmos.

— Sinistro! — exclamou Leo quando liguei para ele ir me buscar, porque a Lucy me deixou na calçada com o nariz quebrado. Nem ao menos ligou para saber se não havia me matado. Um encontro como aquele faz um cara desejar que joguem a tal bomba. Na casa dele.

— Que será que elas estão falando lá dentro? — pergunta Dylan, olhando na direção do banheiro.

— Aposto que estão falando da gente. — Leo se recosta. — Garotas e dinheiro numa noite só. Estou com um bom pressentimento. — Ele olha para trás, já olhou umas cinquenta vezes desde que chegamos.

Não o culpo por olhar. Malcolm Pombo é um dos caras mais assustadores que conhecemos. O único cara mais assustador que ele é o Dave Maluco, que desafiou o Malcolm a comer a barata.

O Dave Maluco só tinha que comer uma barata a mais que o Malcolm para vencer a aposta, mas comeu cinco só para fazer graça.

Leo talvez diga que não está nem aí se o Malcolm ou a policia vão pegá-lo, mas está. Enquanto ele e o Dylan ficam rindo, eu olho pela janela e penso no céu do livro do Bert. Em como as nuvens parecem estar se movimentando quando não estão. São as mesmas passando de novo e de novo e de novo.



* Jeffrey Smart (1921-2013), pintor australiano conhecido por suas representações modernistas de paisagens urbanas. (N.T.)



ora de falar sério, então a Jazz e eu entramos juntas numa mesma cabine do banheiro. Daisy se espreme conosco.

H — Isso é algum tipo de cone do silêncio? — pergunta, depois da Jazz trancar a porta.
— Está mais para uma cabine da verdade — responde Jazz.

Jazz e eu nos conhecemos assim, quando ela chegou, no começo do ensino médio. Eu estava fechando a cabine quando ela empurrou a porta, fechou-a, tampou a minha boca e fez “Shhh”.

Escutamos a Holly Dover e a Heather Davidson entrarem no banheiro e gritarem o nome da Jazz.

— Ela não está aqui — constatou Holly, quando ninguém respondeu. — Vamos olhar na biblioteca.

— É difícil se livrar delas — disse Jazz depois que foram embora. — Elas me seguiram desde a cantina. Tive a nítida sensação de que não quero ser amiga dessas duas mesmo antes de começarem a falar. Sou vidente — relembrou e olhou para mim, que olhava nervosa para o trinco da porta. — *Vidente*. Não maluca. Meu nome é Jazz Parker.

— Lucy Dervish — respondi. — Então, que tipo de coisas você advinha?

Ela destrancou o banheiro e se olhou no espelho.

— Tem uns cartões com dicas para a apresentação do trabalho de inglês de hoje no bolso esquerdo da sua calça, o de trás.

Eu conferi.

— É impressionante!

— Eles estão na ordem errada, e o terceiro cartão está debaixo da mesa da sua cozinha.

— Uma amiga vidente é muito útil. — Reordenei os cartões.

— Prevejo que serei — respondeu Jazz.

Somos amigas desde aquele dia. Eu andava com muitas pessoas diferentes antes dela. Gosto de ter amigos de várias tribos. Tinha dias em que eu ficava com o pessoal do meu grupo de leitura. Em outros, eu ficava com os meus colegas de artes. Às vezes, eu jogava xadrez. Outras vezes, eu pintava as unhas de preto.

Jazz também é assim, então eu acabei fazendo fácil uma melhor amiga. Ela é do tipo que se convida para os lugares e não entra nas panelinhas do ensino médio. Gosta de Palavras Cruzadas (Scrabble), fenômenos sobrenaturais, teatro, Shakespeare e esportes. Estuda mais que qualquer um que eu conheço.

— Sou eclética — disse Jazz para a Holly e a Heather uma vez, e eu percebi que elas tentavam descobrir qual era a dela.

Hoje, ela está olhando para mim quase sem piscar.

— Por que você mentiu?

— Eu não menti.

— A gente estava falando do Ed, e você não contou que ele era o garoto do nariz quebrado.

Isso é uma mentira, não é? — Ela olha para a Daisy.

— É uma omissão da verdade — responde Daisy.

— Ótimo. Por que você omitiu a verdade?

— Você não é vidente? Achei que sabia — respondo.

Ela me aponta o indicador.

— Você não vai se safar com uma piada.

— Eu me senti estúpida na época e me sinto estúpida agora. Eu sabia que você ia falar sobre isso assim que a gente saísse essa noite e, se soubesse que eu já gostei do Ed, ia querer me fazer gostar dele de novo. E eu *não gosto* dele.

— Mas ele é uma graça. E é amigo do Leo. — Ela baixa a voz. — Lucinha, quando a gente estava na rua conversando, o braço do Leo roçou no meu. E saiu faisca... *lá embaixo*.

Não consigo não rir.

— Então, sai com ele. Amanhã me conta.

— Quero contar tudo na hora que for acontecendo.

— Ele, na certa, vai achar estranho — digo.

— Quero que saia faisca de você também.

— Vou esfregar duas pedras quando eu chegar em casa. Prometo.

— Eu me lembro de quando sentia isso — diz Daisy. — Eu sentia isso com o Dylan. Agora ele nem vai comigo a Queensland na viagem de encerramento do ensino médio. Ele trabalhou o ano todo pra juntar dinheiro e gastou num Wii. Você não quer sentir isso? — pergunta ela para mim.

— Quero, mas não com eles. — Aponto na direção da lanchonete. — Quero alguém como o Sombra. — Não alguém *como* ele. — Na verdade, quero o Sombra.

— Alguém que você não tem quase nenhuma chance de conhecer — completa Jazz.

— O Dylan conhece — diz Daisy. — Conhece o Poeta também.

Tenho seguido a pista do Sombra há quase dois anos. A galera inventa muita coisa sobre ele o tempo todo. Ele está morto, está do outro lado do oceano, está estudando arte. Até onde eu sei, nada disso é verdade.

— Você quer dizer que o Dylan conhece alguém que conhece alguém que talvez os conheça.

— Não, ele conhece mesmo os dois. Fala disso o tempo todo. “Saí com eles, eles saíram comigo.” Parece que eles veem o Dylan mais do que eu. Ele age como se isso fizesse dele um cara legal. — Daisy fica pensando. — Acho que faz mesmo.

Agarro a Jazz pelos ombros, me revirando por dentro.

— Eu saio com vocês essa noite se a gente for procurar por eles. A gente pode ir aos lugares onde o Dylan acha que eles podem estar. Você tem sua noite com o Leo. E eu fico com o Sombra e vivo um romance.

— Se isso fosse um livro, a minha tia Glenda até ia ler — comenta Jazz.

— Por favor, por favor, por favor.

— Eu ficaria com o Poeta — diz Daisy para Jazz. — Ele escreve coisas muito bacanas. Você acha que existe algum tipo de faísca poética?

Jazz ri.

— Isso merece ser investigado. Tudo bem. Topo participar da caça ao Sombra. — Ela tenta abrir a porta para a gente sair, mas a fechadura emperrou. — Estranho.

— Será que isso é um sinal? — pergunta Daisy.

Jazz abre o zíper da bota e a descalça para bater com ela na fechadura. — Sinal que nada! — Bate. — Hoje à noite. — Bate. — Vai ser o máximo. — Bate. Ela calça novamente a bota e olha para nós. — Tudo bem. Vamos ter que pular por cima da parede para sair daqui.

Jazz sobe no vaso, escala o porta-papel higiênico e se lança para o outro lado.

— Impressionante — digo, e só então a gente escuta a Jazz cair no chão.

— Nem tanto — comenta Daisy.

— Isso não quer dizer nada — grita Jazz. — Confiem em mim. Sou vidente.



Saio do banheiro e a primeira coisa que vejo é o Ed. Eu sei, as chances não eram muitas, mas eu meio que esperava que ele tivesse deixado de existir enquanto a gente estava longe. Quando ele se virou, me deu um nó, mas atribuí isso ao tombo que levei ao escapar do banheiro. Ao tombo e à expectativa de encontrar o Sombra.

Não olhei para o Ed ao voltar a me sentar do seu lado à mesa. Não estou aqui por causa dele. Estou aqui pelo meu jovem e largado artista.

— A Lucy e a Daisy querem procurar o Sombra e o Poeta — conta Jazz.

— Quem? — pergunta Ed.

— Os grafiteiros — responde ela — Eles pintam pela cidade toda.

— Eles dizem que são escritores — informa Dylan.

— Tanto faz — responde Daisy. — A gente quer conhecê-los.

— O que quero mesmo é conhecer o Sombra — digo.

— Vou junto só pelo passeio — explica Jazz. — O Sombra deve ter problemas psicológicos sérios.

Leo ri e o Ed articula um “Vá se foder” com a boca. Leo ri mais ainda.

— Podemos procurar — diz Leo. — Boa ideia.

— Não, péssima ideia — rebate Ed. — Essa é a pior ideia que eu já ouvi. Como vamos saber onde procurar?

— A Daisy disse que o Dylan conhece os dois — explica Jazz.

— Sério? — Ed olha para o Dylan, que, do outro lado da mesa, parece que vai sair correndo a qualquer momento.

— Você estava mentindo? — pergunta Daisy. — Como sempre.

— Não estava, não. Vejo os dois o tempo todo. O Ed e o Leo veem também.

Ed não responde. Leo balança a cabeça de um jeito que pode significar sim ou não.

— Então, prove — desafia Daisy. — Leve a gente aos lugares que eles frequentam. E, se a gente encontrar com eles, você nos apresenta.

— Ele consegue — avisa Leo. — Não é, Dylan?

Prendo a respiração. Tudo gira por dentro. Pulmões, rins, coração, tudo. Por favor, que o Dylan não esteja mentindo. Até um idiota percebe que tem alguma coisa acontecendo entre os garotos. Mas eu acho que é porque o Ed prefere deixar de existir a sair comigo.

Imagino como é o Sombra: roupas respingadas de tinta, rosto cheio de ideias passando atrás. Por favor, por favor, por favor.

— Certo — responde Dylan devagar. — Sem problema.

— Agora quem tem que ir ao banheiro sou *eu*. — Ed olha para o Leo e o Dylan. — E alguma coisa me diz que vocês também.

— Homem não vai junto ao banheiro. Pega mal — responde Leo.

— Não é só isso que está pegando mal — acrescenta Ed. — Então *andem logo*.

Espero até eles irem embora e pergunto:

— Você acha que o Dylan está falando a verdade?

Daisy se olha num espelhinho de mão, que depois entrega à Jazz.

— Você quer que eu descubra?

— Não vamos cortar o clima chamando os meninos de mentirosos. — Jazz se olha no espelhinho também. — Detesto as minhas sardas — reclama, e me passa o espelho.

— Eu gosto — diz Daisy. — E não vou cortar o clima. Tenho um jeito especial de arrancar a verdade do Dylan.

— Qual? — pergunto.

— Um chute no saco.

— Bem especial — comento, devolvendo-lhe o espelho.

— Certo, vamos manter os pés no chão pra não bater paranoia — adverte Jazz, séria, apontando para nós duas. — Rápido, Daisy. Cospe tudo o que você sabe sobre o Leo antes que eles voltem.

— Ele é bicho solto. Um pouco menos agora que foi morar com a avó, mas ainda faz muita doideira.

— Pior do que quando ele amarrou as camisas dos garotos e usou de corda para fugir pela

janela da sala de aula enquanto o professor estava de costas? — pergunta Jazz.

— É, tudo mais ou menos nesse nível. O irmão dele, o Jake, esse sim teve problema com a polícia. Mas não sei muito mais do que isso.

— O Leo já foi preso?

— Foi parar na delegacia, mas saiu de ficha limpa. O Dylan nunca me contou o que ele fez. E a Emma, a ex-namorada, disse que ele vandalizou a casa dela.

— A Emma Forest? — pergunta Jazz. — A ex é a garota dos megape...?

— Pois é — confirma Daisy.

Jazz olha para os peitos. Ponho a mão no ombro dela.

— Garotos se ligam na personalidade também.

— Foram garotas que nem eu que deram essa fama pra ela. — Jazz olha para a Daisy. — Por que eles terminaram?

— Não sei, mas foi ano passado. Ele não namorou mais ninguém depois disso.

— Ninguém? Se ele tiver passado pela mesma secura que eu, vai ser fácil de pegar.

— Bem, não, ele tem *pegado* umas garotas. Um montão assim, ó. Muitas mesmo. Muitas, muitas e muitas...

— Tudo bem, já entendi — corta Jazz. — E o Ed? No caso da Lucy precisar de um plano B.

— Não vou precisar de um plano B. Ai. Não me chuta.

— Não tenho visto muito desde que deixou a escola, no primeiro ano. Ele estava saindo com a Beth Darling. Uma garota de colégio particular. Do St. Catherine, eu acho. Bonita, inteligente. Ele trabalha numa loja de tintas agora, lá pelo centro.

— Talvez seja por isso que eles conhecem o Sombra. Talvez, o Ed venda tinta pra ele — conclui Jazz.

— Talvez. O Dylan nunca falou nisso.

— Por que ele saiu da escola?

— Lucy.

— Por minha causa? Ah, me poupe!

— Estou zoando! — brinca Daisy. — Não sei bem por que ele saiu. Dizem que colou, mas o Leo falou que isso é viagem.

Ed saiu cerca de duas semanas depois do nosso encontro, mas nunca pensei que pudesse ser por minha causa. Eu achava que ele não estava mesmo muito interessado na escola. A gente ainda tinha muito para fazer no trabalho sobre Jeffrey Smart, mas, ele quase não ia às aulas. E, mesmo quando aparecia, ele se sentava lá longe, sem falar nem escrever. Então, eu fiz o trabalho por nós dois. E aí, antes da data de entrega, pegaram ele colando e foi expulso.

Eu ainda estava chateada com ele por ter passado a mão na minha bunda e ter jogado o trabalho todo nas minhas costas, mas fiquei triste por ele naquele dia. Olhei pra ele esperando que olhasse para trás e eu pudesse mandar um sorriso, mas ele não tirou os olhos roxos da janela.

Senti saudade depois que ele foi embora. Quer dizer, o que eu sentia por ele não morreu porque ele pegou na minha bunda. No fim de semana depois do nosso encontro, fiquei desejando esfaqueá-lo com a minha caneta de patinho, e de olho no telefone, torcendo para ele ligar. Ficar com alguém é bem complicado.

— Você está com um olhar estranho — diz Jazz para mim. — No que está pensando?

— Nada — respondo.

— Pode isso? — questiona Daisy. — Não ter absolutamente nada na cabeça? Digo porque às vezes eu pergunto ao Dylan no que ele está pensando e é isso que ele responde. Pelo menos uma vez na vida eu queria que ele dissesse que está pensando sobre a paz mundial ou em salvar as baleias ou coisa assim.

— Impossível — dispara Jazz.

— Não acho. Ele não é um idiotizado.

— Não, quero dizer que é impossível ficar sem pensar em nada.

— É isso que eu digo pra ele. Sabe como é, ser vidente... Aliás, como é que acontece? Você escuta as pessoas pensando?

— Tenho sensações às vezes. A minha mãe é mais vidente que eu. Ela tem um senhor sexto sentido pra me controlar dia e noite. Desde a primeira semana de provas que o alerta dela está no máximo. “Você vai ter tempo pra namorar depois das provas finais.” Ela ficava falando isso o tempo todo.

— Então, a hora é essa — dispara Daisy.

— *Oficialmente*, a hora é depois da minha audição. Mas, enquanto ela e o meu pai estão na Alemanha, na tal conferência, fico contando com o fuso horário pra escapar do controle dela. Mãe vidente e advogada é de matar.

Eu sei que a Jazz tem medo da mãe dela ter visto o futuro e descoberto que não vai rolar um Oscar para ela. Minha mãe, meu pai e eu sempre dizemos que algumas coisas não podem ser previstas. Ela quer acreditar na gente, mas não sei se, no fundo, acredita.

Depois que se mudaram para cá, a mãe da Jazz quis mandá-la para uma escola particular, como a que ela frequentava no leste da Austrália, mas a Jazz implorou para ir para a Daley High, porque temos o melhor programa de teatro da cidade. Os pais e ela entraram num acordo. Ela até podia ir, mas tinha que tirar boas notas, para ter uma carreira “verdadeira” como alternativa.

Quando a Jazz conheceu o meu pai, ele estava ensaiando sua nova peça. Ela ficou lá, assistindo, estourando bolas de chiclete. Quando ele terminou, ela passou uma hora perguntando sobre técnica, onde estudou, como se sustentava, o que pretendia da carreira. Acabou dormindo lá em casa.

— Ainda não estou preparada para voltar pra casa — contou.

— Como são os seus pais? — pergunta Daisy para mim. — Eles deixam você fazer as coisas?

— Deixam. São artistas. Eles se conheceram na faculdade e se apaixonaram loucamente.

Não olho para a Jazz. O casamento dos meus pais é um assunto sobre o qual a gente não fala quase nunca desde que eu pedi a ela que usasse suas habilidades de vidente para ver se a maneira como eles combinaram de viver era sinal de que iam se divorciar. Ela tirou o pirulito da boca.

— Tá na cara — respondeu. — Não é preciso ser vidente pra ver isso.

Eu fiquei quieta, e ela ficou quieta, até que, finalmente, ela me pediu desculpas.

— Foi uma piada de mau gosto, Lucinha.

Eu disse que estava tudo bem. Tudo bem. Ela passa muito tempo na minha casa, mas não conhece os meus pais como eu. Minha mãe diz que não vão se divorciar. Ela leva bem a sério a filosofia de sempre me dizer a verdade, então eu acredito nela. Perguntei na cara dela, numa noite em que a gente estava no banheiro, nos preparando para dormir:

— Você vai se divorciar do meu pai, não vai?

Ela me segurou pelos ombros e me olhou sem piscar.

— Já falei *quinzentas vezes*, juro que não. Eu amo o seu pai. Preciso de espaço pra terminar o meu livro, só isso. — Ela se espremeu toda para passar por mim e pegar o removedor de maquiagem. — Nem um cego se perde neste banheiro — comentou. — Essa casa é pequena demais.

— O pior cego é aquele que não quer ver — disse eu.

Ela revirou os olhos.

— Eu e seu pai enxergamos muito bem, Lucy. Somos casados. Nem todo mundo vive como sonhou.

Aquilo não me consolou.

Volto a prestar atenção na conversa e noto que a Jazz cortou o assunto, antes que os meninos voltem do banheiro.

— Certo. Quero viver algo novo essa noite. — Ela aponta para Daisy. — Você precisa de um namorado novo hoje. — E para mim. — Você precisa conhecer seu novo namorado hoje. — Distribui chicletes. — A gente tem mais ou menos sete horas para conseguir tudo isso antes do amanhecer.

— A gente devia ter começado a sair juntas há mais tempo — diz Daisy. — Nem dá pra acreditar que foi preciso um professor colocar nós três no mesmo grupo. — Ela olha na direção do banheiro. — Os meninos já estão lá dentro tem um tempão.

— O que vocês acham que eles estão falando? — pergunto.

— Aposto — responde Jazz — que estão falando da gente.



* Uma das invenções dos gênios loucos da série Agente 86 [Get Smart], clássico dos anos 1960. Tratava-se de um compartimento de acrílico com duas grandes bolhas, para conversas sigilosas. Como os outros equipamentos da série, não funcionava direito. (N.T.)



SEGUNDO EXERCÍCIO

POESIA IOI

ALUNO: LEOPOLD GREEN

Amor algemado

A garota que eu amava chamou a polícia
E mandou me prender
Disse que foi a melhor coisa que já fez
Depois de me dar um pé na bunda

Me deu adeus com a mão
Enquanto me algemavam
E achou engraçado
Quando eu tentei retribuir

O cara da viatura onde eu entrei com o Ed
Fedia como o meu pai
Depois de um porre
A fruta podre

E isso nela me fez pensar
Pensar em como a primeira coisa que eu notei
Foi que ela não era nada diferente
De tudo que eu já tive



— Não vamos passar a noite inteira procurando por nós mesmos — digo pro Leo. — É perda de tempo.

— Que nada, vai ser divertido. E você está precisando se divertir. Há meses que está assim, ó. — Leo faz uma careta.

— Não estou, não.

— Está.

— Vou ficar assim é se a Daisy me chutar. E ela vai, se achar que estou mentindo — diz Dylan.

— Você jogou ovo nela. É provável que ela termine com você de qualquer jeito. — Viro para o Leo. — A gente combinou. Era pra gente não contar pra ninguém. Que era tudo pela arte. Que quanto mais gente soubesse, mais chance tinha da polícia nos pegar. Era pra sermos só você e eu, mais ninguém.

— Tem certeza que eu não disse que era pra pegar mulher?

O Leo tem cara de que diria algo assim.

— Tenho — afirmo.

— Se a gente não mentir, não vai pegar ninguém — adverte Dylan. — Qual é, Ed. Eu te imploro. De joelhos.

— Você está na frente do mictório, pronto pra mijar.

— Não me faça ajoelhar de verdade. Sabe quantos germes tem num banheiro?

Tento não rir, mas não dá para segurar. Ele percebe que me ganhou.

— Duas horas e pronto — topo. — Não vamos dizer que somos nós, não importa o que aconteça. Vamos a alguns lugares, fingimos que estamos procurando e damos um jeito de mudar os planos.

Leo ri. Está adorando tudo isso. Já posso vê-lo lá fora. Jazz dizendo como acha legais os poemas, e ele sem conseguir guardar segredo. Olho bem nos olhos dele.

— Aconteça o que acontecer, não vamos contar pra elas.

— Aconteça o que acontecer — reafirma Leo.

Não acredito nele nem um pouco. Mas, ainda assim, não vou dizer à Daisy que o Dylan mentiu. Porque ele está numa neurose tão grande que eu chego até a achar que ele gosta mesmo dela, mas age como se não gostasse. E, se ele gosta, não sou eu que vou estragar tudo. Sei como é ficar afinçado de uma garota. Ser arrastado até o furacão que passa quando ela passa e torcer para não ficar de quatro.

Sei bem como é, por causa da Beth.

Quando a conheci, já estava na loja há um tempo, mas parecia muito mais. Eu tinha a sensação de que as coisas estavam se movimentando em algum outro lugar, mas, ao meu redor, tinham parado. Todo dia, passavam pela loja de tintas garotos de mochila, rindo. Eu olhava para eles me sentindo o cara de um quadro do Jeffrey Smart. O sujeito de pé num mundo de concreto, com avenidas passando em torno dele. Ele pode até gritar, mas sua voz só vai ecoar de volta para ele. Pelo resto da vida.

Então, numa tarde, Beth apareceu com uns caras da escola dela. Garotos de camisa branca e gravata, olhando para mim como se eu não existisse. Enquanto eu pegava a tinta de que eles precisavam para o cartaz da escola, um deles perguntou:

— Você trabalha aqui o dia inteiro?

— ã-hã.

— Boa escolha profissional.

Recebi o dinheiro e passei a caixa sobre o balcão, dizendo educadamente:

— A cor que você escolheu é cafona. — Sorri, a Beth riu, e o garoto pediu para eu chamar o gerente.

Chamei o Bert, que se debruçou sobre a caixa, olhou a tinta e disse:

— Desculpa, o Ed estava sendo educado. Essa cor é uma merda.

Beth riu ainda mais, e foi aquela risada que me arrebatou. Eu estava me sentindo um nada desde que a Lucy tinha me acertado, mas aquela risada me fez pensar num muro com outras coisas além de estradas e carros quebrados.

Beth ficou na loja depois que os mauricinhos de camisa branca foram embora. Ela perambulou entre as prateleiras, olhando para mim de vez em quando.

— Você devia chamar essa garota pra sair — aconselhou-me Bert. — Quem não arrisca não petisca.

— A última vez que eu chamei uma garota pra sair, ganhei dois olhos roxos. Quem não arrisca também não quebra o nariz, até onde eu sei.

Mas, antes de ir embora, a Beth foi até o balcão e disse:

— Me convida para sair que eu aceito.

Então, convidei. E, depois daquele dia, ela tirou o peso do mundo das minhas costas, e eu pude respirar. A gente se sentava no alto da rua, perto da casa dela, eu ficava quieto e ela não quebrava nenhuma parte do meu corpo. Voltávamos para casa de bicicleta, entre o mar que era aquele céu de luzes das fábricas, estrelas imundas, e o mundo era um lugar para nadar.

No começo, havia momentos, passageiros, em que a gente se deitava e se aquecia. Sua pele cheirava a flores, minhas mãos, a terebintina, e sua voz reverberava em meus músculos. Eu a escutava com meu sangue e minha pele, e me esquecia de tudo. Esquecia, por exemplo, que um dia ela ia terminar o ensino médio e me largar. Que eu era um idiota comparado a ela. Esquecia, porque ela pairava sobre mim. O mundo era líquido, girava, e, pela primeira vez na minha vida, eu era líquido e com ele girava.

Eu não imaginava que um dia ela ia me escrever cartas e se perguntar por que eu não respondia. Que ela ia pensar que era porque eu não estava a fim dela, quando, na verdade, toda vez que eu tentava escrever, as palavras saíam errado.

— Isso não faz sentido — disse Leo, ao ler uma das minhas cartas. — Quer que eu escreva pra você?

— Não, não quero que você escreva pra mim.

Joguei a carta fora. Em vez de escrever, pinteí para ela. Os muros da Beth. Pela cidade toda. Pinteí pensando que ela os veria e saberia serem meus. Que ela ia continuar sussurrando segredos no meu ouvido. Eu queria que ela descobrisse que eu havia pintado os muros, mas sem que eu precisasse dizer. Um deles fica perto da estação da rua Hoover. Um retrato meu, grama brotando do meu coração enquanto falo com ela. Ela viu o muro, mas não nos viu.

Uns três meses atrás, na noite em que terminamos, eu pinteí o último muro, perto daquele. Na pintura, ela está ligando um cortador de grama. Tínhamos jantado com os pais dela, e eles me perguntaram o que eu pretendia fazer da vida. E as palavras que eu não disse pairaram no ar. Antes de eu ir embora, Beth perguntou:

— Você pretende fazer outra coisa, não é? Sem ser a loja de tintas.

Eu podia ter contado a ela naquela hora. Podia ter levado a Beth até o muro onde eu tinha pintado seu rosto, o rosto que fez grama crescer no concreto. Mas fiquei parado lá, junto ao portão, e disse:

— Sim, eu pretendo fazer outra coisa.

Minha voz saiu nua e crua. Beth ouviu os ossos das minhas palavras. Eu também ouvi. E eu soube. Um dia, um engomadinho de camisa branca ia roubar a Beth de mim. Um babaca que teria um diploma, enquanto eu não teria nada além de uma pintura num muro. Então, fui embora.



— Você contou os nossos nomes pra alguém? — perguntei ao Dylan antes da gente sair do banheiro.

— Falei pra Daisy que eu sei quem vocês são, só isso.

Estendi o braço e bloqueei a saída dele.

— Ok, contei pro Raff e pra um ou dois amigos dele os seus nomes verdadeiros, mas foi só isso. É sério.

Dylan tenta passar, mas mantenho o braço estendido.

— O Raff tem a maior língua da cidade. E se a gente der de cara com ele hoje?

— Não vamos. Ele vai pro cassino, como sempre. Não vai nem se aproximar da gente.

Cheguei mais perto dele.

— Se você disser mais uma palavra pra alguém, vou espalhar que você chorou hoje só porque acha que a Daisy vai terminar contigo.

— Você não vai fazer isso.

O telefone do Leo toca.

— Ele vai sim — confirma, atendendo.

Ele fala por um tempo e desliga.

— Temos que dar um pulo numa festa pra ver uns detalhes do trabalho com o Jake. Não vai demorar.

— Festa do Jake? Vai ser difícil de explicar pras garotas — digo.

— Não, vai ser perfeito. Ele não sabe que eu sou o Poeta.

— E se elas ouvirem sobre o...?

— Não vão.

— Mas podem.

Leo pede ao Dylan para nos esperar na mesa. Quando ficamos sozinhos, ele me diz:

— Olha, você não precisa fazer esse serviço, mas tem que me dizer agora. Depois que a gente falar com o Jake, as coisas vão estar acertadas. — Ele me deixa pensar. — Eu não vou me importar. Nem o Jake.

— Eu sei. — Leo não fica chateado por nada. Vou escrever a sua redação, vou falsificar a sua nota, vou meter a porrada naquele cara por você, sem problema. Mas ele não pode falsificar e socar para sempre. E não pode pagar a minha parte do aluguel. Tenho que fazer isso, ou a minha mãe vai dizer que tem a obrigação de tomar conta de mim e vai largar os estudos. Mas ela já tomou conta de mim tempo demais. — Eu topo — digo, e o Leo balança a cabeça. É isso. Ele não vai perguntar de novo.

Voltamos à mesa. Dylan está dizendo às garotas que vamos a uma festa onde talvez o Sombra e o Poeta estejam. Jazz e Daisy acreditam nele, mas Lucy quer saber mais. Ela brinca com a pulseira por um instante e depois começa a fazer perguntas.

— Festa de quem?

Leo responde:

— De um amigo do meu irmão.

— Então, o Sombra terminou o ensino médio? — pergunta Lucy ao Dylan.

— Acho que os dois terminaram — responde ele.

— O Sombra é da nossa escola?

— Acho que não — despista Dylan.

— Você *acha* que não? — pergunta ela.

— Você é da polícia? — Dylan pergunta de volta. — Eu não me lembro.

Ela é rápida no gatilho, como diria o Bert. Dois meses atrás, um dia antes do Bert morrer, a gente comeu no depósito, eu e ele. Valerie tinha mandado cerveja gelada para acompanhar o

almoço, e aquilo soltou a minha língua. Então, eu comentei:

— Tenho que parar de gostar das garotas inteligentes.

— Eu conquistei uma garota inteligente — disse Bert.

Levantei o copo.

— É verdade. Como você conseguiu?

— Eu convidei. — Tomou um gole. — Ela respondeu que sim.

— Convidar é a parte mais fácil. Depois vem o resto todo.

Encostados nas caixas de tinta, terminávamos nossas cervejas. As mãos velhas do Bert tremiam, mas não mais que o de sempre. A campainha do balcão tocou e o Bert se levantou para atender, com dificuldade. Um segundo depois, latas rolavam pelo chão.

— Estou bem — disse ele quando entrei na loja. — Esbarrei no mostruário, só isso. Visita pra você.

Era a Beth, trazendo minhas coisas dentro de uma caixa, devolvendo os pedaços de mim que eu havia deixado com ela. Fazia três semanas que tínhamos terminado e eu concluí que era mais fácil deixar as minhas coisas com ela. Mas a Beth não era assim. Ela entrou pela porta estreita, queria ver se eu estava bem e queria me devolver as coisas de que eu tanto gostava. Um livro de arte do Jeffrey Smart que emprestei para ela. Uma camiseta que fiz numa aula de impressão em tecido do primeiro ano. Um CD dos Ramones.

— Você devia ter dito que quer voltar com ela — aconselhou-me Bert depois que Beth foi embora.

— Só que eu não quero.

— Quem não arrisca não petisca. — Ele terminou de beber a cerveja.

Fiquei no balcão pensando em mil maneiras de voltar com a Beth, mas todas levavam ao mesmo ponto. Eu lhe dizendo que não ia a lugar nenhum e ela me largando.

Avisei ao Bert que ia sair mais cedo e peguei uma lata de spray. E o meu cérebro desligou e as minhas mãos ligaram e eu fugi para o muro: pinteí um fantasma preso numa garrafa. Dei um passo para trás, para olhar o fantasma, e percebi que o triste não era que ele estava ficando sem ar. O triste era ele ter ar suficiente para a vida toda naquele espaço tão pequeno. O que você estava pensando, fantasma? Se deixando aprisionar desse jeito?

Jazz manda a Lucy relaxar e tenta chutá-la por baixo da mesa. Sei disso porque ela me acerta por engano.

— Mire mais pra esquerda — digo a ela, e ela faz uma nova tentativa. — Mais um pouco — digo, e me divirto vendo-a acertar o alvo umas duas vezes.

Todo mundo começa a comentar sobre a noite. Leo flerta com a Jazz. Dylan tenta com a Daisy enquanto ela joga sachês de açúcar no rosto dele e diz coisas como:

— Eles quicam no seu cabelo. Você precisa reduzir a quantidade de gel. — Ele é perseverante, devo reconhecer.

Lucy olha insistentemente pela janela alguma coisa que está dentro de sua cabeça, da mesma maneira que fazia dois anos atrás, quando eu a observava. Ela não mudou muito. Agora, está prendendo o cabelo com pincéis. Ela ainda sorri como se estivesse pensando em alguma coisa que gostaríamos de saber.

— Por que você quer tanto encontrar o Sombra? — pergunto, depois de algum tempo, mas ela não está me ouvindo. Eu a olho por mais alguns minutos. — Por que quer tanto? — volto a

perguntar.

Ela pisca e sai do seu sonho. Puxa a pulseira.

— Porque eu quero. Só isso.



Depois do segundo chute da Jazz, paro de fazer perguntas. De qualquer jeito, já tenho bastante informação. Se o Sombra terminou o ensino médio e não era da nossa escola, então faz sentido que eu não o conheça. Se eu o conhecesse, saberia, tenho certeza. Um cara como o Sombra se destaca por aqui.

Os olhos da Jazz procuram os meus e ela bate com três dedos na mesa. Bater três dedos na mesa quer dizer: estou falando com um gatinho. Não é pra confundir com quatro dedos batendo na mesa, que quer dizer salve-me desse garoto, mesmo que seja preciso botar fogo nos meus cabelos. Cinco dedos significam estou gritando por dentro, e isso é bom. Jazz põe seus cinco dedos sobre a mesa.

Leo é de uma beleza gritante, isso é certo. Cinco dedos com valor de dez. Alto, cabeça raspada, olhos doces, tatuado. O tipo garoto-problema, bem o que a Jazz gosta.

O primeiro cara com quem ela saiu aqui na cidade foi o Jacob Conroy. Certa tarde, mais ou menos uma semana depois dela chegar, estávamos paradas aguardando o sinal para atravessarmos e ele estava encostado na cerca da estação de trem. Jazz assoviava e ele se virou, meteu os dedos pela cerca e sorriu. O sol fazia uma auréola por trás dele.

— Não quero te assustar — disse Jazz para mim —, mas estou quase atravessando a rua no meio do trânsito.

— Qual é a pressa? — perguntei. — Ele está esperando o trem das três e quarenta e cinco.

Ela apontou para o sinal sonoro, que desligou.

— O trem está adiantado cinco minutos.

Ela alcançou o Jacob pouco antes do trem partir. Pegou o número de telefone dele com as portas se fechando.

— Desculpe — disse ela quando cheguei à plataforma. — Efeito colateral de ter ficado anos numa escola só de garotas. Você vê alguém interessante aqui fora e tem que agir.

— O que você disse pra pegar o número dele? — perguntei.

— Eu disse: “rápido, o trem já vai sair. Me dá o número do seu telefone”.

— Você não quer uma história romântica? — perguntei.

— As portas do trem não fecharam na minha cara. Achei isso muito romântico.

Jazz saiu cinco vezes com o Jacob e terminaram. Ela apareceu lá em casa naquela noite com um pote de sorvete e uma caixa de Kisses da Hershey's.

— Isso é pra consolar? — perguntei.

— Se eu precisasse de consolo teria comprado dois potes de sorvete. Não estou chateada, Lucinha. Isso é o que eu sempre como sexta à noite.

Fomos para o meu quarto e eu perguntei o que tinha acontecido.

— Levei o Jacob para um festival de filmes do Hitchcock, e ele dormiu. E eu concluí que nós não temos tanto assim em comum quando ele começou a roncar.

— Então, você é igual a mim — falei. — Está esperando pelo cara certo.

— Igualzinha — respondeu ela. — Sendo que o carinho que me atendeu na bonbonnière do festival do Hitchcock era gato e eu provavelmente vou voltar lá amanhã e perguntar se ele quer sair comigo. Somos iguazinhas, é, bem, se você pegasse alguém. — Ela me passou o sorvete. — Por que você não arruma um gatinho?

Mostrei a ela as fotos que eu tinha tirado dos muros do Sombra.

— Esse é o cara que eu quero.

Ela passou os olhos pelos muros cheios de corações, pássaros e fantasmas.

— Então qual é o problema? Sai com ele.

— Eu sairia. Só que, na verdade, eu não sei quem ele é. Conheço os trabalhos, não ele.

Ela olhou para mim com uma cara séria e me deu a última gotinha da Hershey's.

— A gente acabou de se conhecer, então vou perguntar com delicadeza: você é *doida*?

— Só por curiosidade, o que você diria se a gente já fosse amiga há mais tempo?

— Ele pode ser um serial killer ou, pior, pode ser velho, Lucinha.

— Serial killers não são criativos.

— Assista *Dexter* e volte a falar comigo.

— Sério. O que você pensa, de verdade? — perguntei. — Quero sua opinião profissional de vidente.

Jazz olhou o muro da garota com um mapa desenhado na pele, e eu percebi, estava na cara. Ela pensava o mesmo que eu.

— Você está pensando algo. Diga logo. Diga.

— Não quero botar pilha.

— *Diga*.

— Com a luz certa, num dado ângulo e com os meus olhos meio fechados, ela se parece um pouco, um *pouquinho*, com você.

Pensei isso desde que vi o muro pela primeira vez. Tinha horas em que eu pensava estar maluca, mas, na maior parte do tempo, achava que estava certa. Em algum lugar, lá fora, no escuro, o Sombra me imaginava.

Quando estávamos quase pegando no sono, falei para a Jazz sobre um desenho que eu amo, de um artista chamado Michael Zavros.^{*} É um cavalo caindo do céu, patas viradas para as nuvens. Não há como ele se desvirar. Para mim, parece que ele não sabe como foi parar ali, ou onde está, ou por que está caindo. O quadro se chama *Até que o Coração Desabe*,^{**} e o título me mata. Eu amo aquele cavalo, o quanto ele é real. Amo as belas linhas das patas e da cabeça. Mas não é por isso que, em algumas noites, eu não consigo parar de olhar para o desenho. Não sei dizer ao certo o motivo. Só o que posso dizer é que tem algo a ver com a maneira como deveria ser o amor.

— A gente devia amar como um cavalo desabando — disse eu a Jazz.

— Você é estranha — observou ela, sonolenta. — Mas tudo bem. Isso me faz parecer normal.



— Por que você quer tanto encontrar o Sombra? — pergunta Ed, e, quando olho para ele, percebo que já me fez a pergunta mais de uma vez, mas eu não ouvi.

Puxo e solto várias vezes a pulseira da sorte do meu pai.

— Porque eu quero. Só isso.



^{*} Michael Zavros, nascido em 1974, é um importante pintor realista australiano. (N.T.)

^{**} *Till the Heart Caves in*. (N.T.)



TERCEIRO EXERCÍCIO

POESIA IOI

ALUNO: LEOPOLD GREEN

Lembre que o amor

Lembre que

O amor não faz o mundo girar

O sexo o faz, por um segundo ou dois,

Se você tiver sorte

Batata frita, enroladinho de salsicha e minissaias também

Lembre que

O amor

Envolve com os dedos o seu coração

E o segura

Submerso

Lembre-se disso

Quando a próxima garota sorrir



eo olha o relógio.

— Se andarmos depressa, podemos pegar o trem das dez e quinze.

Ele e a Jazz vão na frente. Daisy caminha mais ao lado e o Dylan segue junto dela como uma sombra, me deixando com o Ed. Ele está mais alto do que há dois anos. Mas os cabelos continuam bagunçados. Ainda há aquele espaço em torno dele. Está usando uma camiseta com o desenho de um coelho lendo um livro.

— Você continua me olhando de rabo de olho — diz ele —, como se a qualquer momento eu fosse passar a mão na sua bunda. Relaxa. Estou namorando e, pro seu governo, a gente teve um ótimo primeiro encontro.

— Talvez você tenha aprendido alguma coisa com o que aconteceu no nosso encontro — respondo. Chupa.

— Nós não tivemos um encontro. Um encontro termina com um beijo, não com sangue e cartilagens quebradas.

— Bem, claro, tecnicamente falando.

Ed levanta as sobrancelhas e depois revira os olhos.

— Só pra deixar registrado — diz —, ela passou a mão na *minha* bunda.

— Que romântico. — Cato uma vareta e finjo que é um tubo de soprar vidro. Giro como se fizesse estrelas derretidas.

— E foi mesmo — diz Ed, me olhando encostar a vareta nos lábios. — Ela não fez nenhum jogo de perguntas e respostas, e depois me bateu porque eu não respondi corretamente.

Soprei um oceano de vidro dourado. Um céu. Algumas nuvens.

— A Beth parece perfeita. — Merda.

— Quem disse que o nome dela é Beth?

— Bom, todas as Beths gostam de uma boa sarrada. — Tento ao máximo agir como se essa não tivesse sido a coisa mais idiota de se falar. Estou tentando. Estou tentando. Não. Não adianta. Peço desculpas em silêncio a todas as Beths.

— E todas as Lucys adoram quebrar um bom nariz?

— Você está falando bem mais do que falava há dois anos. Não sei se eu gosto disso.

— Prefere que eu me esconda?

Não respondo. Não estou acostumada às pessoas não gostarem de mim. No máximo, elas não ligam pra mim. Embora, sendo justa com o Ed, eu não tenha socado a cara das pessoas em que estou me baseando para dizer isso.

Eu me concentro no cenário, na penumbra das ruas, nos sinais de trânsito piscando porque a rede elétrica não suporta tanto ar-condicionado ligado ao mesmo tempo. Uso a minha vareta para desenhar algumas coisas que estão faltando no mundo. Uma árvore a mais aqui e ali. Alguns vaga-lumes. Uma sombra.

— O que você está fazendo? — pergunta Ed.

— Desenhando.

Não preciso ser vidente para saber o que ele está pensando. Abaixo a vareta. Sinto as pálpebras nebulosas por dentro, como se eu estivesse atravessando um sonho neon. Ontem também fez um calor terrível, e eu não dormi muito bem de noite. Talvez eu esteja dormindo agora e o Ed seja fruto do meu subconsciente.

Uns caras passam de carro e botam o QI para fora da janela, o que é preocupante caso eu esteja mesmo sonhando. Leo acena.

— Amigos seus? — pergunto ao Ed.

— Algum problema?

— Não perguntei por mal. Com certeza caras que botam a bunda pra fora da janela do carro são muito inteligentes.

Ele levanta as sobrancelhas e batuca nas pernas.

— Você está sujo de tinta — observo.

— Trabalho numa loja de tintas.

— Claro. Foi assim que você conheceu o Sombra? Ele compra tintas com você?

— Trabalho num lugar onde velhinhas vão comprar tintas para combinar com colchas floridas.

Você acha que o Sombra fica lá conversando com elas enquanto compra suas latas de spray? Você realmente sabe alguma coisa sobre caras como ele?

— Sei sobre grafite — respondo, e as palavras saem como se eu fosse uma senhorinha dizendo que gosta de hip-hop.

Ed ri, o riso vem depressa e logo desaparece.

— Tudo bem, eu não sei onde ele compra spray ou como você chama esse tipo de pintura. Sei que gosto da arte dele. Sei que, algumas vezes, estou num trem, passando por um canto cheio de mato e lixo, e então, de repente, surge a pintura de um oceano. No meio do terreno de uma

fábrica, a foz de um rio.

Olho para ele esperando outra gargalhada. Ele olha fixo para frente, como se tentasse com todas as forças não ouvir a minha voz.

Hoje, a noite vai ser uma dessas coisas que parecem durar para sempre. Mais até que a depilação pré-verão. Leo e Jazz estão conversando; ouço a conversa ser jogada pela rua. Para a Jazz, pelo menos, o tempo vai passar diferente. Porque, naquela semana, depois que o Ed me chamou para sair e antes do nosso encontro, senti que o mundo era vidro quente, me senti feliz por estar na dele.

Ed continua batucando nas pernas em silêncio quando chegamos à estação. Dylan para e aponta para o céu. Levo alguns minutos para ver o que ele está mostrando, mas, quando enfim vejo, tenho vontade de recortar e levar para sempre comigo.

— É do Sombra? — pergunta Jazz. — Gostei.

— Você vai gostar das coisas do Poeta também — diz Leo. — Eles geralmente trabalham juntos.

Ed olha irritado de novo para o Leo, que ri. Dylan se contorce. Parece que alguma coisa está acontecendo, penso alto, e sei que a Jazz ouviu o meu pensamento, porque ela dirige seu olhar sério para mim agora, e sopra uma bola de chicletes na minha direção.

— Parem de agir desse jeito estranho — pede Daisy. — Isso está me enlouquecendo.

Ouvimos o anúncio de que o trem está atrasado cinco minutos. Enquanto eles atravessam a plataforma, fico mais um pouco. Num muro, à distância, sob a luz de uma torre, está a arte do Sombra. É um céu noturno, que se esvanece nas bordas a ponto de eu conseguir ver o muro por baixo. Pássaros pintados o cruzam, atingem a linha onde o céu se esfuma e se vê o tijolo, e voltam. Suas penas brilham. Pássaros lunares, presos nos tijolos. O mundo não os contaminou; daqui, parecem mais bonitos que os pássaros reais que voam em torno deles.

Imagino que já sou capaz o bastante para soprar pássaros de vidro que se pareçam com aqueles. Imagino uma instalação com centenas de pássaros da cor da lua pendurados do teto até a altura da cintura, iluminados por baixo. As pessoas se sentiriam no céu com eles.

Viro e vejo o Ed me olhando olhar.

— Vamos — chama ele. — O trem está chegando.



intei esses pássaros tem um tempo. Surgiu uma oportunidade de manhã bem cedo, no caminho para abrir a loja. A luz que vinha de cima dos edificios queimava a noite. Não precisei subir muito. Só me sentei numa cerca, com alguns pássaros reais ao meu lado, enfileirados, e pinte a coisa toda acima do nível dos olhos. Encontrar o equilíbrio foi a parte mais difícil. Havia um corvo, real, rindo durante todo o tempo em que eu trabalhei, e, quando tracei a última linha, ele passou por cima do muro e voou para o céu. Voltou em círculo uma vez, como se dissesse: “Está vendo? É fácil quando se encontra o jeito.”

Sinto que só da arte eu encontrei o jeito. Palavras, escola, eu nunca saquei a coisa toda. Eu ficava lá, sentado, tentando bloquear o som das cadeiras se arrastando e o burburinho dos alunos. Tentava formar um túnel em torno da voz dos professores para que chegasse clara até mim. Na maior parte das vezes, eu não conseguia. Eu ouvia tudo e, por isso, não ouvia nada. Como se eu estivesse num lugar onde todos os sons tivessem a mesma frequência e não desse para separar os canais. Como se eu tivesse um monte de portas na cabeça, mas as únicas que eu conseguia abrir eram as que deixavam entrar o barulho. As outras estavam trancadas.

Eu não teria conseguido chegar até o primeiro ano do ensino médio sem o Leo. Ele me ajudava no dever e eu o deixava dormir lá em casa, e nenhum de nós dois precisava saber por quê. Fui até a casa dele um dia, quando eu estava na quinta série. Ele saiu e, por trás dele, eu ouvi ondas de música e gritos. Quando me lembro daquele dia, ouço o zoológico. Bichos fugindo das

jaulas. Não falamos sobre o que eu tinha escutado. Fomos embora.

Ele ficou lá em casa naquela noite. Eu já estava quase dormindo quando ele começou a falar. Que não gostava do cheiro de cerveja. Que gostava da minha casa porque era silenciosa e porque a minha mãe sempre vinha me ver antes de ir para a cama.

— Ela me faz dançar com antigas canções — falei. — Fará você dançar também.

— Não me incomodo. Ela nunca grita. Ela comprou uma cama pra mim.

— Usada.

— E daí?

Perguntei a ele como era ter um pai. Ele respondeu que não achava importante quem você tinha, desde que fosse uma boa pessoa. Ele me perguntou onde estava o meu pai. Eu disse que ele foi embora. Compartilhamos segredos no escuro e o tempo todo o que eu realmente queria contar estava quase saindo, até que saiu. Contei a ele sobre as portas na minha cabeça, e que eu não estava conseguindo terminar o dever da semana que vem.

Nunca contei à minha mãe como isso me fazia sentir. Ela sabia que eu era bom em artes, mas não em matemática ou inglês, e ela nunca foi o tipo de mãe que briga por causa de nota baixa. Então, se eu falasse para ela, isso ia deixá-la preocupada. Ou pior, ela iria à escola.

Leo não deu muita bola. Antes de ir para casa no dia seguinte, pediu para ver o que eu tinha feito, eu lhe mostrei e ele corrigiu para mim. Não mudou nada. Apenas tornou legível. Fez isso com todos os meus trabalhos a partir de então, e nunca contou a ninguém.

As minhas pinturas saem certas da minha cabeça. Não precisam de revisão. Ouço as pessoas falando do que sentem quando pintam coisas em lugares proibidos. Leo diz que sente o medo o percorrer rápido por dentro, ir do coração para todas as partes do corpo. Eu desenho para jogar os meus pensamentos para fora. Eu desenho para ficar calmo por dentro.

Lucy está olhando os pássaros. Eu a observo e tento imaginar o que ela está pensando. Sonhando com um cara que não existe, eu acho. Um cara com um oceano jorrando da lata de spray, palavras jorrando da boca, dizendo coisas que ela quer ouvir. Eu me pergunto como será o Sombra que ela imagina. Como ele é, o que ele diz. Ela se vira e me pega olhando para ela.

— Vamos — digo. — O trem está chegando.

O trem está chegando e você tem que ir a uma festa procurar um cara que você nunca vai achar. Um cara que existe na sua cabeça, não o que pintou esse muro. Não o cara que sou eu.



O trem dispara nos trilhos e o mundo lá fora passa embaçado, voando. Jazz e Leo pegam dois lugares à esquerda da porta. Daisy e Dylan, dois à direita. Eu e Lucy ficamos sem lugar, balançando junto com o trem e escutando duas conversas diferentes.

— Aposto que tem ar-condicionado na linha de Camberwell — diz Jazz. — Aqui podia pelo menos dar pra abrir as janelas.

— As crianças iam botar a cabeça pra fora e bum — responde Leo. — Sangue pra todo lado.

— Que idiota ia pôr a cabeça pra fora de um trem em movimento? — pergunta Jazz.

— Seria o máximo poder colocar a cabeça pra fora da janela — Dylan fala para Daisy. Ela

lambe o dedo e escreve *Idiota* no vidro.

Lucy ri e eu não consigo deixar de rir com ela. Balançamos em volta um do outro quando o trem se joga para um trilho paralelo, que segue para o sul. Pelo vidro, vejo fogo sair da refinaria e uma metade da lua que não estava lá antes. Ela me faz lembrar um muro que o Leo e eu fizemos certa vez. Uma lua cortada pela sombra de fios elétricos. *Lua prisioneira*, escreveu Leo.

Fiz uns esboços dessa lua no meu livro antes de pintá-la. Queria que ela ficasse parecida com uma daquelas paisagens de sonho do Salvador Dalí que o Bert e eu tínhamos visto no museu. Eu não conseguia tirar aquelas imagens líquidas da minha cabeça e, naquela noite, sonhei com uma lua trancada por nuvens.

— Por que você saiu da escola? — pergunta Lucy, do nada.

— Fiquei com medo de você me bater de novo.

O trem para e pessoas se empurram. Deixo que algumas fiquem entre nós dois para eu não ter que responder a mais nenhuma pergunta sobre por que saí da escola. Beth também me perguntou uma vez. Respondi que eu tinha recebido uma oferta de emprego e queria ajudar a minha mãe com o aluguel. Isso era parte da verdade, a parte boa. A parte ruim foi que me pegaram tirando um trabalho da calça.

Era o primeiro trabalho de artes feito em sala de aula. Até então, eu falava para o Leo o que eu queria dizer e ele escrevia para mim. Mas, no ensino médio, tínhamos que fazer todos os trabalhos em sala como treino para as provas do terceiro ano, e eu estava fodido.

— Você não está fodido — respondeu Leo. — Vou escrever o que você quer dizer e você leva escondido.

Se a sra. J. tivesse ido à escola naquele dia, tudo teria sido diferente. Mas ela estava doente e o Fennel a substituiu. Ele me pegou tirando o papel do bolso da calça e começou. Como se eu estivesse fazendo aquilo, de certa forma, por causa dele. Ele disse à turma:

— Se mais alguém aí tem o cérebro nas ceroulas, pode vir se sentar comigo aqui na frente.

Que tipo de idiota diz *ceroulas*?

Não olhei para a Lucy a aula inteira. Senti que ela me olhava e quis olhar de volta, fazer alguma coisa para mostrar que eu não era mau-caráter, mas não consegui pensar em nada. Eu havia, de fato, acabado de tirar o trabalho da calça. Ainda tinha as marcas do nosso encontro no meu rosto e, para tirar o olhar dela da cabeça, pensei em pinturas que eu poderia fazer. Foi quando pensei nos pássaros. Atravessavam minha cabeça e se chocavam contra os muros a aula toda.

Quando o sinal tocou, ela saiu com os outros e o Fennel me arrastou para a coordenação. Enquanto íamos para lá, um garoto chegou por trás dele, fez uma cara de palhaço e fingiu se masturbar. Eu sabia que num segundo aquilo ia se espalhar pela escola. Quando me lembro daquele dia, tudo o que vejo são palhaços punheteiros.

Fennel teve uma ideia brilhante na coordenação. Mandou que eu me sentasse e escrevesse: “Este trabalho não é meu” para ele poder comparar a caligrafia. Ele tinha sido professor de carpintaria do Leo durante anos, sabia de quem era aquela letra. O trabalho era meu, então dei ao Fennel algumas sugestões sobre onde ele podia deixá-lo bem guardado “até a sra. J. voltar”. Ele não levou a sério e chamou o Leo.

— Essa letra não é minha — Leo foi logo dizendo. — É do Ed. — Ele ficou lá, sentado, com as pernas estiradas, cruzando os braços e encarando o Fennel. Nós dois fomos suspensos, mais pelas

sugestões que demos ao Fennel de onde ele podia enfiar o trabalho que por qualquer outra coisa.

Minha mãe estava sentada à mesa quando cheguei em casa. O turno dela só terminava às cinco, então eu soube que haviam ligado para ela. Ela preparou um sanduíche para mim e, quando acabei de comer, disse:

— Tudo bem. Hora de ouvir a sua versão da história.

Poderia ter lhe contado sobre a dificuldade que eu estava tendo, ter dito o motivo de eu ter feito o que fiz, mas era tarde demais. Eu já tinha decidido que não ia voltar à escola e não queria que a minha mãe tentasse me convencer.

— Não gosto da escola, só isso. Quero sair.

— Todos os belos desenhos que você faz — disse ela. — Pensei que você queria ser um artista.

— Nem todos os artistas vão à escola.

— Os inteligentes vão.

— Então, eu acho que não sou inteligente.

— Não é verdade. Meu Deus, toda vez que temos uma discussão, eu me dou conta de como você é inteligente. Fique até o final do primeiro ano — pediu ela. — Então, se você ainda estiver insatisfeito, a gente conversa sobre outras opções.

Fingi concordar, mas não voltei com o Leo. Sabia que a minha mãe ia acabar descobrindo, mas decidi faltar o tempo que desse. Procurava o azul pelas lojas de tinta de dia e pintava céus à noite. Achei um azul parecido com o que eu queria na loja do Bert, só que vinha em lata, então eu tinha que voltar lá toda hora para comprar mais.

— Espero que você não seja um daqueles pivetes que picharam a lateral da minha loja — disse ele um dia, enquanto registrava a minha compra.

— Se eu fosse um deles, duvido que te contasse — respondi, esperando que ele me expulsasse da loja.

— Arrumou olhos roxos por causa dessa língua afiada?

— Arrumei olhos roxos porque não tenho a língua afiada — respondi, e, quando ele riu, contei-lhe sobre a Lucy. Bert continuou a rir até Valerie entrar e, então, ele me convidou para ficar para o almoço.

— Não estou pichando a lateral da sua loja com tinta de lata — disse eu enquanto a gente comia. — Você devia parar de vender tinta em spray se não quer gente pichando.

— Faço estoque para o estúdio de arte daqui da rua. — Ele ficou me olhando por um tempo. — Por que você não está na escola?

— Tranquei.

— Não se tem futuro fora da escola.

— Eu tenho um futuro na arte. — E puxei meu caderno de esboços.

Ele o examinou lentamente, as mãos velhas rangendo ao virar as páginas. Um pouco depois, pegou o seu próprio caderno e me entregou.

Eu me sentei junto ao balcão e fiquei conversando com ele pelo resto do dia, e voltei para almoçar no dia seguinte e no dia seguinte ao dia seguinte. No final da semana, eu era um subversivo com uma sólida carreira no varejo de decoração de interiores e tinha desconto para as minhas tintas.

Fui para casa e contei para a minha mãe que tinha arranjado um emprego. Que eu não ia voltar para a escola. Ela foi conhecer o Bert antes de concordar. Nós quatro nos sentamos no

quarto dos fundos, eu, ela, a Valerie e o Bert.

— Vou direto ao ponto — avisou minha mãe. — Ele é inteligente demais para este emprego.

— Eu sei — respondeu Bert. — Mas você prefere que ele fique pelas ruas?

Não havia nada que ela pudesse dizer. No caminho para casa, anunciei que ia rachar com ela o aluguel.

— Não é sua função tomar conta de nós — discordou. — Guarde tudo o que ganhar.

Depois de uma semana, a sra. J. também visitou a loja. Leo lhe disse onde me achar. Ela entrou e fingiu que olhava as tintas. Quando a cumprimentei, ela arregalou os olhos.

— Ed, mas que surpresa boa! Estou contente por encontrá-lo. Eu li o seu trabalho. — Nem precisei dizer que era meu.

Bert preparou uma xícara de chá para ela, ofereceu-lhe uma cadeira e ficamos falando sobre as cores das pinturas de Rothko, como elas te transportam para outro lugar, para um céu nebuloso.

— Você pode voltar — disse ela. — Eu posso ajudar, e existe um departamento na escola que pode facilitar as coisas.

— Eu agradeço, mas não. Obrigado. Tenho tudo do que preciso aqui.

— Por agora — respondeu ela e eu dei de ombros. Eu sabia o que ela queria dizer. Eu já havia pegado o caminho sem volta, mas o Bert era um bom patrão, e eu pensei: esse é o preço que eu tenho que pagar para estar seguro.

— Você deu sorte — falou a sra. J. ao Bert quando saiu.

— Nem precisa dizer — respondeu.



O trem para e pessoas saltam. Lucy está no mesmo lugar de antes. Não há ninguém entre nós, mas ela não repete a pergunta. Olha pela janela, talvez para a lua ou para o fogo, e me diz:

— Gosto que o céu não chegue a lugar nenhum. Naquela pintura, gosto que os pássaros queiram sair e não possam. Gosto do reflexo da tinta no escuro. — O trem parte novamente e eu seguro firme para não cair.



A festa é na rua Mason, a alguns minutos da estação. Leo pega um caminho mais longo, e sei que é para mostrar à Jazz um dos seus poemas, “As coisas diurnas”.

Jazz diz que o poema parece uma música e envia um torpedo a si mesma para se lembrar dos versos de que gosta. Leo ri.

— Está vendo? Não disse que você ia gostar do que ele escreve?

Mando para ele o meu olhar *tá-ficando-maluco?*.

— É o plano. — Ele mexe a boca, sem som. Mas ele não está mostrando o poema para ela pensar que outro cara o fez. Em algum momento desta noite, quando estiver para beijar a Jazz,

ele não será mais capaz de esconder. Vai contar que foi ele que escreveu.

Esse é o poema mais longo do Leo. Ele o leu para mim antes de colocá-lo no muro.

— Escreveu quando? — perguntei.

— Sentado no posto de gasolina. Eu estava esperando o Jake e esse cara começou a falar comigo.

— Não pensei que o poema poderia ser tão... — diz Jazz, parando no meio da frase.

— ... Henry Rollins...? — pergunta Leo.

— ... bom — termina Jazz.

Leo para de sorrir pela primeira vez essa noite.

— Quer dizer, fiquei pensando, como uma coisa pode ser boa se o cara não assina?

Leo começa a explicar por que dois caras podem não querer que o mundo conheça a identidade deles. Adiantei o passo e deixei aquilo com ele. Você tem que estar sempre em movimento por aqui.



QUARTO EXERCÍCIO

POESIA IOI

ALUNO: LEOPOLD GREEN

As coisas diurnas

Tem um cara lá no posto
Com caudas de leão nos cabelos
Dreads de rei da selva
Uma obscena canção na pele
E não lembra quando perdeu
Mas perdeu as coisas diurnas

Camisas diurnas e gravatas diurnas
Sapatos lustrosos divinos
Pensamentos nebulosos diurnos
Em tristezas diurnas nebulosas

Sorrisos diurnos vão cavalgando o sol
Para casa, depressa
Diurna televisão no fim de semana
Diurna conversa ao telefone

Agora, no posto, ele chora a meia-noite nos lábios
E a esperança foge
Caudas de leão
Nos cabelos
Na pele
Obscena canção
Não sabe quando
Mas perdeu
As coisas diurnas



Quando a gente chega, a festa já está se espalhando pela área da frente da casa, e não são nem onze horas. Uns amigos do Jake nos chamam quando passamos. Leo bate um toca aqui nas mãos deles e segue na nossa frente.

Q

Entrar em festas assim é como entrar num sonho muito doido. As pessoas passam dizendo coisas sem sentido porque estão alcoolizadas. A casa vibra com energia e música e, no escuro, pessoas que não vão se lembrar umas das outras amanhã de manhã estão se conhecendo bem pra caramba agora. Todos aqui são mais velhos que nós e, embora eu conheça a maioria, checo rapidamente as saídas. Eu me sinto melhor sabendo que dá para cair fora.

— Que tipo de festa é essa? — pergunta Lucy, olhando para um grupo de caras que parecem ter saído da gravação de *Prison Break*.

— Tipo divertida — responde Leo. — Vão se divertir um pouco. A gente encontra vocês depois que eu falar com o meu irmão.

— Tipo divertida? — grita Lucy para Jazz. — Tenho certeza de que vi aquele cara ali semana passada no noticiário policial. — Ela tem razão. Viu mesmo.

— Não seja paranoica — grita Jazz e arrasta Lucy para a pista de dança. Daisy as segue, jogando beijos para a galera que ela conhece. As três vão e vêm com o ritmo da música, Lucy dança como se tivesse uma mixagem própria dentro da cabeça, que só ela consegue ouvir. Olho para o Leo, que conversa com o Jake, e penso em usar uma das saídas para ir procurar um muro

e pintar uma garota envolta num monte de beats selvagens.

— Ed — Leo me chama, e eu vou dizer oi para o Jake. Depois que a gente se fala, deixo os dois tratando dos negócios e fico com o Dylan olhando as gatas dançarem. Chega mais gente, sai mais ar, e só o que fica é suor e escuridão.

— Você parece preocupado — comenta Dylan. — Acha que alguma coisa vai dar errado?

— ã-hã, acho que alguma coisa vai dar errado. E, se você tiver meio cérebro, não vai se meter nisso hoje.

— Você que tem meio cérebro — devolve Dylan.

— Só pra constar, eu tenho um cérebro inteiro. Mas tenho contas pra pagar e estou desempregado.

— Minha mãe e meu pai pagam as contas — diz ele.

— Sorte sua.

— Sorte, não, porque eles não vão pagar minha viagem pra Queensland já que gastei todo o meu dinheiro num Wii.

— Então vá trabalhar no McDonald's, seu idiota.

— É o que eu já faço. Mas não dá mais tempo de juntar o dinheiro todo. A Daisy vai sem mim, vai ficar lá sozinha no meio dos surfistas. Você sabe o que eles querem.

— Ondas grandes? — pergunto, olhando a Lucy balançar o esqueleto ao som de hip-hop. Se eu a pintasse agora, ela seria feita de água ou céu.

— Isso aí — responde Dylan, olhando fixo para a Daisy. — Eles que corram atrás das suas próprias ondas.

Observamos um pouco mais.

— E se os surfistas forem o tipo dela? — pergunta Dylan.

— Aí, já era pra você. Surfistas não usam camisa xadrez, não passam calça jeans e nem fazem a barba duas vezes por dia.

— Eu gosto de andar na beca.

— E isso não tem nada de errado. Mas você nunca vai ser um brou.

— *Brou* é uma palavra idiota — responde ele.

Eu concordo e, enquanto olhamos um pouco mais as garotas, Dylan me conta sobre o curso de contabilidade que vai fazer no próximo ano, e que a Daisy vai ser arquiteta, e que eles estão planejando ter seu próprio negócio um dia. Ele vai cuidar dos números e a Daisy vai projetar as casas.

— Ela adora escadas — completa. — Quer projetar casas sobre escadarias.

Daisy sempre foi uma das turistas mais maneiras da escola, penso, e digo:

— Vai ficar complicado com uma detenção na sua ficha. Não vá com a gente hoje. Não vale a pena o risco.

Siga seus próprios conselhos, o Bert me dizia. E dá pra ouvir a voz dele, mesmo aqui, no meio da música alta e da fumaceira. Você já não pode fazer nada por mim agora, Bert. Você está morto, e eu, enterrado na lama.

Fiz um grafite para ele no dia em que morreu. Não do lado da loja, ele detestaria. Foi no final da rua Edward, perto das docas, onde cercaram um lugar para as pessoas grafitearem.

Não era nada brilhante, só um retrato com aquela cara que ele fazia quando estava bebendo uma cerveja ou me ensinando alguma coisa nova. Mas fiz uma pintura bem grande, para que

todo mundo que passasse nos trens pudesse ver.

Levei a Valerie para ver a pintura uma tarde. Passamos muito tempo na companhia dos velhos olhos do Bert naquele dia. Ela correu a mão pelo rosto dele, pelas sobrancelhas desgrenhadas, enquanto eu olhava o rio. O nível da água estava mais baixo que de costume tinha um tempo, a chuva estava começando a parecer peça de museu.

— Tenho que vender a loja, Ed — lamentou Valerie, e eu fiquei mais triste por ela do que por mim. — Tem uma loja de ferragens no bairro vizinho que vem tentando comprar nosso negócio há anos, mas o Bert sempre dizia não. Ele queria que você tocasse.

— Não ia dar pra mim. — Eu mantinha os meus olhos no rio.

— Lógico que ia — disse ela. — Mas eu preciso do dinheiro. Será uma venda rápida. Eles vão poder assumir quase imediatamente.

Imaginei a loja sem o Bert e tive um pensamento, uma sensação de inundação me afogando por dentro.

Ele sabia tudo sobre mim. Sabia que eu lia mal. Sabia que eu era o Sombra antes que eu lhe contasse. Descobriu na semana em que eu comecei a trabalhar para ele. Entrou na loja com uma foto de uma pintura que eu tinha feito.

— Estava fazendo entregas ontem e vi isto — disse. — Gostei tanto que tirei uma foto para mostrar à Val.

Olhei a pintura. Eu havia pintado algumas semanas antes, um muro feito de chuva cortando a baía em torno de embarcações lotadas de camundongos.

— A água é tão real que parece estar se movendo — continuou Bert. — Como se as ondas estivessem prestes a carregar o muro e derrubar a gente. Val e eu achamos que um artista como este deveria estar ganhando a vida com a pintura.

Olhei seus dedos se movendo pelas linhas das ondas.

— Fui eu — contei.

Ele bateu com a foto no alto da minha cabeça.

— Eu sei que foi você. Vou emoldurar a foto. A Val quer que você saiba que vai ficar em cima da lareira. E que, se você grafitar alguma coisa que tenha dono, ela nunca mais vai lhe dar cerveja no almoço.

— Entendido.

Antes de guardar a foto, ele disse:

— Você sabia que ratos conseguem nadar? Eles entram em pânico quando caem na água, mas conseguem.

— Vou me lembrar disso.

— Faça isso, Sombra.

Até umas duas semanas atrás, eu visitava o meu retrato do Bert. Quase toda tarde, me sentava lá com uma cerveja e lhe contava sobre os empregos que estava procurando, sobre as obras de arte que tinha visto. Mas está parecendo que não vou conseguir outro emprego tão cedo, então parei de ir lá. Há certas coisas que aqueles velhos olhos não precisam testemunhar.



— Certo — diz Leo. — À uma, eu pego a van na rua Montague. Às três, vamos para a escola. A ronda de segurança é feita às duas e às quatro e meia. O Dylan deixou a janela aberta hoje, então espero que seja só carregar a van com os computadores e o que mais tiver de valor no departamento de artes e depois levar tudo para o Jake.

— Não tem alarme? — pergunto.

Leo tira um pedaço de papel do bolso.

— Tudo sob controle.

— Como o Jake conseguiu isso?

— Eu não faço perguntas.

Se eu fizesse, perguntaria por que estamos roubando o departamento de artes, onde trabalha uma professora maneiríssima, que conversa comigo sobre as pinturas de Rothko. Boa pergunta, diz Bert.

— Preciso de ar — digo para o Leo, e atravesso a muvuca até chegar à porta de trás. Está bloqueada por uma pilha de engradados cheios de bebida. Então, abro caminho até a porta da frente, mas um cara e uma garota estão se pegando bem ali e eu não consigo passar. Bato no ombro do cara, mas ele só vai sair da frente se a casa estiver pegando fogo. Talvez nem assim.

Sempre há uma janela, penso. Volto à sala de estar e olho em volta. A janela perto do sofá onde a Lucy está dando um tempo depois de dançar. Ela está sentada perto do Gorila, um cara que ganhou esse apelido porque é peludo e tem braços tão compridos que os dedos arrastam no chão. Ele sorri e chega para perto dela, e ela está cercada por uma massa de corpos. Olho para ela e para ele. Olho para a janela. Relembro nosso encontro. Ela está pronta para quebrar o nariz dele se bancar o engraçadinho. Pulo pela janela, aterrisso na grama e me viro. A quem estou enganando? Quero ver se ela quebra o nariz dele.

Apoio os braços na beira da janela e fico olhando a Lucy em ação.

— Então, quantos anos você tem, gata? — pergunta Gorila.

— O suficiente pra não cair no seu papo — responde ela, olhando os braços dele.

— Tá gostando do que tá vendo? — pergunta ele e toca nas pernas dela. — Você e eu devíamos fazer coisas mais tarde.

— Você esqueceu de evoluir? — pergunta ela, lutando para sair do sofá.

Eu rio, porque gosto do jeito agressivo dela, quando não é comigo. Gosto tanto que pego impulso e pulo de novo lá para dentro.

— Tá comigo, Gorila.

— Não estou vendo o seu nome nela — responde ele, e ela parece estar furiosa, e ele parece querer briga, e eu sei que não posso com nenhum dos dois, então termino logo com aquilo.

— Vai por mim. Encontra outra pessoa. Foi ela que quebrou o meu nariz.

— Sério? Que merda — diz ele. — É toda sua.

Caio no sofá depois que ele sai.

— Ouviu isso? Você é toda minha.

Ela brinca com a pulseira.

— Tem um cara na cozinha fazendo tatuagens. Quer colocar seu nome em mim?

— Mais tarde, talvez.

— Você pulou a janela? — pergunta ela.

— Todas as outras saídas estão bloqueadas — respondo, e fico lá sentado, pensando em

alguma coisa para dizer. É difícil pensar numa conversa casual no meio de um mar de casais grudados uns nos outros. Lucy não consegue parar de olhar para eles, o que é uma péssima ideia numa festa como essa. — Tira o olho — aconselho.

— É como o sol num eclipse. Sei que vai me cegar, mas tenho que olhar.

— Continue a olhar para aquela garota e ela *vai* te cegar.

— Tá precisando de uma máquina fotográfica? — pergunta a garota para Lucy.

— Não, eu preciso é de uma mangueira d'água.

— Está tudo bem. — Cubro os olhos da Lucy. — Não tem mais ninguém olhando.

A garota volta para o que estava fazendo. Mantenho minha mão onde está, só por segurança.

Perto da boca da Lucy.

Olho para ela para não ser tentado a olhar para mais ninguém. Ela mexe a cabeça e os pés no ritmo da música.

— Está se divertindo aqui? — pergunto.

— Mais do que estava. Não é tão ruim se a gente não vê.

Cubro os meus olhos com a outra mão.

— Você tem razão.

— Tem alguém mastigando chiclete? — pergunta ela.

— ã-ã — respondo. — É você ofegando?

— Estou tentando ter uma experiência extracorpórea.

— Não me deixe aqui sozinho — peço, e nós rimos. E, no escuro, ela podia ser uma garota diferente, eu podia ser uma cara diferente. Podíamos ser duas pessoas nadando pela pintura de uma música.

— Tá pensando em quê? — pergunta ela.

— Que essa festa está enchendo o saco.

— Tenho certeza de que, aqui, tem alguém, literalmente, enchendo um. O Sombra não estaria numa festa dessa.

— Essa é exatamente o tipo de festa em que o Sombra estaria — respondo, e não vou mais adiante porque sinto o corpo da Lucy se virar para mim, como se o som do nome dele fosse o sol.

— Parece que você conhece ele bem — diz.

— Na verdade, não. — Fico feliz porque estamos nos escondendo atrás das mãos e assim fica mais fácil mentir. — De vez em quando, eu o vejo, de relance.

— Quase o vi. Ele e o Poeta — conta ela, e eu fico com vontade de dizer: “Você o viu, e não o quis.”

— Ah, é? — pergunto.

— É. Hoje, ele esteve no estúdio de vidro onde eu trabalho. O meu patrão me mandou um torpedo quando os vi. Cheguei cinco minutos depois deles irem embora.

É estranho. Já vi o velho, mas nunca vi a Lucy. Às vezes, eu o observo, pela janela do estúdio, derretendo o vidro e alterando as formas. Quero perguntar o que ela faz lá, mas não quero que saiba que eu estive observando.

— Seu patrão os viu bem? — pergunto.

— Ele disse que eram jovens e largadões.

— O Sombra não estava largado da última vez que eu vi. — Aquele velho é bem mais largado

que eu ou o Leo.

— Então, o que foi que aconteceu que você não está mais chateado comigo? — pergunta ela.

— Quem disse que não estou?

— Você não está me sufocando.

— A sala está lotada. Muitas testemunhas. — Penso um pouco. Não fico tão chateado quando não olho para ela. Ficamos quietos por um tempo e deixamos a música nos envolver. — Não podemos ficar assim por muito tempo — digo, depois de três músicas.

— Está com medo de ficar constrangedor? — pergunta Lucy.

— Estou com medo de alguém roubar as nossas carteiras.

— A Jazz está gostando daqui. Ela disse que este lugar é um laboratório perfeito para a audição de teatro. Ela vai fazer um monólogo de Shakespeare, então eu não sei que inspiração ela espera conseguir aqui.

Uma garrafa quebra em algum lugar perto da gente.

— Se ela ficar por aqui mais tempo, na certa vai acabar vendo alguém ser assassinado — comento. Ela ri de novo, e eu gosto ainda mais. Como se, na certa, tivesse sido eu a fazer com que ela risse.

— Talvez eu vá pra casa — avisa ela. — A Jazz não vai mais se importar. O Leo parece interessado nela. Você acha que vai rolar?

Gosto do clima em que estou com a Lucy agora, então não quero contar a ela que, em matéria de namoro, o Leo está na de fora desde a Emma. Não sei exatamente a razão. Ele não conta por que ela terminou. Acho que, quando a garota de quem a gente gosta chama a polícia, é melhor dar um tempo.

— Talvez — respondo à Lucy. — De qualquer modo, ela tem a Daisy. Eu não sabia que vocês eram amigas.

— Faz pouco tempo. Você está certo. A Jazz tem companhia. Acho que vou nessa.

Nos últimos dez minutos, ficamos nesse sofá, solto no meio do nada e, enquanto estamos aqui, não penso que estou sem grana ou sem a Beth ou que posso ser preso mais tarde.

— Devíamos ir procurar o Sombra — digo e fecho os olhos atrás da mão. O que você está pensando? Essa garota quebrou o seu nariz. Ela me deixa esperando pela resposta. Penso em retirar o que eu disse, mas resolvo deixar como está.

— Onde podemos procurar? — pergunta ela depois de um tempo.

Quem não arrisca não petisca, diz a velha voz do Bert, e eu tiro a minha mão dos olhos da Lucy e a vejo piscar para me focalizar.

— Tenho uma ou duas ideias. — Falo sobre as pinturas no velho pátio de trens e na pista de skate e tento não me mostrar animado, porque ela está animada.

Ela diz que volta num minuto e abre caminho pela multidão. Eu a vejo conversar com a Jazz e me pergunto o que estou fazendo. O que quer que seja, não consigo parar. Abro caminho até ela e, antes que possa mudar de ideia, agarro seu braço e passamos pela multidão para chegar à janela.

Lá fora, na grama, respiro um pouco e, enquanto isso, vejo Raff e seus amigos forçando a passagem pelo casal que se beija na porta da frente. Merda.

— Esqueci de dizer uma coisa ao Leo — aviso a Lucy. — Volto logo.

Antes de pular a janela, olho para ela. Ela está olhando o céu como se estivesse conversando

com o que há lá em cima.

Acho o Leo na pista de dança e o puxo para um lado, longe da Jazz, do Dylan e da Daisy.

— O Raff está aí. Você precisa mantê-lo longe das garotas.

— Vou cuidar disso — responde Leo. — Relaxa.

Peço dez paus emprestados a ele. Ele me entrega o dinheiro e diz:

— Vejo você aqui de novo às duas e meia?

A música muda para techno e a festa vira um transe em movimento. Você tem que cair fora ou entrar nessa. Diga que não, diz o velho Bert, mas eu não consigo.

— Duas e meia — respondo. — E lembra de ter cuidado com o Raff.

Abro meu caminho pela multidão até a Lucy e, antes de sair pela janela novamente, olho para trás. Não tenho certeza, mas, se tivesse que apostar se o Leo gosta ou não da Jazz, eu diria que sim.



PISTA DE DANÇA
23:00

Talvez

Talvez eu e você
Talvez eu e você
Talvez eu e você
Mas provavelmente não

Talvez eu fique com você mais que uma noite
Talvez eu fique com você mais que uma noite
Talvez eu fique com você mais que uma noite
Mas provavelmente não

Talvez eu a esqueça
Talvez eu a esqueça

Talvez eu a esqueça
Mas provavelmente não



Espero o Ed do lado de fora e, pela primeira vez nesta noite, vejo estrelas de verdade, estrelas que não preciso imaginar. Pequeninos clarões ardendo lá longe. Desenho em torno delas com o dedo e acrescento um OVNI ou dois. Acrescentar coisas no mundo é um jogo que eu jogo com a minha mãe e o meu pai quando estamos muito apertados de grana. Imagine o que você quiser, Lucy, porque provavelmente não vamos ter como comprar. Nunca me importei na verdade, porque eles sempre conseguiram dinheiro para as coisas importantes, como as minhas aulas de trabalho com vidro.

Al diz que, provavelmente, o jogo me tornou uma artista melhor, mas foi ele quem fez isso. No começo, antes mesmo de me ensinar os nomes dos equipamentos e as propriedades do vidro, ele me fez observar. “Duas horas por dia”, dizia ele, mas eu observava por mais tempo. Nos fins de semana, eu ia ao estúdio para comer queijo derretido com maçarico e ia embora um pouco antes do jantar. Naquele estúdio, balões de mel viravam sóis como Medusas, e eu não queria perder nada daquilo.

Ed não está com pressa, então eu deito na grama para esperá-lo. Desenho o Sombra no céu. Cabelo escuro, imagino; propositalmente bagunçado. Imagino uma camiseta surrada dos Ramones. Ou talvez uma camiseta que ele mesmo pintou. Desenho um balão de fala com palavras sobre arte.

Desenho o Ed ao lado, para passar o tempo. É estranho, mas não foi tão difícil conversar com

ele enquanto a gente não estava se olhando. Talvez ele devesse ter usado as mãos para tapar os meus olhos no nosso encontro, não para passar na minha bunda. Talvez nós dois devêssemos estar de olhos vendados. Teria sido estranho, tudo poderia ter sido diferente.

Um dos meus quadros favoritos é *Os Amantes*, de René Magritte. Um casal se beijando. Ambos têm um pano enrolado na cabeça. Tudo é muito normal na pintura: o vestido dela, o terno dele, o azul acinzentado da parede ao fundo. A única coisa estranha é que as cabeças estão enroladas, então eles não conseguem se enxergar e se beijam através do tecido. Talvez não seja assim tão estranho. Talvez beijar dessa forma, de olhos vendados, seja a maneira mais fácil de começar.

Fico com um pouco de inveja, porque a Jazz não precisa de um pano na cara para evitar que um primeiro encontro seja estranho. Atravessei a muvuca e fui dizer a ela que eu ia procurar o Sombra. Ela estava girando em torno do Leo como se o conhecesse há anos.

— Vou embora com o Ed — gritei no ouvido dela.

— O quê?

— Ed — gritei mais alto. — Eu e ele vamos procurar o Sombra.

Ela me puxou para fora da pista de dança, para longe das caixas de som.

— Você se importa se eu ficar?

Fiz que não.

— Você se importa se eu for?

— Deixe o celular ligado. Mando mensagem dizendo como está indo a noite.

— Você gosta do Leo? — pergunto. — Quer dizer, gosta mais do que o normal?

— Não conheço o Leo há tanto tempo assim, Lucinha. Eu sinto alguma coisa, na verdade, mas posso estar enganada, porque ele é o primeiro cara que eu estou quase beijando desde o meio do ano.

Ela deu tchau e voltou a dançar. Começou uma música lenta e o Leo pareceu inseguro por um momento antes de ela voltar a girar ao redor dele. Ela movimentava o corpo sem uma sombra de dúvida. Posso estar errada, mas, para mim, ele estava assombrado de dúvidas.

— E se você encontrar o Sombra e não for a garota do retrato? E se ele não estiver a fim de você? — perguntou Jazz para mim uma vez. O pensamento tinha me passado pela cabeça um milhão de vezes. Alguns caras gostam de mim. Outros não. Mas tenho a sensação de que o Sombra vai ser um dos que gostam.

Eu e o Ed vamos achá-lo, e ele estará pintando aqueles pássaros lunares. Não sei o que direi primeiro. Talvez apenas:

— Gosto de arte.

— Eu também — diz uma voz.

Olho por cima do ombro e vejo um cara. Ele é mais velho que eu, um ou dois anos talvez, e está de terno, mas não um terno careta. É quase prateado. A mistura do terno elegante com o cabelo bagunçado superfunciona. Abro cinco dedos na grama.

— Muito barulho lá dentro. Posso sentar aqui? — pergunta.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu também estava precisando de ar.

Ele deita perto de mim e se apoia no cotovelo. Seu cabelo cai sobre um dos olhos de vez em quando e, de vez em quando, ele o joga para trás. Ele me pega olhando e sorri. Eu sorrio. A gente

se olha, olha para o lado, se olha de novo.

— Você está esperando alguém? — pergunta, de um jeito que me faz pensar que ele está querendo saber se estou esperando um cara.

— Só um amigo. Estou esperando um cara chamado Ed. Só um amigo — repito. Então, caso ele não tenha entendido, digo: — Não estamos juntos, o Ed e eu. Vamos procurar um grafiteiro chamado Sombra. Conhece?

— Não. Mas conheço o Ed. Ele é amigo do Leo, né?

— É.

Passa uma galera pela gente, se beijando.

— Parece que eles estão nas Olimpíadas — diz ele. — A gente devia levantar cartazes dando nota pros beijos.

— Todo mundo na festa está tirando notas altas.

Ele me olha e olha para o lado. Desliza um dedo na grama, traçando formas, devagar.

— Gosto de desenhar — diz quando me pega olhando para ele. — Por que você quer achar esse Sombra?

— Gosto da arte dele — respondo, e ele concorda com a cabeça. Alguma coisa está acontecendo. Não sei o quê, alguma coisa.

— Onde vocês vão procurar por ele?

— No antigo pátio dos trens e na pista de skate.

— Vocês vão agora?

Faço que sim.

— Quer vir? — Não me sinto estranha fazendo essa pergunta.

— Bem que eu queria. Mas agora não dá. Posso encontrar vocês mais tarde?

Digo que sim. Claro. Sim. Sim. Lógico.

— Ótimo. Pra onde vocês vão depois da pista de skate?

— Talvez para o Feast Lanches.

— Combinado. Então, se eu quiser encontrar vocês, é no antigo pátio dos trens, na pista de skate ou no Feast. — Ele se levanta e estende a mão. Então, me puxa para cima, e fico perto dele. — Você me passa seu número de celular, caso eu precise?

Dou meu número e meu nome, observo as mãos dele digitarem.

— Meu nome é Malcolm — diz, quando termina. — Malcolm Pombo.

Pombo, eu penso. Pássaros presos no céu. Não é nenhum absurdo que ele possa ser o Sombra.

— Muito prazer.

— O prazer é todo meu — responde ele.

Eu o observo se afastar, entrar num carro e ir embora. Tomara que o Ed demore mais um pouco para voltar. Preciso de um tempinho para acalmar as faíscas.



— O Sombra usaria terno? — pergunto a caminho da estação de trem.

— Nem que a vaca tussa — responde Ed.

— Mas você só o viu de relance.

— Por tempo suficiente pra ter certeza.

É mais esquisito estar com o Ed agora do que quando a gente estava de olhos fechados, mas, de qualquer forma, não é tão estranho assim. Depois de quebrar o nariz do cara, acho que semiconstrangedor não é tão ruim.

— Onde está a Beth? — pergunto.

— Ela janta com a família toda sexta-feira.

— E não se importa que você saia comigo?

— A Beth é tranquila. Eu e você somos apenas amigos.

— Verdade. Certo. Claro. — Olho para o céu na esperança de que me sinta insignificante e tenha uma perspectivazinha desse momento de humilhação.

— O que você está olhando? — pergunta Ed.

Nada que me ajude.

— Você sabia que somos feitos da mesma matéria das estrelas? Somos energia nuclear em explosão.

— Você não é como as outras garotas. Sabia? — diz ele.

— Sei bem desse problema — respondo. — Mas, há dez minutos, você estava com a mão no meu rosto enquanto o seu melhor amigo dançava com uma garota, lembra? Você também não é exatamente como os outros.

— Fato.

— Acho que é melhor ser diferente — digo. — O Sombra é diferente.

— Você nunca viu o cara. Como sabe? — pergunta ele.

— Vi as pinturas, e a arte diz muito sobre o artista. Tem uma garota com um mapa na pele e um cara de carro, com fumaça saindo do motor. — Ed não diz nada. — Entendeu? Um carro quebrado.

— Entendi. Alguma garota o dispensou e ele está chorando por isso.

— Não acho que ele esteja chorando por isso, mas, se estiver, não tem nada de errado em ser sensível.

Ed revira os olhos algumas vezes.

— Cuidado. Você está parecendo a minha mãe.

E revira os olhos de novo.

— Ei, que que foi? — pergunto.

— Como você sabe que ele é sensível?

— Você está tramando alguma coisa.

— Não estou. Esqueça. O Sombra é sensível. Vamos falar de outro assunto. Podemos chegar ao pátio dos trens pela estação.

Boa ideia. Assunto encerrado, cara.

— Minha bicicleta está no Feast. Podemos ir de bicicleta até lá. — Olho meu relógio. Onze e meia.

— A que horas você tem que chegar em casa? — pergunta ele.

— Meus pais sabem que eu vou ficar fora a noite toda. E você?

— Tenho até duas e meia.

— Aí o que rola?

Ele ri.

— Beth.

— Ah, tá. Rola a Beth. Imagino que vocês vão transar.

— Está com ciúmes?

— Não. — Um pouco. Não da Beth. Tenho inveja de o Ed ter alguém que o faz sorrir assim. Se o Sombra for o tipo de cara que penso que é, logo estarei como o Ed.

A gente vai se encontrar, vai rolar uma química. E a gente vai ficar acordado a noite toda, e tudo que sair de mim será para ele e tudo dele virá para mim, e, enquanto estivermos transbordando, a noite vai sumir e o mundo será cor-de-rosa e, nesse rosa, ele vai me beijar. Continuaremos nessa troca até chegarmos juntos ao ponto central, e então, vai rolar, e não vou me sentir estranha, não terei medo.

— Vou transar com o Sombra — anuncio, imaginando beijar um cara que se parece com Malcolm Pombo.

As sobrancelhas do Ed criam vida própria.

— Com certeza — diz ele, e ri.

— Que que tem de engraçado?

— Nada. Você pode transar com quem quiser. — Ele ri mais. Ele bate as mãos nas pernas no ritmo das risadas. Preciso quebrar de novo aquele nariz.

— Não me diga que você nunca fantasiou transar com uma garota?

— Fiz mais do que fantasiar.

— Quero dizer que você fantasiou transar com garotas com quem você não transou. — Um pouco antes, eu pensei que isso não pudesse ficar mais humilhante, mas talvez eu estivesse enganada.

— Eu fantasiei com garotas que eu conheço, claro. Você não conhece o Sombra.

— Como se a Angelina Jolie nunca tivesse passado pela sua cabeça.

— Pelo menos eu já vi a Angelina.

— Tudo bem, eu não vi o Sombra. Conheci alguém que o viu, e é quase a mesma coisa. Na verdade, acho que talvez eu tenha encontrado com ele lá na festa.

— O Gorila? — As sobrancelhas do Ed sobem mais do que acho possível.

— Não, não o Gorila. Outro cara, que eu conheci na frente da casa. Ele gosta de arte, foi gentil e estava com um terno bem bonito.

— Não me parece o Sombra — diz Ed.

Viro a cabeça para a esquerda, para mostrar ao Ed que estou querendo ignorá-lo. Ele não precisava fazer eu me sentir tão idiota. Eu não disse que queria transar com o sr. Darcy. * Na verdade, eu já disse isso, mas foi há muito tempo, quando eu não era tão madura quanto agora.

Jazz e eu uma vez fizemos listas de pessoas com quem queríamos transar. Ela olhou a minha.

— Aqui só tem personagem de ficção.

— E daí?

— Daí que você precisa de, pelo menos, uma pessoa de verdade. Com que pessoa real você transaria?

— O Sombra — respondi.

— Imagino que um grafito invisível esteja um passinho acima de uma ficção.

— Ele é visível. Eu só ainda não o vi.

Eu e o Ed não falamos nada durante o resto do caminho até a estação. Não falamos muito enquanto esperamos o trem. Ele ri de vez em quando e, de vez em quando, eu penso em quebrar o nariz dele.

Quando o trem chega e nos sentamos frente a frente, eu volto ao sr. Sombra de Dúvida na Pista de Dança.

— O Leo é um cara legal?

— Ele é o meu melhor amigo desde o ensino fundamental — responde Ed, apoiando os pés no assento ao meu lado.

— Mas ele é legal com as namoradas?

— Ele está sem namorada há um tempo, desde a Emma.

— A garota com aquele... cérebro enorme?

Ele sorri lentamente.

— É. A garota com o... cérebro... enorme. Ela é inteligente e engraçada também. E durona. Eu gostava dela.

— Então, por que eles terminaram?

— Sei lá.

Acho que ele sabe, mas não vai dizer, o que é bastante justo. Mas eu deixei a Jazz numa pista de dança escura com aquele cara e quero saber se ela precisa de alguma informação privilegiada.

— Então, depois da Emma, o Leo não quer compromisso?

— Ele não mente pra elas. A Jazz vai entender tudo antes que alguma coisa aconteça.

— Se alguma coisa acontecer — digo, porque não quero que ele ou o Leo pensem que a Jazz já tomou uma decisão. Acho que ela não tomou, mas talvez eu esteja enganada, e, de qualquer forma, não quero que o Leo dê a coisa como certa. Imagino o momento e como a Jazz vai se sentir. Ansiosa, excitada. Na esperança de passar o dia seguinte e o outro com o Leo. Os dias caindo como peças de dominó na cabeça dela. E, então, ele vai explicar a ela os fatos. Pego o meu telefone.

— Você devia deixar os dois em paz. O Leo é um cara melhor do que os outros pensam.

— Não é o que eu acho — digo, e digito o número da Jazz.

— Lucy — grita ela. — Essa festa é surreal. — O telefone se enche de música, e eu sei que é porque ela está segurando de um jeito que me faça ouvir. — Até que enfim a minha vida está emocionante. Como vai indo aí com o Ed?

— Está tudo bem. Escuta, Jazz, cuidado. Com o Leo.

— Por quê? O que você está sabendo?

— Nada. É que eu te deixei aí, só isso. O combinado era ficarmos juntas.

— Para de se preocupar comigo. Vai se divertir um pouco. — Ela manda o que me parece um beijo e desliga.

Ed levanta a sobrancelha para mim.

— Você está chateado novamente — observo.

— Não estou impedindo você de respirar.

— Você não sabe o que isso vai significar para a Jazz. Eu sei o que é se sentir decepcionada, depois do sangue e dos ossos quebrados no nosso... o que quer que a gente tenha tido.

Ele mexe as sobrancelhas para tudo quanto é lado.

— Ok, o sangue foi seu. Provavelmente você também ficou um pouco decepcionado.

— Você acha?

O trem para na nossa estação e ficamos diante das portas, mas elas não se abrem. O condutor avisa pelo alto-falante que houve um pequeno problema técnico, mas que seguiremos viagem em breve. Eu o imagino na cabine de controle, apertando aquela infinidade de botões, e nada funciona para nos deixar sair. Aperte todos, penso, enquanto o Ed e eu olhamos para as portas.

Através do vidro, vejo parte da pintura do Sombra pairando no céu.

— Irônico — digo, sem realmente esperar que o Ed entenda.

— O quê? Estarmos trancados num trem, olhando pelo vidro para um céu pintado, ou estarmos de volta ao ponto de partida?

— Bem, ambos, eu acho.

— Só porque não sei quem é Atticus Finch não quer dizer que eu seja burro.

— Eu nunca disse que você era.

— Eu sei o que é irônico.

— Ok, Alanis.*

— Por que você concordou em ir ao cinema se nem gostava de mim?

— Foi um acidente.

— Você dizer sim.

— Não. Eu disse sim de propósito. O resto é que foi um acidente.

— Você nem me pôs num táxi. Você tem ideia de como dói uma fratura no nariz?

— Você ainda está chateado comigo.

— Claro, né! Você nem me ligou pra saber como eu estava. Depois de acidentes como aquele, as pessoas geralmente ligam pra pedir desculpas.

— Tem razão — respondo, porque ele realmente tem razão. Como pude nem pensar em ligar? Por que não o coloquei num táxi? Eu poderia ter ligado para o meu pai. — Eu nem pensei em telefonar. — Recuei, porque ele levantou bem sério a sobrancelha. — Eu vomitei — conto. — Acho que isso mostra que eu me arrependi de verdade.

Ele abaixa as sobrancelhas.

— Você vomitou?

— Quando cheguei em casa. Quase não deu tempo de chegar até a pia. Tive que jogar a roupa fora.

Ed fica quieto por uns bons vinte segundos. Sei porque contei. Depois, ele diz:

— É uma pena. Eu gostava muito daquela camiseta que você estava usando.

— Você se lembra da minha camiseta?

— Até me anestesiarem, me lembro de tudo.

— Desculpa — peço. — Desculpa por ter quebrado o seu nariz. Eu sinto muito mesmo não ter posto você num táxi.

— E sente muito porque não telefonou pra saber como eu estava?

— Isso também.

Ele se apoia na parede do vagão e cruza os braços.

— Foi mal ter passado a mão na sua bunda.

Não me seguro.

— O que há de errado com a minha bunda, cara?

As sobrancelhas sobem. As portas se abrem.

“Liberado”, avisa o maquinista no alto-falante.

— Se a Jazz for parecida com você, é o Leo quem tem que se preocupar — diz Ed, e me deixa passar na frente para sair do trem, do que, confesso, acabo gostando.



* Sr. Darcy (Fitzwilliam Darcy) é o principal personagem masculino do livro *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. (N.T.)

* Referência a Alanis Morissette, cantora e compositora canadense. “Ironic” é o título de uma de suas músicas mais famosas. (N.T.)



PISTA DE DANÇA

23:30

Dança mediúnica

Ela diz que sabe

Pra onde

Eu vou

“Você vai girar em torno de mim

E voltar para o ponto de partida.”

“Isto prova que não tenho talento pra dançar”, eu lhe digo.

“Mas não prova que você tem poderes mediúnicos.”

“Você não acredita que eu possa ler sua mente?”

Eu acredito nela. “Não.”

Ela orbita lentamente

Em sentido anti-horário

Como se desenrolasse ataduras

Etéreas

“Eu sei de coisas”, diz ela.

Sinto cheiro de hortelã

É muito doce aqui

Muito escuro

Muito rápido

Muito ela

Eu me movimento no sentido horário

Atando

O que ela desata

“Viu?”, diz ela. “Você fez exatamente

O que eu predisse

Que você faria.”



u vomitei — conta Lucy, e eu me sinto garboso.

Bert me ensinou essa palavra, e eu gosto dela. Depois do meu primeiro encontro com a Beth, ele fez uma série de desenhos em que eu estava garboso. Ele passava as páginas e esse carinha aqui dava chutes no ar.

— Me senti assim depois que eu e a Valerie começamos a sair — contou Bert.

Sinto vontade de dar uns chutes no ar hoje. Lucy gostava de mim o bastante para vomitar.

— Foi mal ter passado a mão na sua bunda — digo para ela.

— O que há de errado com a minha bunda, cara? — pergunta ela e sorri, beat acelerado. Vejo aquele sinal que ela tem no pescoço e me dá uma vontade louca de tocá-lo, quase não dá para segurar. Mas não o toco, porque a definição de loucura é fazer a mesma coisa duas vezes esperando um final diferente.

Você está se sentindo garboso, então sossegue. Não vá querer mais. Aproveite o passeio com ela. Divirta-se mostrando a ela suas pinturas e ou vindo o que ela acha. Alegre-se em dizer adeus antes de ir roubar a escola. Esse último pensamento me tira um pouco o garbo. O rosto do Bert flutua na minha mente, me diz que ladrões não merecem ser garbosos.

— Então, estamos quites — diz Lucy a caminho do Feast.

— Nunca estaremos totalmente quites — respondo. — Mas estamos progredindo.

Andamos mais. Agora, o número de pessoas na rua é menor, restam só uns gatos pingados. De vez em quando, encontramos algum cara indo para lugar nenhum desde a noite passada, decidido a esta noite chegar lá. Leo nunca passa por um desses bêbados sem lhes dar algum dinheiro, mesmo que só tenha umas moedas no bolso. Ele não voltou em casa desde que mudou para a casa da avó.

— Não tenho motivo pra voltar — diz, mas não acho que seja simples assim. Acho que as moedas que ele joga para os bêbados na rua são sua maneira de se desculpar por não conseguir lidar com o zoológico dentro de casa.

— Você nota como a noite muda de forma? — pergunto a Lucy. — Ela começa densa de gente e barulho. Depois vai se diluindo até que no meio da noite, não há quase mais nada além de você.

— Você costuma ficar acordado à noite? — pergunta ela.

— Não muito. Começo a trabalhar cedo. — Ou começava. Desde que perdi o emprego, há mais de um mês, a necessidade de pintar bate forte. Fico acordado, às vezes até altas horas, e passo as tardes nas galerias de arte que não cobram entrada. Bert e eu íamos lá nos sábados de manhã. A gente almoçava no parque e conversava sobre as obras de arte que a gente tinha curtido. Nunca me cansei de passar o tempo com o Bert. Nunca me cansei de observar suas mãos velhas desenharem o mundo.

— Minha bicicleta ainda está lá — avisa Lucy, apontando. — Aqui nunca se sabe. Às vezes as coisas somem.

O cadeado da bicicleta da Lucy é do tamanho de um chihuahua que eu tive e digo a ela que, provavelmente, ninguém anda com alicates de tranca tão grandes.

— Eu adoro minha bicicleta. Quero que ela esteja segura — responde e afivela o capacete, que é azul com um relâmpago na lateral. Penso numa pintura que eu podia fazer. Uma garota em forma de raio no céu, e um cara na terra, com um para-raio, tentando capturá-la.

— Você gosta desse capacete também? — pergunto.

— Não tem nada errado com o meu capacete, cara. — Ela aponta para dois grandes cilindros na parte traseira da bicicleta.

— Você pratica... alguma coisa? O que são?

— São apoios para os pés. Meu pai fez pro meu primo usar. Suba.

— Mas eu não tenho um capacete bacana com um raio.

— Sua cabeça é bem dura.

— Engraçadinha. — Eu me firmo sem tocar nela.

— Para o pátio dos trens — diz ela, e aciona os pedais. Não saímos do lugar.

— Você que manda — devolvo. — Bem, enquanto ainda somos jovens e bonitos.

Ela empurra os pedais de novo, com força.

— Você pesa uma tonelada.

— Quer que eu pedale?

— Eu preciso de impulso, só isso. Desça.

— Você é muito charmosa, deve ouvir isso sempre.

— Desça — repete ela. — Vou pedalando e você corre atrás e pula na bicicleta.

— Muitos caras convidam você pra sair uma segunda vez?

— Só os corajosos.

Eu desço da bicicleta. Ela pedala e eu corro pela rua atrás do olho de gato na traseira.

— Rápido — grita ela. — Não posso desacelerar, senão perco o impulso.

Corro o mais rápido que posso e quase toco o pneu da bicicleta.

— Eu não sou o Super-Homem — grito. Ela reduz um pouco, eu dou um salto e caio no asfalto.

As coisas continuam assim por algum tempo. Eu corro, salto e caio, e me pergunto como fazer isso prova que eu sou corajoso. — Não tem como subir na bicicleta desse jeito.

— Tenta de novo — insiste ela.

Mais uma vez e chega, eu penso, e corro, gritando o tempo todo, como se isso me desse velocidade. Ela desacelera um pouco, eu pulo e aterrisso com um pé no apoio, o que é um milagre.

— Milagre — grito.

— Até que enfim — diz ela.

— Sabe, o irmão do Leo vai me emprestar um carro quando eu tirar carteira. Vou fazer você subir nele em movimento.

— Você vai me levar pra passear?

— Se o seu preparo físico estiver à altura, claro.

Do Feast, seguimos pela rua Carville e por Sycamore. Imóveis decadentes passam flutuando por nós. Fecho os olhos por um tempo e dei xo o movimento me levar para outro lugar, deixo paredes desabarem dentro da minha cabeça, como desabam quando sinto espaço à minha volta. Talvez mais tarde eu vá a algum lugar e pinte a escuridão atrás dos meus olhos. A escuridão tomada por sons da cidade e pela respiração da Lucy.

— Nada mau — digo. — Parece que nós não estamos aqui de verdade.

— Não se sinta tão confortável. Se tiver ladeira, você vai ter que descer e subir andando.

— Não vai ter. Vou te levar aos muros do Sombra que ficam onde não é preciso fazer esforço.

— Não vou mostrar os lugares escondidos. Nas docas e dentro das antigas fábricas. Dentro do velho trailer perto da pista de skate. — Dobre à direita aqui — digo, e descemos a rua Pitt.

Passamos pelo meu conjunto habitacional, mas não digo que moro ali. Demorei meses para trazer a Beth quando começamos a sair. Eu gostava de encontrá-la em outros lugares. No fundo do jardim da casa dela. No parque. Na loja de tintas, depois do expediente.

— Por que você não convida ela pra jantar? — perguntou a minha mãe. — Está com medo que eu faça você passar vergonha?

— Medo de que ela tenha uma intoxicação alimentar.

— O Leo come aqui quase toda noite. Ainda não morreu.

— Criei anticorpo com o tempo. Que nem eu. — Beijei-a no rosto e fui para a porta.

— Ed — chamou ela. — Diga pra ela vir domingo, às sete. Vamos pedir comida fora.

Leo também foi e a nossa mesa não era tão grande, então jantamos no chão da sala. Minha mãe tinha comprado um tapete azul naquele dia porque sabia que eu detestava o nosso carpete. Beth trouxe flores e, entre ela e as flores, o tapete e as luzes de Natal, tudo na casa que era de segunda mão parecia quase novo.

— E então, o que você está lendo? — mamãe perguntou, porque sabia que a Beth estudava literatura.

— *Ratos e Homens* * — respondeu ela, e os três engrenaram um papo, listando os escritores de

que gostavam. Leo falou sobre Henry Rollins, como sempre, e a minha mãe falou de todos os livros que ela leu quando estava grávida de mim, pois não tinha mais o que fazer, e eu fiquei sentado lá, pensando num muro com um tapete mágico. Três pessoas nele. E um cara caindo pelo céu. Nessas horas, eu me pergunto se não sou mais parecido com o meu pai do que com a minha mãe. Se ele estivesse ali naquela noite, talvez eu tivesse companhia na queda.



No pátio dos trens, a Lucy fecha o cadeado chihuahua e retira o farol da bicicleta. Quando vou perguntar se ela precisa de ajuda para pular a cerca, ela já a ultrapassou e está aterrissando do outro lado.

— Acho que não — penso alto, escalando a cerca atrás dela.

Lucy projeta uma trilha de luz passando pelos vagões abandonados, borrifados dos pensamentos de fim de noite meus e do Leo. Ursos-polares aproximando fósforos das geleiras, pintados depois que o Leo ouviu um político dizer que as pessoas não eram as responsáveis pelo aquecimento global. *Você tem razão. São os animais.* A Terra vestida com um blusão tricotado e um gorro. *Será por isso que ela está ficando mais quente?* Leo tinha uma certa preocupação com o meio ambiente e eu não me importava de desenhar para ele. Entendo algumas coisas dele, outras não. A gente passa por um de seus poemas, “A pulsação interna”, e a Lucy para para ler.

— Às vezes, ele parece um poeta — declara. — E, às vezes, é mais um cronista.

Respondo dando de ombros e continuo a andar. Na verdade, nunca pensei sobre isso. Ultimamente, o Leo tem escrito coisas mais longas, mas acho que é só porque ele tem mais a dizer. Tem dias em que ele quer conversar sobre coisas que ouviu na aula de filosofia e, às vezes, quer ficar quieto, sentado, e comer um enroladinho de salsicha.

— É tão perto da escola, mas eu nunca estive aqui — observa Lucy, e eu digo que às vezes dou uma passada, para ver as pinturas.

— Então, você gosta de grafite? — pergunta ela, se afastando antes de eu responder e olhando o próximo vagão.

— De uma ou outra coisa — respondo, mas Lucy não está escutando.

Acima do ombro dela, vejo um grafite que o Leo e eu fizemos de brincadeira. Tem um cara pedindo carona numa estrada no primeiro quadro, um cara lhe dando carona no segundo e o carro indo embora no terceiro. Na placa traseira do carro está escrito “psicopata”. Eu rio e me lembro da noite em que o fizemos. Leo teve a ideia. Eu só estava pintando um cara em fuga.

— Viu só? — diz ela. — Ele é engraçado.

— Nunca disse que não era. — Caminhamos até o próximo vagão. — Então, você gosta dele porque ele é engraçado?

— Gosto dele porque ele é inteligente. E, sabe, eu e ele somos artistas, então temos alguma coisa em comum. — Ela sacode a pulseira. — Estou estudando trabalho em vidro com o Al Stetson há quase dois anos. Ele me ajudou a completar meu portfólio de arte.

— E você está gostando?

— É legal ter uma ideia e concretizá-la com as mãos. Você entende?

— Imagino — respondo, mas o que quero dizer é “Sim, eu sei”. Sei bem disso tarde da noite, quando me bate uma ideia e eu não consigo dormir até ela estar no muro.

— O Al faz uns móveis que cobrem o teto todo, como flores pendura das no céu. Eles batem uns nos outros e, porque têm tamanhos e espessuras diferentes, fazem barulhos diferentes. É como um teto de flores que cantam.

Eu olhei pela janela do estúdio dele uma vez e pensei que eram nuvens de trombetas. Gosto ainda mais dos móveis agora que sei que fazem barulho. Não dava para ouvir do lado de fora.

— Eu já vi — digo sem pensar.

— Onde? — pergunta ela.

Tusso para ganhar tempo.

— Em algum lugar da cidade. Tem umas lojas de artigos de vidro perto da loja de tintas.

Ela sacode a cabeça.

— Você pode ter visto algum outro trabalho dele, mas não esse. É de quando o Al estava começando, antes de definir seu próprio estilo. Ele diz que é um pouco Dale Chihuly* demais e o deixa pendurado ali na oficina pra se lembrar de ser ele mesmo. Eu adoro, mas gosto também do trabalho que ele faz agora. Ele faz vasos enormes, tipo da sua altura. Eles são transparentes, mas, quando a luz bate, dá pra ver formas no vidro todo. Eles me fazem lembrar de fantasmas com entalhes na pele. Você já viu?

Eu digo que não, por segurança, mas já os vi pela janela. Nem acreditei que gostei tanto deles, porque geralmente é a cor das coisas que me atrai.

Penso em como seria legal fazer uma exposição. Sei que a maioria dos grafiteiros diz que não precisa de galerias, mas eu não me importaria de ter um salão branco com as minhas obras penduradas. Bert e eu fomos a uma exposição do Ghostpatrol**, o artista de rua e de galeria.

— Você poderia estar aqui — disse Bert.

Eu disse que ele estava sonhando. Ele me respondeu que sonhar é o único jeito de se chegar a algum lugar.

Lucy para na frente de um retrato meu, em pé, numa noite em que eu não estava lá muito inspirado. Pintei não faz muito tempo. No muro, em volta de mim, só existem rachaduras. Postes delgados de luz emitem raios finos. Ela olha por um tempo, mas não entende.

— Como é o seu portfólio? — pergunto.

— Tem vinte garrafas-memória chamadas *A Frota da Memória*. São meio barco, meio garrafa, meio criatura — explica ela, e me entrega a lanterna da bicicleta. Ilumino a Lucy com a lanterna, e ela se torna uma mistura de fantasma e sonho. — Eu as sopro e as movimento — diz ela, e eu não entendo exatamente o que isso significa, mas me faz pensar num muro em que balões de vidro saem da sua boca.

Ela tira um pedaço de carvão do bolso e desenha em volta do meu retrato. Numa superfície dessa, o carvão mal vai durar por essa noite, e eu sei que vou voltar amanhã e fazer permanentes os desenhos dela.

Algumas de suas garrafas são meias-luas lisas, que se curvam numa das extremidades para poder enganchar em outras garrafas. Algumas são sóis deformados que se afinam e sobem num comprido fio de luz. Algumas se abrem na extremidade como trombetas, outras, espirais confusas que me fazem pensar num circo.

Os dedos dela borram as linhas, e volto à escola, vendo-a desenhar teias emaranhadas. Penso que essas garrafas talvez tenham nascido delas e quero perguntar se nasceram, mas não pergunto.

Depois de algum tempo, ela se afasta e olhamos para as formas que me circundam. Minha péssima pintura está bem melhor com elas e eu tento não demonstrar o que estou pensando. Que sua obra é estranha, legal e bonita, como ela.

— É assim que eu imagino que iam ser as lembranças — diz — se a gente pudesse vê-las. Isso é estranho, não?

— É, mas você é estranha — respondo, e penso num muro que quero pintar: um cara com um oceano dentro dele. Quero pintar as garrafas-barcos da Lucy navegando pelo mar dele.

— Algumas garrafas são a memória em si. — Ela passa a mão sobre o circo. — Sabe quando, às vezes, um momento não é uma palavra na sua cabeça, mas um cheiro, ou um som, ou uma forma?

Essa noite, um muro será um pássaro batendo as asas.

— Imagino.

— Algumas são de vidro transparente, e com formas mais regulares. — Ela aponta para uma que parece uma garrafa normal misturada com uma canoa. — Elas representam as coisas de que você não lembra. Algumas garrafas eu enchi de coisas. O Al me deu a ideia. Quando ele era criança, fazia aqueles navios dentro de garrafas.

— O que tem dentro delas? — pergunto.

— Principalmente lembranças de infância. Tipo: em uma delas, tem uma capa pequena e uma varinha de condão pra me lembrar de quando eu tinha 10 anos. Minha mãe fazia fantasias pra mim e pra ela, e a gente participava das apresentações de mágica do meu pai. Ele é comediante, mas às vezes anima festas infantis pra ganhar um extra. Minha mãe e eu entrávamos na caixa e o meu pai batia nela e, quando abria a cortina, a gente tinha desaparecido e, quando ele batia de novo, a gente tinha voltado.

— Então, vocês saíam pelo fundo?

— Ai é que está — diz ela. — Do jeito que eu lembro, a gente ia realmente pra algum lugar. Quer dizer, agora sei que tinha um truque, mas, naquela época, a minha mãe sabia qual era e eu não. Do jeito que eu lembro, era o meu pai que fazia aquilo acontecer.

— Meu pai também era mágico — digo, olhando aquelas garrafas vazias. — Engravidou a minha mãe e desapareceu.

— Ah — reage ela, com uma expressão estranha no rosto.

— Não se preocupe. Ele desapareceu antes de eu nascer. Eu nem conheci. — Ele está aqui no pátio, em algum lugar mais para trás. Um muro com um buraco pintado em forma de homem.

Caminhamos pelo resto do pátio de trens e ela fala sobre as cores do estúdio do Al. E eu quero sair daqui e ir até lá com ela. Ir ao jardim de trombetas penduradas no teto.

De vez em quando, paramos para olhar alguma coisa que o Leo escreveu ou que eu pintei. A última pintura diante da qual ela para eu não queria que ela visse. Não há nada engraçado no oceano branco. Há um ritmo na pintura, como se a água quisesse tomar fôlego. *O mar decepcionado*, o Leo escreveu embaixo. Ele usou uma tipologia que chamou de Vazio e, para mim, é exatamente isso o que aquelas palavras parecem.

— Você já se sentiu assim? — pergunta Lucy. — Oprimido ao extremo?

Penso na noite em que fiz a pintura. Uma semana depois da morte do Bert. Uma semana entrando no depósito e esperando que ele estivesse lá. Sete garrafas de cerveja cheias alinhadas no peitoril da janela, porque a Valerie continuava a me dar a cerveja do almoço, mas eu não conseguia beber sem o Bert.

Eu não quero pensar nisso hoje.

— O que me deixa realmente decepcionado é *Veronica Mars*^{*} não ter passado da terceira temporada — respondo. — E os Butterfingers^{**} não terem king size.

— Agora têm.

— Bem, isso é uma boa notícia.

— Eu queria que fizessem os bolinhos Reese's^{***} em king size, mas isso nunca vai acontecer — diz Lucy.

Pensando bem, parece estranho realmente.

— Você tem razão. Por que não fabricam em tamanho maior?

— É um mistério.

— Você podia comprar três, derreter e depois congelar — digo.

— Que gororoba!

— Mas ainda ia ser chocolate. E ter o mesmo gosto.

— É, pode ser. Mas gosto dos meus bolinhos do jeito que devem ser, com o creme de amendoim *dentro*.

— Você tem uma postura bem rígida sobre essa coisa de dentro e fora.

— Tenho — diz Lucy, e eu gosto que ela fale sobre arte e chocolate na mesma conversa. Gosto da ideia das suas garrafas. Memórias que são apenas formas estranhas fluuando aqui dentro da gente, memórias que são apenas garrafas vazias. E as coisas boas, engarrafadas, para que não possam ir embora.

Deixamos a pintura e voltamos ao lugar por onde viemos.

— Sempre me perguntei como colocavam aqueles navios dentro das garrafas.

— O Al me mostrou — explica ela. — Primeiro você faz a garrafa. Ou compra pronta. O navio entra depois. Você constrói ele fora da garrafa, com mastros desmontáveis. Depois, você coloca o mar, de massa de vidraceiro, dentro da garrafa e então desliza o navio através do gargalo. E levanta as velas pelo lado de fora. Foi assim que eu coloquei as minhas memórias dentro das garrafas. Eu as fiz pequenas e desmontáveis. Acho que eu gostava mais dessas garrafas quando ainda eram misteriosas, antes de eu aprender a técnica.

Ela tem um dente da frente com uma pontinha quebrada e eu penso em passar o meu dedo na beirada dele. Mas depois penso nela descobrindo que eu sou o Sombra. Penso nela ficando decepcionada por eu ser um cara sem rumo, não um cara sensível, inteligente e divertido. Penso nela indo para a universidade e fazendo trabalhos em vidro e eu ficando onde estou, pintando muros com spray e contando dinheiro para pagar o aluguel.

— Posso te mostrar como se coloca o navio dentro da garrafa — oferece ela. — Se você quiser.

— Sei não. Parece trabalho demais por um barco que não vai a lugar nenhum.

* *Of Mice and Men*, do escritor norte-americano John Steinbeck (1902-1968). (N.T.)

* Dale Chihuly é um dos grandes gênios da escultura em vidro. (N.T.)

** Ghostpatrol, artista nascido na Tasmânia, vive e expõe em Melbourne. (N.T.)

* *Veronica Mars* é uma série da televisão norte-americana, que esteve no ar entre 2004 e 2007. (N.T.)

** Butterfinger é um doce em barra da Nestlé. A barra tem um recheio semelhante a um caramelo crocante com um gosto similar a creme de amendoim, com cobertura de chocolate. (N.T.)

*** Reese's Peanut Butter Cups é uma marca de bolinho recheado com creme de amendoim e com cobertura de chocolate da Hershey's. (N.T.)



QUINTO EXERCÍCIO

POESIA IOI

ALUNO: LEOPOLD GREEN

A pulsação interna

Dentro dele há uma cerca de arame

E depois da cerca há um cão

E depois do cão há ladrões

E depois dos ladrões

Uma gangue de sonhos ruins

E depois dos sonhos

Se você conseguir passar pelos sonhos

Estão as coisas que o fazem pulsar

Pulsar, pulsar, pulsar



Eu e o Ed caminhamos juntos por entre os vagões. Estou num mundo do Sombra que eu não sabia que existia. Eu o imagino aqui, sozinho, pintando no clarão do poste da rua ao lado, e quero ainda mais encontrá-lo. De vez em quando, penso que ele está presente, porque, no escuro, o Ed parece uma sombra projetada por outra pessoa.

Conto ao Ed as coisas que quero contar ao Sombra. Conto-lhe sobre meu portfólio, *A Frota da Memória*. Tudo começou com as teias emaranhadas que eu desenhava em aula. Enquanto observava Al, Liz e Jack trabalharem, eu desenhava o vazio que sinto por dentro quando vejo uma lua que eu poderia beber direto do céu, ou o movimento giratório e amarelo do sol que aconteceu entre mim e o Ed no dia em que ele me chamou para sair.

Aquelas teias se moveram e se transformaram, como os vidros que o Al fazia, e acabei com uma página cheia de garrafas desenhadas, que lembravam barcos flutuando no oceano. Depois de passar duas semanas observando e desenhando, o Al pediu para ver o meu caderno de esboços.

— Parece uma frota de memórias — disse e, assim que falou, eu soube que era isso que os desenhos eram.

Eles eram tudo que eu pensava e tudo que eu lembrava. Eu gostava da ideia de que, nos canais sob a minha pele, essas formas estranhas e coloridas deslizavam.

— Você vai fazê-los para o seu portfólio de formatura — disse Al naquele dia.

— Eles não são meio esquisitos? — perguntei, girando a página em vários sentidos.

— As coisas esquisitas às vezes são as mais bonitas — respondeu ele. — Essas formas parecem ter saído de dentro de você.

Conto ao Ed como as sopro, as movimento e as sopro de novo. Como as tornei uma mistura de garrafa, barco e ser vivo. Pongo minhas lembranças para fora e o vidro toma a forma delas.

Desenho-as em torno da pintura que o Sombra fez de um garoto numa noite vazia. Garrafas-barco, belas e estranhas, que, flutuando no meu oceano, agora flutuam em volta dele naquele muro.

Todas têm curvas embaixo. Algumas têm gargalo, como garrafas comuns, com um bocal redondo e achatado. Outras se desdobram numa espiral de vidro projetada para enganchar em outras garrafas-barco. Todas se assentam sobre uma chapa de vidro azul.

O Ed me observa enquanto desenho e, de vez em quando, olho para ele, mas não consigo saber o que está achando. Digo que as garrafas-barco são como eu imagino que sejam as lembranças, e ele diz que eu sou estranha, mas depois se aproxima do muro e fica olhando as formas.

Há silêncio demais, então eu encho o silêncio com os motivos de eu ter feito a frota. Às vezes, a memória não pode ser explicada em palavras. Uma das garrafas que eu fiz é azul-escura, triste e retorcida; eu me lembro de ter me sentido assim numa véspera de Natal, quando era criança.

Explico como o Al me deu a ideia das garrafas com coisas dentro.

— Quando ele era criança, fazia aqueles navios dentro de garrafas.

Ed me pergunta o que tem dentro de algumas garrafas e eu conto, mas me sinto esquisita, porque ele pode não entender. As memórias que estão lá dentro são as mais importantes para mim. Algumas vêm da minha infância, coisas de que lembro da minha mãe e do meu pai antes da esquisitice toda do galpão.

Numa garrafa, há um peixe de barro. Pequenino, para poder passar pelo gargalo, porque tem coisas que não dá para desmontar. Ele está na frota da memória porque nós costumávamos acampar no Penhasco Wilson. Minha mãe fingia cozinhar o que o meu pai pescava, mas na verdade os peixes dele eram pequenos, então ela pedia o jantar no restaurante de frutos do mar, e nós fingíamos que o peixe tinha vindo do oceano. Meu pai fingia tão bem que eu nunca tinha certeza se ele sabia da verdade.

Em outra garrafa, algumas coisas espetadas em massa de vidraceiro: um canto de página de um texto da minha mãe, um pedaço bem pequeno de um trabalho meu em vidro, uma piada de uma das apresentações do meu pai.

— Arte é mais importante que dinheiro, Lucy — disse a minha mãe quando contei que o Al tinha se oferecido para me dar aulas. — Vamos dar um jeito de pagar, não se preocupe com isso.

Conto ao Ed sobre o meu pai e a mágica que fazia eu e a minha mãe desaparecermos, e ele diz:

— Meu pai também era mágico. Engravidou a minha mãe e desapareceu.

Ele diz que não se incomoda com isso, mas seu rosto parece uma daquelas garrafas transparentes, e vejo que ele se incomoda. Então, enquanto caminhamos pelo pátio, falo sobre as cores do estúdio do Al, sobre as flores penduradas no teto. Al me ensinou a fazer aquelas flores. Eu girava a cana enquanto ele soprava o tubo, e a gente ficava olhando o vidro derretido se transformar em pétalas.

Tem uns dias em que eu não tenho vontade de sair do estúdio e voltar para casa. Fico ali, com aquelas flores, porque, quando a luz passa por elas, transforma o estúdio num céu de cores suaves, e o galpão onde o meu pai mora está desabando. Ele cola sacos plásticos nas janelas para que os insetos e a chuva não entrem.

Ando com o Ed por entre as pinturas chegando ao meio do pátio e mais adiante, até que não há mais para onde ir e só resta uma pintura. *O mar decepcionado*, o Poeta escreveu. Eu me sinto assim quando vejo o meu pai saindo do galpão de manhã, de roupão e chinelos, carregando a nécessaire com as coisas de higiene pessoal dele.

— Você já se sentiu assim? — pergunto. — Oprimido ao extremo?

Não sei o que eu esperava que o Ed respondesse, mas não esperava que ele falasse sobre *Veronica Mars*, Butterfingers e bolinhos de creme de amendoim Reese's. Gosto que ele fale de arte, chocolate e TV e que nenhum de nós fique calado pensando no que dizer. Pelo menos até eu me oferecer para mostrar como se faz um navio dentro de uma garrafa e ele me dizer que é uma perda de tempo.

— É a perda de tempo que nos leva a algum lugar — reflete Al.

O Sombra saberia disso. Ele teria dito sim e nós teríamos voltado ao estúdio do Al para ver o meu portfólio e fazer navios desmontáveis que deslizam em massa de vidraceiro. Eu o imagino, em seu terno prateado, se inclinando sobre o navio e gentilmente levantando as velas.

— Você não precisa ir procurar o Sombra comigo — digo, quando voltamos para pegar a bicicleta. — Você pode ir embora. Ou eu posso levar você até a casa da Beth, se quiser. — Coloco o capacete.

Ele dá de ombros e diz:

— Se você quiser, pode me deixar na estação. — Então, ele se agacha como um corredor. — Estou pronto. Vai.

— Você tá me zoando.

— Tô não. O desafio me instiga.

Ele parece tão bobo que não o chamo de bobo. Desisto e começo a pedalar, e ele corre e monta na bicicleta depois de apenas duas tentativas.

— Dessa vez foi bem mais fácil — comento.

— Da próxima vez, você corre. Vamos comparar as definições de fácil.

Minha mãe me diz para tomar cuidado com garotos que nunca levam nada a sério. Meu pai diz que um cara precisa de bastante senso de humor para atravessar sua vida amorosa. A Jazz diz que meu pai deve precisar de senso de humor para enfrentar uma vida amorosa morando no galpão.

— Então, de quem mais você quebrou o nariz depois do meu? — pergunta Ed.

Finjo que estou contando. Não quero confessar que não tive nenhum outro encontro depois que saí com ele. Passei o tempo procurando o Sombra. O que poderia, para algumas pessoas, como diz a Jazz, soar meio patético.

— Tantos assim? — pergunta Ed.

— Está bem, David Graham me chamou pra sair. Eu aceitei, mas desisti depois que o ouvi dizer na aula de artes que qualquer um poderia pintar a merda que ele viu na exposição do Picasso. Um cara que acha isso é um idiota.

— Completo. *Mulher com Corvo*. Não é qualquer um que poderia pintar aquilo.

As rodas da noite passam por nós, luzes, estradas e árvores.

— Você gosta do quadro? — pergunto. — Você conhece o quadro?

— Não fique tão surpresa.

— Não estou. Só que eu pensei...

— Que a arte era um clube secreto onde só você e o Sombra podiam entrar? — questiona Ed, completando minha frase.

— Não. — Talvez. Não sei. Estou surpresa. Se ele realmente gosta tanto de arte, por que não falou nada no nosso encontro? Por que abandonou a escola no meio do nosso trabalho sobre Jeffrey Smart e o deixou para eu terminar sozinha? — Você foi à exposição?

— Eu e o Bert fomos ver a pintura. Bert gostava do modo como parece que a mulher está apaixonada pelo pássaro mau. Ele disse que ela estava “apaixonada por maus tempos”.

— Quem é Bert?

— Meu antigo patrão da loja de tintas. Ele morreu há dois meses. Ataque cardíaco no corredor três.

— Que péssimo.

— Melhor que um ataque cardíaco no corredor quatro, que é onde guardamos os papéis de parede com motivos florais. Bert detestava aquele corredor, mas era o que dava mais dinheiro. Ele morreu olhando os vermelhos fortes.

— Imagino que, se você tem que partir, é melhor que veja alguma coisa bela na saída. Você sente falta dele?

— Era um homem bom. Ele me pagava mais do que podia, mas eu só soube disso depois do enterro. Ele me ensinava coisas. E fazia uns desenhos muito legais. Dá pra dar uma paradinha?

— Se eu parar de pedalar, você vai ter que correr de novo.

— Eu sei. Só um instante.

Eu paro, e ele desce da bicicleta e tira um caderninho do bolso. As páginas estão dobradas e o caderno está sujo nas beiradas. Nós nos encostamos na cerca de alguém e ele se aproxima.

— Olhe. — Ele folheia as páginas com o polegar e um cara dá chutes no ar.

— Isso é muito legal.

Ed folheia todas as animações. Dois caras bebendo cerveja. Um cachorro rolando e se fingindo de morto. Um cara no balcão atendendo uma mulher. Um homem de joelhos fazendo um pedido.

— Esse é o Bert pedindo a Valerie em casamento — explica Ed, e eu gosto do sorriso que ele dá quando diz isso. Gosto do jeito como segura o caderno. Como se todos aqueles desenhos se somassem ao seu amor.

O último é de um cara acenando e partindo num carro. Ed hesita.

— Ele desenhou este no dia em que morreu. Sou eu. Com minha carteira de motorista.

— Como você sabe que é você? — Ed segura o desenho junto ao rosto. Há bastante semelhança. Algo relacionado às sobancelhas.

— Além do mais — continua Ed —, o Bert me fazia perguntas para me preparar para a prova de motorista. — Ele folheia as páginas, e um cara ri e balança a habilitação para fora da janela de um carro. — Eu fui reprovado uma vez, mas o Bert já estava fazendo planos para eu fazer a prova novamente e poder dirigir a van de entregas.

— Todo mundo é reprovado pelo menos uma vez na vida.

— É o que dizem — concorda ele, e passamos os desenhos do caderninho novamente. Ele para no que o Bert bebe cerveja ao sol e folheia as páginas para que ele levante o copo. — O que você acha que acontece depois que a gente morre? — pergunta.

— Não tenho certeza. A Jazz diz que a gente volta e tem uma segunda chance.

Ed olha ao redor.

— Espero que eu não volte para cá.

— Você não gosta de viver aqui?

— Você gosta? — pergunta ele.

— Gosto de como fica à noite. Gosto da ponte, com todas aquelas luzes de carros se movendo no escuro. Minha mãe, meu pai e eu passávamos de carro pela ponte, porque ele gosta da vista.

— Isso é meio estranho — diz Ed.

Eu faço que sim com a cabeça. E isso não é o mais estranho sobre a gente. Faz tempo que não passamos de carro pela ponte juntos. Ainda vou com o meu pai até lá às vezes. Passamos pela ponte quando ele me levou para comprar sorvete em South Melbourne depois que eu o vi pregando um número no galpão.

— 132a? — perguntei. — Nosso número é 132. — Apontei para a casa.

— Sim, mas o entregador de pizza sempre fica confuso. Não faça essa cara triste, Lucinha — pede meu pai, e fomos dar um passeio pela ponte. E o mundo, que estava sujo durante o dia, se estendia pintado e polido abaixo de nós.

— Quando você vai voltar pra casa? — perguntei.

— Em breve — respondeu ele.

— A Jazz disse que vocês vão se divorciar.

— Bem, a Jazz está enganada. Eu diria à Jazz se isso fosse acontecer. Estaria eu morando no mesmo terreno e passando tempo com a sua mãe todos os dias se nós fôssemos nos divorciar?

— Não — respondi, enquanto passávamos por letreiros que desapareciam depressa demais para serem lidos.

Pedi ao meu pai que me deixasse no estúdio do Al naquela noite. Esbocei um novo navio para a minha frota, um navio azul e curvo como uma metade de céu. Trabalhei nele pelas semanas seguintes. Pus uma ponte dentro, feita de palitos de dentes e de fósforos. Esmaguei pedaços de vidro dentro da massa de vidraceiro preta para parecerem luzes na noite. Comprei um carrinho de brinquedo e fiz *três* pessoas para colocar dentro. Foi a garrafa que me tomou mais tempo. Al não acreditou quando eu terminei.

— É como se você tivesse encolhido o mundo e o engarrafado.



Ed fecha o caderno e observamos a rua.

— Você já ouviu falar do seu pai alguma vez? — pergunto.

— Não. Minha mãe disse que tiveram a maior briga antes dele ir embora. Ela estava com 15 anos e ele com 16 e, depois que ela contou que estava grávida, ele fugiu, correndo tanto que fez um buraco em forma de pai na parede.

— Você sente falta dele? — pergunto.

— Não se sente falta de um buraco. — Ele folheia o caderno. — Minha mãe mal se lembra dele. Sei que foi criado por aqui. Que não gostava da escola. Que a banda preferida dele era Smashing Pumpkins e que ele conheceu a minha mãe num show deles. As primeiras palavras dele pra ela foram: “Hoje é o melhor dia que eu já vivi”, que é um verso de uma música do Smashing Pumpkins.* Acho que isso mostra como ele era babaca. Ela achou que mostrava como ele era legal, mas, olhando pra trás, ela diz que eu tenho razão. As últimas palavras dele pra ela foram “foda-se” e “foda-se”.

Eu rio e depois paro.

— Desculpe. Isso não é engraçado.

— Não me importo que ele tenha ido embora. Minha mãe me basta. Nunca tivemos muito dinheiro, mas ela comprava coisas em lojas de segunda mão e fazia os lugares onde a gente morava ficarem legais. Ela tem talento pra achar coisas baratas quando a gente precisa. Mesas antigas, estantes. Muitos discos de vinil. Meu nome do meio é retrô.

— Sério?

— Não, é Phil. Edward Phil Skye. Minha avó se chamava Philomena.

Faço força para não falar. Espero dez segundos inteiros pelo menos.

— Bela homenagem.

— Você é muito sensível, mas acho que já ouviu isso antes. Me orgulho de ter o nome dela. Ela cuidou de mim enquanto a minha mãe terminava o primeiro ano, mas depois o meu avô morreu e ela ficou doente, então foi morar num asilo. Quando morreu, ela me deixou a coleção de Pez que fazia. Minha mãe foi aumentando a coleção. Ela ficava procurando os mais antigos nos brechós, como o Popeye e o Space Man. Devo ter pelo menos uns cem.

Ed diz tudo isso muito rápido. Mas, se você olhar mais devagar para a coisa toda, e pensar sobre o que ele disse, a mãe perdeu a mãe e o pai e teve que sair da escola para cuidar de um bebê, tudo isso aos 16 anos. E, além disso, o Ed perdeu o pai. Quero dizer alguma coisa sobre tudo isso, mas só o que consigo pensar é:

— Devia existir um Pez do Picasso. — O Ed está enganado. Eu não sou lá muito sensível.

— Parece uma boa ideia — diz ele. — Mas eu não me sentiria bem comendo as balas que saem do pescoço do mestre.

— Talvez as balas pudessem sair do pincel dele.

— Talvez — concorda Ed, e a gente para de conversar um pouco enquanto um grupo de garotos passa por nós. Ed os observa, e eu o observo. Gosto do jeito como ele fala. É estranho na medida certa. Ele deveria ter falado mais no nosso encontro.

— Qual era o nome do seu pai? — pergunto, depois de algum tempo.

— John. Minha mãe não consegue se lembrar do nome completo.

— Imagine só amar alguém o bastante pra dormir com ele e depois esquecer o nome — digo.

— Ela não amava ele. Você não precisa amar alguém pra transar.

— Eu sei — digo, tentando agir como se eu não sentisse vergonha de pensar que amor e sexo são a mesma coisa. Sei que não são, mas queria que fossem próximos o bastante para, pelo menos, se esbarrarem ao passar um pelo outro. — Mas seria legal. Se fosse assim. Se as pessoas ficassem juntas.

— Vá visitar os pais do Leo. Não tem nada de bom em estarem juntos. Ele diz que eu estou melhor tendo só uma mãe, e boa.

— A Daisy disse que ele mora com a avó.

— Vocês conversaram um bocado sobre a gente enquanto estavam no banheiro.

— Como se vocês não tivessem falado da gente na hora em que *vocês* foram ao banheiro.

— Conversamos sobre como é perigoso sair com vocês — conta ele, e até que parece verdade.

— Foi exatamente sobre isso que nós conversamos — digo, o que tem um fundo de verdade também. — A Daisy disse que o Leo talvez já tenha tido problemas com a polícia.

— Ele não foi fichado. Minha mãe diz que o Leo é um bom garoto. Só que às vezes usa disfarce.

— Mas os pais dele não são bons pais? — pergunto.

— Acho que bebem demais. Ele não mora mais com eles há anos. — Fim da história, o Ed dá a entender, e é justo. Posso achar que os meus pais são esquisitos, mas vejo meu pai todo dia. Eu *quero* vê-lo todo dia. É verdade que eu tive que ler para ele o regulamento de saúde pública para que parasse de usar o gramado como banheiro pela manhã, mas isso não foi nada.

Ed fica quieto por mais tempo, depois ri de leve.

— Que foi?

— Nada. Só estava pensando. Você me socou porque queria que eu fosse o sr. Darcy, e eu não era.

— Você sabe quem é o sr. Darcy?

— Existo, logo sei quem é o sr. Darcy. A Beth estudou o livro esse ano na aula de literatura. Ela me fez ver o filme com ela mais de uma vez. Sabia o livro de trás pra frente. Esse e todos os outros textos dela.

— Ela parece inteligente. — Tento fazer o comentário parecer casual, mas, estranhamente, tudo que eu falo sobre a Beth sai da minha boca num vestido longo de baile.

Ed me olha, e eu posso garantir que ele percebeu a estranheza na minha voz, mas também não sabe o motivo dela.

— Ela é inteligente. — Ele folheia o caderno de novo, acelerando e desacelerando as figuras.

— Mais inteligente que eu, com certeza.

Observo suas mãos em movimento.

— Você é inteligente.

Ele mexe as sobrancelhas de novo.

— E como você sabe?

Penso sobre isso. Sei que ele é, mas não sei como sei.

— Viu só? — diz ele antes que eu responda. — Você não sabe.

— Você é divertido, e não poderia ser se não fosse inteligente. Meu pai diz que é mais difícil fazer rir do que fazer chorar.

— Porque sempre se pode socar alguém pra fazer chorar.

— Exatamente.

— E, então? Posso já ter visto alguma apresentação do seu pai? — pergunta Ed.

— Não. Quer dizer, a não ser que você frequente inferninhos que funcionam madrugada adentro e com microfone liberado às vezes. — Olho para o Ed, calça jeans velha e botas com

detalhes de aço, e penso nele matando aula com os turistas. — Você provavelmente frequenta boates de madrugada.

— Já falei, durmo cedo. Tenho que abrir a loja às sete e meia pros balconistas e pra receber as entregas. O Bert não chegava lá antes das oito e meia, então eu sempre tinha que chegar na hora.

— As mãos batem no caderno. — Eu nunca me atrasei — diz, e tenho a impressão de que ele não está falando comigo. Não o interrompo. A gente se encosta na cerca, fica olhando a rua. — Que horas são? — pergunta ele.

— Meia-noite e meia. — A noite está se diluindo, como o Ed falou. Há poucas pessoas esperando o último trem, alguns táxis passando. Eu e o Ed. — Os pais da Beth não se importam que você encontre ela tão tarde? Ou melhor, tão cedo?

— Eu não bato na porta da frente — explica ele. — A gente tem um lugar, no fundo do jardim. Tem uma árvore enorme que tapa a visão da casa. Eu entro pela cerca dos fundos e encontro com ela atrás da árvore.

— Romântico.

— Até o pai dela me pegar. Já planejei minha rota de fuga, pra ninguém se machucar.

— Tirando a Beth — observo. — Claro, você pula pela cerca dos fundos, mas ela fica lá.

— A Beth é safá.

Pensar nele pulando a cerca dos fundos me faz pensar nele indo embora, e isso me faz imaginar por quanto tempo mais a gente pode ficar aqui até não ter mais o que conversar. Fico me balançando de um lado para o outro, para que ele saiba que tudo bem se ele for embora, se é o que ele quer.

— Você mexe muito nessa sua pulseira — observa ele. — Foi algum garoto que te deu?

— É. Foi um cara. — Balanço a pulseira. — É a pulseira da sorte do meu pai. Coisas boas acontecem pra quem usa.

— Então, como anda a sorte dele desde que deu pra você?

Penso no meu pai sentado na espreguiçadeira em frente ao galpão.

— Anda bem. É... você pode ir embora. Se quiser.

— Já é a segunda vez que você fala isso — diz ele. — E se eu não quiser?

O calor que sai de um restaurante de entrega em domicílio aqui perto faz o ar parecer de cetim, como se eu pudesse tocar nele se quisesse, e eu me concentro nisso em vez de olhar para o Ed.

— Onde você imagina que o Sombra está agora? — pergunto, porque não consigo fazer a minha boca dizer que tudo bem se você quiser ficar, Ed.

— Está esperando que você apareça e transe com ele — responde Ed, e não preciso olhar para saber que ele está sorrindo de novo.

— Eu não estou procurando pela fada do dente ou coisa do tipo. — Subo na bicicleta. — O Sombra existe. E não sei se ele vai gostar de mim, mas só quero conhecer um cara, *um* cara, que ache arte legal. Será que é pedir demais querer conhecer alguém com quem eu possa conversar e que pinte e que tenha um cérebro?

Ele mexe as sobrancelhas do jeito que sempre faz.

— Quê?

— Ele só será todas essas coisas até você conhecê-lo. Depois, ele vai ser como qualquer outro cara. E, pro seu governo, há muitos caras com cérebro.

— Se prepara, cara. Sinto que você vai ter que correr.

— Nem pensar. Não vou mais correr atrás de você. — Ele se equilibra na traseira da minha bicicleta e empurra com um pé para nos dar impulso. — Pedala agora. *Agora*. A gente estava fazendo tudo errado — diz.

Partimos pelas ruas laterais e o Ed põe as mãos nos meus ombros, e a pequena circunferência do farol da bicicleta peroliza a rua à frente. Penso nas fotografias do Bill Henson* que a sra. J. nos mostrou, de adolescentes na noite. Quando vi as imagens, senti que alguém havia captado, que alguém havia percebido o que é a pele nua brilhando na escuridão.

— E, por falar nisso — diz Ed enquanto rodamos —, eu curto arte.

* *Today*. (N.T.)

* Bill Henson, fotógrafo australiano contemporâneo especializado em fotografia artística. (N.T.)



eixo as minhas mãos sobre os ombros da Lucy, mesmo a pele dela me queimando os braços inteiros. Não me importo com essa sensação. A rua corre e o meu cérebro corre com ela.

D Pensamentos transbordam para as minhas mãos. Vão pulsar até que eu os pinte e por elas saiam.

— Eu curto arte. — Este é o pensamento número um.

O pensamento número dois é sobre o meu plano de pular a cerca e deixar a Beth para trás se algum dia a gente for pego no quintal. Isso me fazia sentir melhor por saber que eu não teria que me explicar com o pai dela, mas nunca pensei sobre como ela ia se sentir sendo deixada para trás.

O pensamento número três é sobre eu ter dito à Lucy que não me importa o meu pai ter ido embora. Eu não me importo. Mas às vezes imagino coisas. Tipo se teria sido mais fácil para a minha mãe se ele tivesse ficado. Tipo se eu sou igual a ele.

O pensamento número quatro é sobre a Lucy sacudindo a pulseira e mexendo os pés. Ela está sempre se mexendo como se houvesse algum outro lugar onde devesse estar. Quero que ela fique onde está mais um pouco. Que fique e converse comigo sobre as coisas estranhas que passam pela sua cabeça, já que eu acabei de despejar sobre ela metade das coisas estranhas da minha.

O pensamento número cinco é sobre ela dizer que transaria com o Sombra. Não preciso nem

dizer que eu não me importaria de transar com ela, mas isso não vai acontecer, porque, assim que ela souber que eu sou o Sombra, a oferta não vai mais estar valendo. O que temos aqui é um beco sem saída. Eu não posso transar com ela até que a trate bem e conte a verdade. E, se eu a tratar bem e contar a verdade, ela não vai transar comigo.

— É preciso tratar bem uma mulher — disse o Bert um dia quando estávamos descarregando tintas.

— Eu trato bem a Beth — respondi.

— Você tem que ser honesto — continuou ele. — Valerie diz que tudo o que ela quer de mim é um pouco de bondade e a verdade.

— Eu não posso contar à Beth que eu sou o Sombra. Ela ia ficar preocupada por eu estar fazendo uma coisa que ela acha perigosa.

— Não é por isso que você não conta pra ela. É porque o que está no muro é o que está aqui. — E ele bateu na minha cabeça, de leve.



— Pegue a esquerda — digo à Lucy. — Aquela pintura está aqui. — É a tal que eu pintei depois que a Beth devolveu minhas coisas. O fantasma dentro de um vidro. Lucy faz uma busca rápida por sombras pintadas antes de olhar para o muro. Fico atrás dela, observando-a olhar o meu trabalho. Sinto que estou soltando a pele. Que, se ela se virar, vai ver um esqueleto atrás de si, vai descobrir tudo.

Mas ela nada descobre. Olha para mim e de novo para o muro.

— Ele deve se sentir assim às vezes — diz, e eu não falo nada, porque qualquer coisa que eu fale me entregará. — Como se estivesse preso em algum lugar e a tampa estivesse fechada.

A tampa está fechada, a tampa está sempre fechada, e não há nada que possa abrir esse vidro a não ser que ele se quebre. Era assim que eu me sentia na loja às vezes, depois que eu e a Beth terminamos. Tudo que eu queria fazer era pintar. Mas então o Bert morreu, eu saí da loja e fiquei na pior, porque não tinha dinheiro entrando.

— Ele tem buracos pra respirar — digo, apontando para o alto do vidro.

— Essa é a pior parte. — Ela vira a bicicleta e a luz bate em mim. — As pinturas dele quase nunca demonstram esperança, não é?

— Talvez ele tenha pintado isso num dia ruim. — Não sei se tenho esperança quando pinto. Sinto emoção e alívio. Talvez isso seja esperança.

Olho para a cidade. As noites são más nesse lugar, cheias de uma poluição que come as estrelas.

— Quem pode ter esperança aqui?

— Eu — responde Lucy. — O Al me ofereceu um emprego de assistente dele. Vou pra faculdade ano que vem.

— Talvez o Sombra não vá pra faculdade. Talvez ele nem tenha um emprego.

— Mas o cara é bom — diz ela. — Bom mesmo. Ele faz as coisas ficarem melhores pintando. Uma vez, eu estava sentada num ponto de ônibus, nervosa por estar atrasada, e então notei uma

pequena pintura dele do outro lado da rua. Um inseto me olhava como quem diz: “Inacreditável! Estou esperando aqui há meia hora.” Não tinha nada escrito. Não precisava. Os olhos bastavam.

— Como você sabia que era dele? — pergunto. — Se não tinha nada escrito?

— Sabendo — responde, e por causa da impressão que as palavras me causam, fico olhando para as mãos dela. — Este azul é do céu dele — continua ela, virando as mãos para que eu possa ver. — Encostei numa pintura dele mais cedo. Um cara que pinta assim está fazendo alguma coisa. Não está à toa por aí.

Ouvindo a Lucy, me sinto como quando o Bert falava sobre onde eu estaria daqui a dez anos. “Artista famoso”, dizia ele, e eu sentia que precisava correr, mas minha pele não deixava. Sentia um impulso de jogar latas nas janelas para ouvir um barulho que me parecesse uma fuga.

— Precisamos ir embora — digo. — Não é seguro ficar parado num mesmo lugar à noite.

Ela não se mexe.

— Como ele é? Nos relances que você teve dele?

— Um cara não presta atenção nos outros caras. Acho que ele é alto. Cabelo escuro. Musculoso. Bem forte.

— Para quem nunca prestou atenção nele... — ironiza ela.

— É difícil não perceber os músculos do cara.

Ela ainda não muda de assunto.

— Mas como ele é?

Balanço a cabeça.

— Não sei. — Ela me olha fixo, e eu procuro uma palavra que possa fazê-la mudar de assunto.

Agarro a primeira que me vem à cabeça. — Perdido — digo, sem saber que era isso que eu ia dizer. — Imagino. Sei lá.

É o bastante para Lucy por agora, e ela sobe na bicicleta. Eu dou impulso, mas, na verdade, estou pensando melhor se a gente deve mesmo entrar mais nesse parque. Eu e o Leo podemos ficar fora no escuro, porque ele é um gigante acostumado a brigar. Conheço algumas pessoas das outras galerias e elas são legais, mas nem todo mundo é bonzinho nas ruas à noite.

Lucy não ia me dar ouvidos, de qualquer forma, e entramos mais, por caminhos em que eu preferia não ir com ela. Caminhos sinuosos, que levam ao centro do parque e me fazem pensar em trilhas curvas em direção ao céu, que, de repente, terminam. De onde estou, é difícil ver para onde estamos indo. Até onde sei, podemos estar num desses caminhos que não tem fim, e vamos dar sabe-se lá onde. Eu e o Leo já rolamos morro abaixo por aqui.

— Acho que devíamos voltar. Tem uns caminhos sem cercas. E uma descida brusca — aviso. Quero ir ao Feast comer qualquer coisa. Ir a algum lugar iluminado e com outras pessoas. A algum lugar longe das coisas que eu pinto.

— A gente sente o cascalho se sair da trilha, não? — pergunta ela.

— Acho que sim.

— Então pare de se preocupar.

— Falar é fácil — digo.

— Você tem que deixar sua mente ir pra outro lugar — diz ela. — Vagar por lugares onde você gostaria de estar. Quando eu não quero fazer alguma coisa, tipo uma apresentação ou uma prova, imagino que estou no estúdio do Al, soprando vidro. Estou girando o tubo, soprando, fazendo algo nascer do meu sopro.

Alguma coisa na voz dela me coloca num muro, à noite, com escuridão em volta e um mundo que eu fiz na minha frente. Nós dois paramos de nos preocupar.

E é então que saímos da trilha.



evo estar com uma zica danada. Ou eu ou o Ed. Penso nisso enquanto voou morro abaixo na minha bicicleta e sinto Ed caindo da traseira. Pelo som, parece que ele está rolando depressa, e eu espero que ele não esteja na minha frente.

D

Teria sido melhor para nós dois se ele tivesse se segurado mais firme. Sem o peso dele, a bicicleta ganha impulso e vai tão rápido que acho que vou morrer. Eu grito “Que meeeeerda!” e seguro firme no guidão. Não sinto os braços, nem as pernas e o rosto. Ciclista desgovernada a caminho. Passo por uma protuberância e vou seguindo. Meu Deus, espero que a protuberância não seja o Ed.

Tenho um insight enquanto corro, ele vem do nada. Se o Dylan conhece o Sombra e é amigo do Ed, por que o Ed não conhece melhor o Sombra? O insight não dura muito, porque atropelar uma árvore no meio da noite arranca a clareza de qualquer garota.

Tiro o capacete e fico ali deitada, recuperando o fôlego.

— Ed, tá vivo?

— Estou — responde ele de algum lugar ali por perto. — O que é incrível, porque a sua bicicleta passou por cima de mim na descida. É perigoso demais sair com você.

— Nós não estamos saindo juntos.

— Sorte minha. Senão, eu já teria morrido. Você se machucou?

Dou uma olhada.

— Não. As pedras amortececeram a minha queda. E você? — Levanto para iluminá-lo com a lanterna da bicicleta.

— Bem. Bem na reta do pneu na minha cara — diz ele, e talvez seja o choque, mas perco o controle e caio na gargalhada.

— Não acredite no que dizem — continua ele. — Garotos acham que as garotas que passam de bicicleta por cima deles e depois morrem de rir são bem sexy.

Rio mais ainda.

— Relaxa, estamos vivos.

Recupero o fôlego e me acalmo, e olhamos para cima do morro para avaliarmos a situação. O sr. Duro na Queda diz que temos que voltar a pé pelo morro, e eu sei que ele está certo, mas preferia chamar a polícia e os bombeiros para virem nos buscar.

— Você não pode chamar a polícia só pra te ajudar a subir um morro — diz ele. E me pergunto se o meu pai conseguiria chegar com o táxi aqui embaixo. Se ele soubesse que eu estou com um garoto, provavelmente.

— Está bem, a gente sobe — digo. — Mas antes vou ligar pra Jazz, que é pra alguém saber onde estamos. — Deixamos a luz da bicicleta acesa entre a gente, e ele vai mancando até uma pedra para se sentar. Ele está bem longe e provavelmente não consegue me ouvir, mas eu me afasto um pouco mais para ter certeza disso.

— Tá mascando chiclete? — pergunto, quando a Jazz finalmente diz alô.

— Estou. Espera um segundo.

— Tá — digo, juntando as peças e me lembrando dos barulhos de mastigação da festa. É estranho, mas meio que sinto inveja.

— Pronto, voltei — anuncia ela. — Onde você está?

— No pé de um morro escuro com um cara.

Dois segundos de silêncio.

— Isso é uma metáfora?

— Não. Estou mesmo no pé de um morro escuro. Eu e o Ed rolamos morro abaixo na minha bicicleta.

— Você está bem?

— Tremendo um pouco, mas bem. — Olho depressa por sobre o ombro para ver se o Ed ainda está afastado, lá na pedra, e depois murmuro: — O Ed é engraçado.

— Tá rolando, né? — Ela se afasta do telefone por um instante e eu a ouço gritar na multidão:

— Daisy, Leo, alguma coisa está rolando entre o Ed e a Lucy!

Ai, meu Deus.

— Voltei.

— Não acredito que você fez isso. O Leo vai contar pro Ed que eu disse que está rolando alguma coisa. Mas não está. Ele está com a Beth — sussurro.

— Sêrio? Ela está aqui, sabia? Conversando com o Leo.

— Aí do tipo podendo ouvir você gritar que alguma coisa está rolando entre mim e o namorado dela?

— Não pensei nisso. Espere. Vou dar um jeito.

— Não, não faça nada!

Mas ela já foi embora, e eu a ouço gritar:

— Lucy só queria que alguma coisa rolasse, mas o Ed tem namorada, então não rola. — Ela volta. — Tudo certo.

— Tudo certo? Agora vão achar que eu sou uma doida. Tenho que ir. — E achar um modo de separar meu eu consciente do meu eu inconsciente para apagar essa lembrança.

— Espera — pede ela. — Não conversamos sobre o Leo. A gente dançou, mas não rolou nada.

— O que era aquele barulho quando você atendeu?

— Eu te disse. Eu estava mascando chiclete.

— Pensei que estava beijando e sem graça de dizer.

— Você estava comigo quando enfrentei o trânsito pra conseguir o telefone do Jacob, lembra?

Eu não sou tímida, Lucinha.

Verdade. E ela realmente adora chiclete.

— E você deu sinais de que estava a fim?

— Sou o próprio holofote. Ele está preocupado com alguma outra coisa. Estamos jogando o jogo das perguntas e ele olha o relógio o tempo todo. Eu pergunto “você tem que ir a algum lugar?”. E ele responde “tenho que estar num lugar à uma mas posso voltar pra festa pra te pegar depois”. E eu digo “vou com você”. E ele diz “não, você não pode ir comigo”. E eu penso “bem, ele não está interessado”. Mas aí ele pega uma das minhas tranças e começa a enrolar, Lucinha. Talvez ele esteja pensando na Emma. Talvez ele vá se encontrar com a Emma mais tarde. Isso está me deixando louca. Devo pedir à Daisy para apertar as bolas do Dylan para eu ficar sabendo?

— Pode estragar o clima.

— Eles dois não têm mais clima. O Dylan tem tentado dançar com ela, mas ela está dançando com um tal de Gorila. Acho que ela está zangada por outra coisa, além dos ovos. É triste de ver. Agora, ele está sentado num canto, olhando os dois. Espera um minutinho. A Beth está me contando uma coisa.

— A Beth? — Ai, meu Deus.

— A própria — responde Jazz. — Tenho novidades. A Beth disse que ela e o Ed terminaram há mais ou menos uns três meses.

Penso sobre aquilo. Penso um pouco mais sobre aquilo.

— Isso é uma péssima notícia.

— Por quê? Se está a fim dele, ele está livre.

— Ele está livre e não quer que eu saiba que está livre porque não quer que eu pense que existe a menor possibilidade da gente ficar junto.

— Você está bem? Sua voz ficou meio aguda.

— Estou bem. Nem gosto tanto dele mesmo.

— É comigo que você está falando.

— Tá bom. Talvez eu goste mesmo dele. Não sei. Estou confusa. Passei por cima dele com a minha bicicleta quando a gente rolou o morro.

— Melhor você parar de bater no garoto, se realmente gosta dele.

— Não. Estou aqui procurando o Sombra. Tenho que manter o plano.

— Talvez o Ed esteja bancando o difícil — sugere ela. — É romântico.

— Não acho que mentir seja romântico.

— Pra você achar alguma coisa romântica, precisa ter espartilho e máquina do tempo. Relaxe

um pouco. Não desligue. O Leo quer falar com o Ed.

Ela some antes que eu consiga contar o que descobri sobre o Leo. Vou até o Ed e lhe entrego o celular. Ele anda até onde eu estava, e eu me sento na pedra. Faço o possível para ouvi-lo, mas sua voz é baixa demais para eu escutar algo além de uma palavra ou outra.

A Jazz sempre diz que o universo nos dá respostas. Sempre achei isso uma bobagem, mas ninguém mais está me oferecendo nada para seguir em frente, então essa deve ser a hora para recursos extremos.

Pego uma moeda e jogo para cima. Cara significa que o Ed não me contou sobre a Beth porque está se fazendo de difícil. Certo. Melhor de três. Melhor de quatro. Certo. Melhor de cinco. Está bem, tem sempre o Sombra.

Olho para a moeda na minha mão por um tempo e faço alguns truques que o meu pai me ensinou. Eu a coloco entre os dedos, fazendo-a aparecer e desaparecer. “Isso tem a ver com o que você leva a sua plateia a acreditar”, meu pai sempre diz. “Mas também com aquilo em que a plateia quer acreditar. As pessoas querem ver você tirar uma moeda da orelha por meio de magia. Então, se você for bastante rápido, se você esconder bem as coisas, vão acreditar.”

Cara é o Ed. Coroa é o Sombra. Jogo a moeda mais uma vez e a espero cair.



Observo a Lucy falando com a Jazz e penso em maneiras de contar tudo a ela. Talvez eu pudesse ter contado quando estávamos diante daquele muro na pista de skate. Ou levá-la até a pintura que eu fiz do Bert. Tipo... para apresentá-los.

Ou eu poderia ter lhe mostrado a balança que eu desenhei perto das docas. Como a que vi num quadro do Vermeer, *Mulher Segurando uma Balança*. A sra. J. me disse uma vez que aquela balança da pintura pesava coisas importantes, como as atitudes, ou a alma. Bert e eu fomos à exposição do Vermeer e, enquanto a gente olhava os quadros, perguntei:

— O que você acha que uma pessoa precisa fazer pra ficar com a alma pesada?

— Não sei nada sobre almas, mas uma pessoa deve fazer o bem. Não há sentido em viver se você não faz o bem.

Enquanto fala ao telefone, a Lucy me dá umas olhadas. Só o que consigo escutar é, de vez em quando, ela dizendo: “Ai, meu Deus. Não, não faça nada!”

Leo, o que você contou para a Jazz? Tento pensar em maneiras de explicar por que menti. Depois de um tempo, a Lucy se aproxima e me entrega o celular.

— Tudo bem? — pergunto.

— Tudo — responde ela e sorri, e eu respiro aliviado de novo.

Calma, respira, penso enquanto me afasto dela e viro de costas. Ouço o Leo rindo antes mesmo de aproximar o celular da orelha.

— Vocês rolaram o morro? — pergunta ele. — Hilário.

— Hilário — resmungo. — Está escuro e não dá pra chamar a polícia pra ajudar a gente porque vou assaltar a escola mais tarde. Não quero que eles pensem que a Lucy tem alguma coisa a ver com isso se me pegarem.

Leo para de rir.

— É, melhor mesmo não chamar a polícia. Escuta, o Dylan e eu vamos sair daqui a pouco pra pegar a van. A gente vai voltar pra pegar a Jazz e a Daisy e depois podemos passar pela pista tipo uma e meia. Vocês já vão estar no alto do morro?

Abaixo ainda mais a minha voz:

— Vocês não podem andar por aí com as garotas na van de fuga.

— Que tal a gente não chamar de van de fuga? Podem suspeitar.

— Então vamos chamar de quê?

— Que tal de van?

— Isso não muda o que ela é. Isso é burrice. Alguém pode ver as meninas na van. — Olho para a Lucy, sentada à luz da bicicleta, jogando uma moeda para o alto. — Eu não quero a Lucy nisso.

— Tem alguma coisa rolando, não tem?

— Não tem nada rolando. E não vai dizer pra Jazz que tem.

— Foi isso que você disse na quinta série, quando a sra. Peri acusou a gente de estar armando alguma, mas ela não conseguia descobrir o quê. Ela espumava pela boca e você continuava dizendo: “Não tem nada rolando.”

— E daí?

— Daí que o peixe do aquário da sala de aula estava na sua calça. Era isso que estava rolando.

— Diz pra Jazz que eu estou com um peixe na calça e fim de papo.

A gente fica em silêncio um tempo, e aí ele pergunta:

— E o que você acha dessa Jazz? Ela tem umas tranças. Gosto delas. Ela fica enrolando direto com os dedos. Conhece umas poesias legais. Eu recitei umas coisas minhas, e ela gostou.

— Você recitou coisas que estão nos muros?

— Relaxa. Não aquelas. Outras.

— Que outras?

— Outras coisas. Não liga pra isso.

— Não estou ligando. Só não sabia que você escrevia outros poemas além dos que você faz pras nossas pinturas. Você se acha mais poeta ou cronista? — pergunto, pensando no que a Lucy falou.

— Sei lá. — Ele ri. — E você, se acha mais boboca ou babaca?

— Boa.

— Então, o que você acha da Jazz?

— Acho que você está mesmo gostando dela, então não faça nada que estrague isso. Leva a garota pra casa a pé, pega a van de fuga e torce pra não ser preso hoje à noite.

— Tecnicamente, não é uma van de fuga até que a gente fuja nela. Daqui a duas horas, mais ou menos. Então, que tal a gente pegar vocês perto da pista de skate, ir comer alguma coisa, rir um pouco, deixar as garotas em casa e, depois, você já sabe.

Enquanto penso, ele diz:

— Por falar nisso, a Beth está aqui, te procurando. Disse que tem umas coisas pra te falar. Ela tentou ligar pro seu celular. Falei pra ela que foi cortado porque você está sem grana.

— Pô, valeu.

— Ela não se importa com essas coisas. Quer voltar com você. Posso levar ela na van?

— Não envolve a Beth nisso. Ligo pra ela de um orelhão. Escuta, a Lucy ainda acha que eu estou com a Beth, então não conta pra Jazz que eu não estou mais. — Não gosto do silêncio mortal que o Leo faz: — Leo?

— Olha, a Jazz me contou que podia estar rolando alguma coisa entre você e a Lucy, porque a Lucy deu a entender que podia e a Beth ouviu a Jazz falar, e então a Jazz disse a ela que não estava acontecendo nada, porque vocês dois estavam namorando, e a Beth disse que vocês não estão mais juntos há uns três meses.

— Merda.

— Não é tão ruim assim — observa Leo, e eu desligo enquanto ele ainda está falando.

Vou até a Lucy. Ela joga uma moeda pra cima, que eu pego e coloco nas costas da minha mão.

— O que você está fazendo?

— Perguntando umas coisas pro universo.

— O universo acabou de jogar você ribanceira abaixo. Quer mesmo perguntar coisas pra ele?

Ela não acha a menor graça. Sigo meu instinto e protejo meu nariz para o caso de ela querer quebrá-lo de novo.

— Não posso perguntar pra você — explica ela. — Você é um mentiroso.

— Certo, abaixe os cotovelos e fique calma.

— Não tem graça nenhuma, cara.

— Que importa se eu estou ou não saindo com a Beth? Você está a noite toda nessa aventura pra achar o Sombra e transar com ele.

— Deita no chão — diz ela. — Vou pegar a minha bicicleta e acabar o que ela começou.

A gente fica parado ali um tempo, eu sem saber o que dizer.

— Não quer saber o que o universo respondeu? — Mostro a moeda.

— Na verdade, não. — Ela arranca a moeda da minha mão e põe no bolso, sem olhar. Depois, enrola a tira do capacete numa das pontas do guidão e aperta o fecho. Tenho a sensação de que ela está imaginando que o guidão é o meu pescoço. Ela começa a andar e eu pego a bicicleta.

— Larga — grita ela. — É pesada demais.

— Não é pesada demais — grito de volta. — Eu aguento. O Leo vai encontrar a gente na pista de skate com uma van. Dá pra colocar a bicicleta atrás.

— Excelente — diz ela.

— Excelente — repito, e seguimos tropeçando nas pedras.

Bert nos acompanha zangado durante a subida. Está me dizendo que eu devia pedir desculpas.

— Você está agindo feito um patife — disse quando a Beth entrou na loja para devolver as minhas coisas.

— Ninguém mais fala *patife* — retruquei.

— Pode rir o quanto quiser, mas eu ainda estou com a minha garota.

Suspendo mais a bicicleta nos ombros. Ela é pesadíssima, mas vou me sentir melhor tendo um meio de fuga quando a gente chegar lá em cima. Além do mais, estou me sentindo um patife e

tentando fazer as pazes com a Lucy.

— Anda — diz ela. — Não quero me desencontrar do Leo e da Jazz.

Parece que os meus esforços não estão funcionando.

— Olha só, eu menti sobre a Beth porque, mais cedo, você estava me olhando como se eu fosse um bostinha que quer ficar contigo.

— Mas depois a gente ficou amigo e mesmo assim você não me contou.

— Você acabou de passar por cima de mim com a bicicleta. Quando foi mesmo que a gente ficou amigo? — Mas é verdade, a gente conversou e ficou amigo. Sei disso e devia ter contado tudo. — Desculpe.

— Você mentiu sobre mais alguma coisa? — pergunta Lucy.

Agora é a minha chance. Eu sou o Sombra. Perdi o emprego. Mal consigo ler. Vou assaltar a sua escola mais tarde para poder pagar o meu aluguel e ajudar o Leo a pagar uma dívida com o Malcolm Pombo.

— Não. Nada. Terminei com a minha namorada e não estava a fim de falar. Só isso.

Você não tem colhões, diz Bert.

— Por que você terminou com a Beth?

— Não importa mais. Já passou.

Não quero falar sobre a Beth com a Lucy. Já estou chafurdando no lodo porque eu meio que gosto das duas, o que é uma merda, a não ser pelo fato de que não tenho chance com nenhuma delas, então que importa? A Beth pode até pensar que quer voltar comigo, mas não quer. Ela não me conhece bem.

Ela me disse para ler um livro que estava estudando na aula de literatura. “É sobre Vermeer”, contou. “Você gosta dele.” Então, eu me sentei, todas as noites, e li uma ou duas páginas. Mas a minha cabeça não guarda as palavras. Elas se apagam antes de eu colocar as próximas para dentro. Eu não sou nem um pouco mais burro que o Leo. Se ele consegue guardar as palavras, por que eu não consigo?

Eu pedi para ele ler o livro por mim e me contar. Eu conhecia todas as pinturas de que falava o livro, conhecia *Moça com Brinco de Pérola*, sabia como o Vermeer usava aquela câmera para ver as coisas de forma diferente. A sra. J. me explicou sobre a *camara oscura* quando eu ainda estava na escola. Como o Vermeer olhava através dela e tudo se misturava, e ele podia pintar como ninguém mais via. Gostei da ideia, então assisti a um documentário sobre ele. Eu sabia muitas coisas, só não tinha lido a porcaria do livro.

Mas eu não podia contar isso à Beth, porque ela ficou muito feliz quando eu fingi que tinha lido. A gente conversou bastante, mas o tempo todo eu achava que ela estava me olhando através da câmera do Vermeer. Tudo o que ela via era verdade, mas estava misturado da forma errada.

— Tá pensando em quê? — pergunta Lucy.

— Que devia ter comido carboidrato antes da gente ter saído da festa.

— Tenho balinha de hortelã no bolso — oferece ela, e eu acho que estou a caminho de ser perdoado.

— Aceito.

Sentamos no morro, na metade da subida, e ela divide as balas de hortelã comigo.

— Gosto de ir bem devagar, até desaparecerem — diz ela, e eu levo um segundo para perceber que ela está falando das balas.

— Eu também.

— A Jazz consegue comer uma caixa dessas em menos de um minuto.

— Ela e o Leo têm alguma coisa em comum, então. Ele consegue comer um enroladinho de salsicha em menos de trinta segundos.

— Você acha que eles vão ficar? — pergunta Lucy.

— Talvez. O Leo estava querendo saber o que eu acho dela. Eu disse que ela parecia legal.

— Legal é muito sem graça. Quando eu conheci a Jazz, logo na primeira semana, ela correu atrás de um trem pra pegar o número do telefone do Jacob Conroy.

— Ela conseguiu?

— Conseguiu.

— Então ela parece perfeita pro Leo.

— Ela terminou com o Jacob no cinema e voltou no dia seguinte pra chamar o garoto da bonbonnière pra sair.

— Cruel. Mas não tão cruel quanto quebrar o nariz de um cara.

— Você precisa superar isso.

— Assim que as cicatrizes desaparecerem — respondo.

— Então, depois do garoto da bonbonnière, ela saiu com o David Carter, um cara que ela conheceu no trabalho. Ela lê a sorte das pessoas aos sábados de manhã num barzinho da rua Kent. Ele entrou e perguntou quem seria sua próxima namorada. Ela respondeu que ele ia conhecer uma vidente baixinha, de cabelo castanho, que amava teatro. Três semanas depois, ela falou pra ele que tinha previsto que eles iam terminar.

— Não dá pra ficar escutando isso.

— O último cara com quem ela saiu foi o Peter Copeland. Ele fazia o papel de Puck em *Sonhos de uma Noite de Verão*. Ele pediu ela em namoro antes da peça e ela dispensou o sujeito na cena final. Contou que não gostava de como ele ficava naquela calça apertada.

— Há quanto tempo foi isso? — pergunto.

— Ela não saiu com ninguém desde as provas do meio do ano — responde Lucy. — Os pais dela estão bem severos com os estudos este ano. Não deixam ela sair durante a semana, e ela trabalha na maioria dos fins de semana. Está bastante ansiosa por um pouco de adrenalina.

— Você acha que isso é tudo que ela quer do Leo? — pergunto. — Uma noite de adrenalina?

— Quando é a Jazz, não dá pra dizer. Eu sempre acho que ela gosta mais dos caras do que ela realmente gosta.

Penso no Leo ajoelhado diante do muro da Emma.

— Parece que o Leo é que está em perigo.



PISTA DE DANÇA
MEIA-NOITE E MEIA

Devíamos jogar o jogo das perguntas, diz Jazz Lady.

Se você é vidente, por que precisa me fazer perguntas?

Porque ser vidente não é como ler um livro.

É mais como assistir a um filme francês
sem legendas.

Você gosta de cinema francês?

Gosto de todo tipo de filme.

Qual é o seu preferido?

Pergunta dura.

Mas, no entanto, você é uma garota durona, certo?

Os quatro primeiros da minha lista são *Filadélfia*, *Bonequinha de Luxo*, *Os Pássaros* e *Os Goonies*.

***Os Goonies*?**

Já viu *Os Goonies*?

Não.

Agora, você vai me dizer que nunca leu Dr. Seuss.

Nunca li Dr. Seuss.

Viu, eu falei que sou vidente. Mas, sério, onde seus pais estavam com a cabeça?

(Cerveja, cerveja, cerveja.) Não sei.

E então, qual é seu escritor favorito?

Pergunta dura.

Mas você é um cara durão, certo?

(Acho que eu gosto dessa garota.)

Os meus quatro preferidos são Henry Rollins, Leonard

Cohen, Pablo Neruda e Woody Guthrie.

Verso favorito de um poema?

Há um pássaro azul no meu coração que quer sair (Charles Bulowski)

Mesmo?

O quê?

Há um pássaro azul no seu coração?

Sim, mas ele está tomando uma cerveja. Qual é a sua

fala favorita de filme?

Bond, James Bond. Qual é a sua?

Onde você esteve durante toda a minha vida?

Boa fala. E, por falar nisso, eu estava presa num colégio particular só para garotas.

(Eu gosto, gosto mesmo dessa garota.) Você tem namorado?

Tô correndo atrás. Você tem namorada?

Não. Quem foi seu último namorado?

Peter Copeland.

O cara de calça apertada na peça da escola?

Ciúme?

Não. (Talvez. De todos os caras que você já conheceu.)



hupo a última bala de hortelã e a gente volta a subir.

— Posso carregar a bicicleta um pouco — oferece Lucy. — Meus músculos ficaram fortes de tanto soprar vidro.

Suspendo ainda mais a bicicleta nos ombros. Pelo menos carregar a bicicleta me dá uma desculpa melhor para estar ofegando do que caminhar ao lado dos músculos fortes dela.

— Você diz o que te dá na telha, não é?

— É melhor do que não falar nada, que foi o que você fez no nosso encontro. Eu realmente queria conversar.

— Eu percebi. — Dessa vez, deixo que ela chame de encontro.

— Eu tinha tudo planejado. Pensei que a gente ia falar de arte. Do Rothko. Ou talvez de livros. Ou da previsão do tempo. Tinha um furacão vindo do norte naquele dia.

Ela é a garota mais estranha que eu já conheci. Eu não sabia que ela era tão estranha quando a convidei para sair no primeiro ano. Não sei se eu teria convidado se soubesse.

— Então, como seria a nossa conversa? A que você tinha na sua cabeça?

— Eu achei que eu ia falar algo assim: “Não é legal aquele Rothko que a gente viu na galeria?”

— Normal.

— Bem, parece menos normal agora que a gente rolou o morro.

— É verdade. E o que eu respondia?

— Eu deixei espaço aberto pra você na conversa.

— Muita consideração.

— E então?

— Certo, então. Sim. Aquele Rothko que a gente viu na galeria era legal.

— Você pelo menos se lembra de que Rothko a gente está falando?

— Você é o quê? Vogada? *Número 301 (vermelhos e violeta sobre vermelho/vermelho e azul sobre vermelho)*.

Ela parece impressionada.

— O que era legal nele?

Penso um pouco, lembrando que a última resposta errada que lhe dei me valeu um nariz quebrado.

— Enquanto a gente olha pra ele, aquele quadro é o mundo, e você está dentro.

Tento pôr em palavras o que significa olhar aquele quadro, mas não consigo, e essa é a questão.

— Arte assim não precisa de palavras. Aquela pintura te diz algo por te puxar pra dentro e te empurrar pra fora dela, e você sabe o que ela diz sem precisar de palavras. — Ponho a bicicleta no chão por um segundo. — Era isso que você pensava que eu ia dizer?

— Não — responde ela. — Mas isso foi bom. Melhor. — Levanto a bicicleta e a gente volta a andar. — Se você gosta tanto de arte, por que abandonou a escola bem no meio daquele trabalho sobre Jeffrey Smart que a gente estava fazendo? — pergunta. — Você agiu como se não se interessasse por nada daquilo.

— Era a hora errada. O Bert me ofereceu o emprego e a minha mãe precisava de ajuda no aluguel. Eu até queria terminar o trabalho.

— Você gosta dos quadros dele?

— E do Vermeer também — respondo. — São os que eu mais gosto.

— São tão diferentes — observa ela.

— Talvez. Parece que a vida não se movimenta muito em nenhum dos dois. E então, o que você planejava falar depois? — pergunta, para afastá-la do assunto escola.

— Você se lembra da primeira obra de arte que te impressionou?

— Talvez o *io*, da série *Os Restos*, do Sam Leach.* Tenho pensado sobre ela ultimamente, desde a morte do Bert.

— Os pássaros mortos um do lado do outro?

— O pássaro à esquerda tem no peito o melhor azul de todos. Pensei nessa pintura quando a Valerie estava na loja, lendo os cartões que recebeu pelo falecimento. Cheios de bobagens que nem chegavam perto do significado da morte do Bert. Mas aquela pintura chega.

Os corpos pequenos projetando sombra, pernas magras apontando para cima. Os pássaros eram tão pequenos que caberiam na minha mão, mas na véspera ainda voavam.

— Eu me senti como aquela pintura quando encontrei o Bert caído no corredor três.

Há silêncio depois que digo isso. Onde estou não dá pé, tento manter minha cabeça fora da água ao voltar à loja e olhar o Bert, deitado com o rosto virado para cima, com suas mãos velhas e imóveis que desenhavam.

Com exceção da sra. J. e da minha mãe, ele foi a única pessoa que acreditou que eu era mais

que um fracassado que picharia a lateral da loja. Quando eu cometia um erro, ele o apontava e só. Nunca ficava vomitando regra como algumas pessoas fazem.

— Do que você mais sente falta dele? — pergunta Lucy.

Essa é fácil.

— Sinto falta do olhar quando ele falava um palavrão e depois ia checar se a Valerie tinha ouvido. Sinto falta de ir às galerias com ele. De sentar no depósito bebendo cerveja. De ver ele desenhar.

Estamos no alto do morro agora e nos sentamos para descansar um pouco. Antes de conhecer o Bert, eu estava puto com o meu pai e preocupado se eu não era como ele. Eu imaginava onde ele podia estar, mas nunca entrava em detalhes reais de como eu queria que ele fosse. Antes de começar a pintar muros, eu desenhava retratos dele. Eram sempre iguais ao do pátio dos trens. Muros com buracos.

Uma semana antes do Bert morrer, a gente foi à exposição da Rosalie Gascoigne.* Suas obras são sinalizações de estrada ou engradados de bebidas cortados e rejuntados em madeira de modo que palavras e letras se misturam e trepam umas nas outras. Estávamos diante de uma chamada *Metropolis* quando o Bert perguntou:

— É isso que você vê? Quando olha as palavras?

— Mais ou menos. — Ele sabia que as palavras não ficavam guardadas em mim, mas eu nunca tinha contado para ele como me sentia burro na escola e com a Beth, quando ela falava de livros. Conteí nesse dia. — Mas isso eu consigo ler — falei, olhando para as sinalizações de estrada. — É sobre ser empurrado para dentro dos espaços.

Passamos pela minha obra preferida. “*Mas Principalmente Ar*”,** Bert leu o título, e nós absorvemos a imensidão da obra. Um muro de madeira que ia do chão ao teto. Era quase nada, mas ao mesmo tempo era maior que tudo.

— Isso me faz lembrar o meu pai — falei.

Ele não hesitou.

— Então vocês não são nem um pouco parecidos.

Continuamos a andar pela exposição e, antes de ir embora, ele me comprou um livro sobre as obras da Rosalie Gascoigne. Era caro, eu não queria aceitar.

— Dê pra Valerie ou pra outra pessoa.

— É pra você que eu quero dar — respondeu ele. — Quando as pessoas estiverem falando sobre os livros que leram, você pode falar sobre este.

Antes da gente se despedir naquele dia, eu quase disse que ele era tão bom como um pai para mim, mas não disse. Enquanto eu esperava pela ambulância no corredor três, pensei como provavelmente ele teria gostado de ouvir aquilo.

— Você está com um olhar estranho — observou Lucy.

— Você está ficando cada vez mais encantadora com o passar da noite — digo. — Estava pensando em Rosalie Gascoigne e no livro que o Bert me deu sobre o trabalho dela.

— Eu fui àquela exposição. A obra de que eu mais gostei foi *Solidão*.* Aquelas letras Os e Us pretas sobre o amarelo passam exatamente a sensação de se estar só.

— Era uma das favoritas do Bert. Essa e *Janelas*.** Ele gostava de como ela usou linóleo sobre

a madeira e fez com que parecesse vidro. Disse que mostrava como, às vezes, uma pessoa tem que criar suas próprias janelas.

Agora que a Lucy sabe sobre a Beth, parece que não tem mais uma distância tão grande entre a gente. Em vez de duas pessoas entre nós, há só uma. O Sombra. E, como ele sou eu, então somos quase só eu e ela.

— Você cria janelas? — pergunto.

Ela diz que não. Bem. Talvez. Porque todo vidro é transparente, então, tecnicamente, por menor e por mais estranha que seja sua forma, não é uma janela? Gosto de como ela fala. Suas palavras parecem brechas na madeira, e eu olho através delas, para outro lugar. Quero pintar um muro que seja como o *Mas Principalmente Ar* da Gascoigne, só que com a luz dominando tudo.

— Então, qual é o seu artista favorito do vidro? — pergunto.

— Dale Chihuly. — Ela pega o telefone e se aproxima para mostrar uma foto do trabalho dele. — É um candelabro de onze metros de altura que está no Victoria and Albert Museum.

Parece um daqueles emaranhados que ela desenhava, só que pendurado num teto. Azul e amarelo. Um oceano visto de lado.

— Pra mim, é como uma sensação arrancada de baixo da pele — diz ela.

— Vou repetir, você não é como as outras garotas. — Aumento a imagem para vê-lo de perto. — O vidro vem nessa cor? — pergunto. — Ou você faz uma mistura, como com a tinta?

Ela me conta sobre acrescentar óxidos metálicos ao vidro enquanto ele é soprado.

— Cobalto dá um azul profundo — explica. — Podemos adicionar cromo para um verde vibrante. O ouro é um pouco complicado, mas, se a gente põe direito, dá vermelho.

Suas palavras são imagem, e eu as pinto no muro da minha mente enquanto ela fala.



* Sam Leach (1973), pintor australiano contemporâneo. *The Spoils*.

(N.T.)

* Rosalie Gascoigne (1917-1999), escultora neozelandesa que emigrou para a Austrália. (N.T.)

** *But Mostly Air*. (N.T.)

* *Solitude*. (N.T.)

** *Windows*. (N.T.)



d observa o trabalho do Dale Chihuly e dá para ver que também gosta. Al foi o primeiro a me mostrar esse trabalho. Eu estava sentada na escada depois do meu primeiro dia no estúdio, cheia de queimaduras e desanimada.

Ele saiu e se sentou ao meu lado com dois livros, um kit de primeiros-socorros e um pacote de M&M's.

— Isso quase sempre acontece — tranquilizou-me, olhando para o meu braço e me estendendo um antisséptico e os chocolates. — Você foi bem hoje.

— Viu o que aconteceu quando eu soprei no tubo? O vidro parecia um alien. Eu não consigo nem soprar direito.

— Quando eu tiver ensinado a você o que sei, vai conseguir soprar bem — disse ele e abriu um dos livros na página que tinha um dos candelabros do Chihuly. — É isso que você quer, não é?

Olhei todos os trabalhos do Chihuly, vidros amarelos, azuis, prateados e retorcidos.

— É isso que eu quero. E fazer peças como os seus vasos fantasmas.

— Você poderia começar fazendo peças como as dele ou mesmo as minhas. Mas você pensa de um modo diferente de todo mundo que eu conheço. Vai acabar trilhando seu próprio caminho. Mas primeiro tem que estudar — alertou Al, e me entregou o segundo livro, intitulado *As Propriedades do Vidro*.

— Levei pra casa e li todas as noites — conto ao Ed. — O Al escreveu no início uma citação

do Lino Tagliapietra, um dos melhores artistas de vidro do mundo. Não consigo lembrar exatamente, mas era alguma coisa de como o que interessa não é o jeito que você constrói a peça, mas o jeito que você a salva de se destruir.

— Como ela faz isso? — pergunta Ed. — Se destrói?

Os problemas mais difíceis de contornar são os que acontecem abaixo da superfície. Quando estou fazendo alguma coisa, tento imaginá-la do começo ao fim. Começa como uma mistura básica, de sílica, soda cáustica e cal, coisas que não se parecem em nada com aquilo em que se transformam.

Mas, quando a gente esquentam, elas ficam líquidas e a gente equilibra as propriedades, elas se mantêm líquidas tempo suficiente para você transformá-las. Para fazer delas quase qualquer coisa que queira que se tornem.

— Todos os ingredientes do vidro — disse Al certa vez — precisam trabalhar em conjunto. Mas, se você não empregar as condições adequadas, então eles voltam a ser o que eram. Se você não temperar o vidro, então as partes finas e as partes espessas se resfriam em tempos diferentes e isso causa tensão. Essas tensões destroem o trabalho.

Chihuly entende o vidro e, por isso, pode transformá-lo em gelo, flores, candelabros que, para mim, são como saudade, sofrimento e esperança.

Não sei como explicar isso ao Ed. É algo que sei porque presenciei, não porque eu entenda toda a ciência. Al diz que um dia vou saber a teoria, depois de estudar mais, entretanto, por agora, basta que eu conheça o vidro com as mãos e os braços. Consiga fazer uma peça sem estragá-la por poder senti-la. E porque o Al me orienta.

Então, digo ao Ed:

— Se você vier ao estúdio, eu posso te mostrar. A melhor forma de entender as tensões do vidro é produzir uma peça e quebrá-la.

Lembro como o Al me fez soprar um vaso e deixá-lo fora do annealer. Em menos de dez minutos, o vaso estava danificado. Mesmo assim, eu o levei para casa e o coloquei no peitoril da minha janela. Gosto da maneira como a luz brinca nas rachaduras.

— Você pode me mostrar como fazer algo que não quebre? Alguma coisa usando cobalto? — pergunta Ed.

— Adoro ciência — diz alguém atrás de nós antes que eu consiga responder.

Eu me viro.

— Oi, Malcolm.

— Merda — diz Ed. — *Merda*.

— Você falou ao Ed sobre as gotas de Rupert? Se você colocar um pedaço de vidro quente na água gelada, ele sempre vai ficar com uma cabeça grande e com um rabo fino.

— Como uma lágrima — digo ao Ed. — Tem esse nome por causa do príncipe Rupert, do Reno, que era fanático por vidro.

— Você pode martelar a cabeça da lágrima, apertar com um alicate, bater de todos os jeitos que ela não vai quebrar — conta Malcolm.

Já vi e o Al me explicou, mas ainda acho difícil entender.

— Acho que o que acontece é que a parte externa do vidro esfria e fica sólida enquanto o interior ainda está quente. Isso significa que a parte interna encolhe, puxando a camada externa. Há tanta pressão na cabeça da lágrima que ela não se quebra.

— Mas, se você bater de leve no rabo fino, ele se quebra e libera a pressão, e a coisa toda explode — explica Malcolm.

— É muito legal — digo ao Ed. — Você tem que quebrar a peça na água ou dentro de um recipiente com tampa, porque o vidro se espatifa em minúsculos pedaços como pó e se espalha por todo lado.

— É quase uma metáfora da condição humana — diz Malcolm. — O homem é forte, mas, se você o atinge no ponto exato, o destrói.

Está sendo poético até ele mostrar um martelo.

— Merda — diz novamente Ed. — *Merda*.



erda. *Merda*. Você conhece esse cara? — pergunto, enquanto o Malcolm gira um martelo nas mãos. — Não entendo... de onde?

— Ele é o tal cara que eu conheci fora da festa — explica Lucy, olhando fixamente para o martelo.

Reparo no terno dele.

— Foi ele que você pensou que fosse o Sombra?

— Em minha defesa, ele não estava com um martelo na mão naquela hora.

— Lucy e eu tivemos uma agradável conversa sobre onde eu podia encontrar vocês hoje — revela Malcolm.

— Você contou pra ele aonde a gente ia? — pergunto.

— Conteí — responde ela, devagar, parecendo confusa. — Pensei que ele fosse seu amigo.

Resumo tudo bem rápido para ela não ficar perdida:

— Ele é um psicopata.

Olho para a bicicleta e o Malcolm faz não com o dedo. Ele vai me quebrar como a porra de uma gota do príncipe Rupert. Seus capangas estão ao fundo, inquietos e esperando, inquietos e esperando. Não são o tipo de gente que seja legal encontrar numa noite escura. Não são o tipo de gente que seja legal encontrar à luz do dia.

— Então — continua Malcolm. — O Leo está me devendo dinheiro.

— Amanhã você vai receber o seu dinheiro.

— Quero agora.

— Você me enganou — diz Lucy, ao meu lado, juntando as peças do quebra-cabeças. Ela passou de confusa a irritada em menos de um minuto. Penso em tapar-lhe a boca com a minha mão, mas não dá tempo. — Você fingiu que estava a fim de mim só pra descobrir aonde a gente ia hoje à noite?

E, apesar de ser uma bobagem ela questionar isso, pois, como diria o Bert, nós estamos numa tremenda enrascada, não consigo deixar de rir da expressão de surpresa estampada em seu rosto. Como se fosse um choque que um cara que ela acabou de conhecer não ser o que ela esperava. Um choque um cara num terno bacana ter um bom papo, mas ser do mal.

— Não liga pra ele — digo a ela. — Ele come barata.

— Barata? — pergunta ela. — *Barata?*

Malcolm ri.

— Só daquela vez. Agora... — Ele bate com o martelo na perna. — Eu quero que você leve um recado meu pro Leo.

— Então é isso? Você só quer que a gente leve um recado? — pergunto. — Tudo bem. — Acho que estou com sorte até ele e seus homens se aproximarem e eu perceber que o recado será na forma de um hematoma no meu rosto. Não consigo parar de olhar para a bicicleta da Lucy, caída no chão.

— Se tentar correr — avisa Malcolm —, ela é quem vai levar o recado no seu lugar.

Agora, a Lucy já saiu do transe das baratas e está prestando atenção. Ela se aproxima e segura a minha mão, e eu passo de assustado a revoltado. Já que a noite toda eu quis que ela fizesse isso, e teria sido perfeito se a gente não estivesse cercado por um psicopata e sua gangue de psicopatetas. Porque já estou cansado de toda essa merda que parece estar me emporcalhando ultimamente. Quero fazer alguma coisa, tipo sentar a mão na cara do Malcolm e correr, só que, se eu fizer isso, ele vai machucar a Lucy.

— Vou dar um tempo pra vocês pensarem em pra quem vocês querem que eu dê o recado — avisa Malcolm. E pega a bicicleta e vai para perto dos comparsas dele. Sempre adorou a porra de um drama. Lembro que, antes de comer a tal barata, ele fez questão de colocar um pouco de pimenta nela.

— Precisamos de um plano — sussurro. — O que a gente não pode é irritar o sujeito. Então, quando ele voltar, faça o que eu fizer.

— Certo — diz ela, observando o Malcolm, que vem em nossa direção.

— Quem vai levar o recado? — pergunta.

Estou prestes a responder quando a Lucy diz:

— Por que você mesmo não dá o recado pro Leo? Espera, eu sei. É porque você tem medinho dele, seu comedor de barata covarde e filho da puta.

Eu olho para ela.

— *Filho da puta?*

— Filho da puta — confirma ela.

— O próximo que me chamar de filho da puta leva o recado — ameaça Malcolm.

— Filho da puta — falamos juntos eu e a Lucy.

Merda. Estamos discutindo sobre quem vai levar o recado quando o Malcolm escolhe a Lucy.

Ele chega mais perto dela, e o mundo acelera dentro de mim, enquanto o mundo de fora continua mortalmente parado. Eu me sinto melhor quando ele larga o martelo, mas pior quando ele puxa do bolso um compasso e o gira entre os dedos, como um macabro artista de circo.

— Vou colocar uma argola no bico do peito dela.

— Vai porra nenhuma — reajo.

Primeiro, eu não quero pensar no Malcolm se algum dia tiver a sorte de ter sorte com a Lucy e, segundo, gosto do corpo dela do jeito que ele é. Tento lutar, mas os capangas me seguram, e tudo se revira por dentro de mim e, quando o Malcolm manda a Lucy levantar a blusa, perco o controle.

Consigo soltar um braço e tento dar um soco no Malcolm, mas não o acerto. Grito para a Lucy correr, mas ela não corre, então chuto o joelho dele e torço para que isso o deixe tão puto que ele me fure no lugar da Lucy. Funciona.

Ele me manda levantar a camisa e põe o compasso contra a minha pele. Fecho os olhos e sinto a ponta seca. Vai doer tanto, tanto. Lucy segura a minha mão de novo, o que é legal, mas eu realmente não estou mais no clima.

Malcolm para.

— Vou te fazer um favor. Vou furar sua orelha primeiro.

— Precisamos conversar sobre a definição de um... porraaaaa! — berro quando ele empurra a ponta seca direto através do lóbulo da minha orelha.

É então que acontece. Lucy o acerta no rosto. Eu desvio o olhar por um segundo e depois olho de novo. É bom demais para perder. Há sangue e gritos, e eu me sinto melhor, porque não gritei quando ela me bateu, e só chorei depois, por causa do efeito da anestesia.

— Isso não foi um acidente, cara — diz ela.

Ela fica pálida e, enquanto os capangas estão ocupados com o nariz do Malcolm, eu pego a bicicleta, digo a Lucy para subir e pedalar, seu capacete com raio batendo contra o guidão.

Minhas pernas pedalam e meu coração gira loucamente, e é tão bom não ter cedido a um fracassado que pensa que pode nos dizer o que fazer só porque nos encurralou e parece que a gente não vai conseguir escapar. Mas a gente conseguiu. Escapamos. Correndo, correndo e voando, e há luz em algum lugar à frente, na pista de skate, da lâmpada que fica acima do muro que eu quero mostrar à Lucy.

— Como tá aí? — grito.

— Tô quase vomitando.

— Bem, isso é ruim, porque vai ser em cima de mim, mas o que eu queria saber é se estamos nos livrando deles.

Sinto Lucy se torcer e virar para trás. — Estamos indo bem. Não dá nem pra ver os caras. Como está a sua orelha?

— Com um buracão, então, sabe como é. Dói.

As mãos dela estão nas minhas costas e a gente está avançando, avançando na nossa bicicleta de fuga. O ar está se movendo de novo, abrindo caminho para mim, abrindo caminho. Paro na pista de skate e a gente desaba na grama, perto um do outro, cercados pelo calor do ar e da nossa respiração.

— Você bateu nele com força.

— Espero que ele esteja bem — responde ela.

— Espero que ele esteja hospitalizado.

— Você acha que estamos a salvo aqui? Ele pode estar caçando a gente.

— Confia em mim, já estive no lugar dele. Ele não vai a lugar nenhum. E, mesmo que esteja caçando a gente, quando percorrer a distância que andamos de bicicleta, o Leo já vai estar aqui.

Ela tira um lenço do bolso. Ele está usado e sujo, e ela provavelmente vai me matar de infecção, mas eu não falo nada, não importa. Não me importo, porque estou perto dela agora e vejo aquele sinal que ela tem no pescoço. Estou de volta àquele muro, pintando aquelas linhas num rosto que é todo mistério, todo algo que eu quero entender. Só que, dessa vez, o meu carro não está soltando fumaça, ela está a fim, acho eu.

E ela olha sobre meu ombro, tocando minha orelha, captando meu muro. Uma grande tempestade, monstruosa. Ondas maiores que edifícios. Levei a noite toda para conseguir que os azuis e os verdes entrassem e sássem uns dos outros. Para conseguir que o céu amarelo girasse acima das ondas escuras, girasse sobre essas duas figuras na praia. Um cara com uma prancha de surfe e um peixinho perto dele. Eu e a Beth, no começo. Eu e o Bert também. Eu e o Leo.

Ela olha para o muro e olha de volta para a minha orelha, e eu não sei se ela me vê na pintura ou não. Como ela pode não me ver ali? É tudo o que eu sou, um cara na praia, tomando uma série na cabeça e procurando um jeito de nadar.

— O que você acha? — pergunto, mas ela está olhando a minha orelha de novo.

— Não chegou a atravessar. Acho que você poderia deixar cicatrizar ou ir até o fim.

Estou chegando muito perto, minha respiração tocando a dela, e ela não está se afastando. Ela não está se mexendo.

— Escolho ir até o fim — digo, e me sinto um completo idiota, mas isso não estraga o momento.

Ela se inclina para a frente e estou prestes a beijá-la. Finalmente, estou prestes a beijá-la. Eu me inclino, a minha boca perto, muito perto. E então ela fica pálida, e eu saio da frente, porque na certa ela vai vomitar.



A respiração do Ed paira sobre mim e parece que estamos pendurados no céu, ou no teto. Balançando um em volta do outro sem os pés no chão. Se a gente se tocasse eu não me surpreenderia de ouvir sinos. Pressiono o lenço contra a orelha dele e meus dedos formigam. Ele me pergunta o que eu acho. Digo que ele pode deixá-la cicatrizar ou ir até o fim. Ele decide ir até o fim.

Ele fala de um jeito que me faz achar isso legal, não algo idiota. Uma fala como essa é cem por cento arriscada. Não tenho certeza de nada, não sei se ele quer dizer o que acho que ele quer dizer, não sei se a adrenalina está me pregando peças. Não tenho certeza se é dele que eu gosto ou se eu gosto do Sombra. Talvez dos dois. Definitivamente, não é do Malcolm Pombo.

Como eu já disse, uma garota não pensa direito quando chega tão perto de ser eletrocutada e, se o Ed é uma torradeira, então sou uma garota com uma faca. Estou prestes a responder, talvez a perguntar o que ele quis dizer ou simplesmente a deixar que ele me beije, o que estou achando que é o que vai acontecer, quando tenho um flash do nariz do Malcolm e uma visão dele comendo uma barata. Uma sensação azeda cresce em mim e tenho a certeza de que vou vomitar.

Acho que todos os especialistas concordam que vomitar quando um cara tenta beijar você é péssimo. Isso afasta qualquer um, menos os que estão muito, muito a fim, e eu não sei se o Ed está muito, muito a fim. Faço um esforço para não pensar no sangue do Malcolm, mas, quanto

mais me esforço, mais eu penso.

— É o nariz do Malcolm — explico ao Ed, para que ele não tenha uma ideia errada. — E a barata. — Não quero que ele pense que é a ideia de beijá-lo que me enjoa.

— Inclina o corpo pra frente — orienta ele. — E pensa numa coisa boa. O que é bom?

— Inclua esse momento fora dessa.

— Fale mais sobre vidro.

Eu me inclino como ele me orientou e respiro fundo.

— Eu levo jeito, o Al me diz. O que é uma forma delicada de dizer que às vezes eu crio coisas bonitas e às vezes eu explodo coisas.

— Você não é uma garota que me deixa cem por cento seguro.

— Você não é um cara que me deixa cem por cento segura.

— Então, qual foi a pior coisa que já te aconteceu no estúdio? — pergunta Ed.

— Eu andei de costas e esbarrei num maçarico.

— Hum... que merda.

— Foi o que eu disse. Só que aos berros. E que berros. — Arregaço a manga e mostro a linha branca da queimadura. — Tem dia em que estou lá, e o Al, a Liz e o Jack se movimentam rápido e conversam numa língua que eu não entendo, porque ainda estou aprendendo. Às vezes, eles nem usam palavras.

Ed concorda com a cabeça.

— O Al diz que é assim mesmo. Todo mundo comete erros. Não importa há quanto tempo já se trabalha com vidro.

O ruído do tráfego que vem da rua lateral me acalma. A respiração do Ed também. Fico olhando enquanto ele observa o muro do Sombra. Olha fixamente para as ondas, para o céu que espuma em volta do cara com a prancha.

— Você acha que é um tsunami? — pergunto.

— As ondas de um tsunami não têm essa forma — explica Ed. — Se você estiver num barco em alto-mar, um tsunami passaria por baixo. Você nem ia perceber. Só perto da costa é que elas ficam fortes e perigosas como as do Sombra.

— Eu não sabia disso. Você pode estar em perigo e nem ter noção. — Olho para o muro mais um pouco. — Então, ele sabe que está correndo perigo e pensa que o peixe vai salvá-lo.

— É só um muro — diz Ed.

— Não tem essa de uma coisa ser só uma coisa — retruco. — Você pinta o que está vivendo.

— Então, talvez a Jazz esteja certa. Talvez você esteja procurando um cara que está fodido.

— Todas as pessoas do mundo se sentem assim às vezes. Como se uma onda gigante as afogasse de dentro pra fora. Você deve ter se sentido assim quando abandonou a escola.

— Eu tinha o Bert.

— Então, você tinha um peixe.

Ele continua olhando para o muro, eu continuo olhando para ele, voltando a pensar naquela sensação de eletricidade que ele me passava na aula de artes. Penso no caderno dele, que ele nunca mostrou a ninguém.

— Nunca vi os seus trabalhos — digo. — Você escondia na aula de artes. Foi você que fez esta camiseta?

— Fui — responde ele.

— Você faz todas as suas camisetas?

— Faço.

— Então, você também é bom — digo. E ele para de olhar o muro e começa a olhar para mim.



uê? — pergunta ela.

— **Q** E eu não penso, porque, se pensar, não a levarei lá. E preciso levá-la. Já fomos longe demais. Quero beijá-la. Quero dar respostas. Quero fazer perguntas. Ver o trabalho dela. E não posso fazer nada disso até ela ficar sabendo.

Então, lá vamos nós. Para a área do parque onde as luzes não alcançam. Para onde eu vou quando o Leo não está comigo. Além da cerca que marca o fim da pista de skate. Usando a luz da bicicleta para mostrar o caminho. Além da cerca que dá para o terreno baldio.

— Podemos entrar aqui? — pergunta ela.

— Provavelmente não — respondo. Mas continuo andando, e ela continua andando, e eu a levo para o trailer no fundo do terreno.

Ninguém mais mora nele e, quando quero pintar sem me preocupar que estejam atrás de mim, venho aqui. Ele é verde-claro, da década de 1950. Digo a Lucy que vi fotos antigas da minha bisavó em frente a um trailer como esse, protegendo os olhos do flash.

Entramos. Não há eletricidade, então só a luz da bicicleta iluminaria, mas eu guardo uma lanterna aqui. Finjo que a achei por acaso e acendo. Fazemos caminhos de luz um no outro e nas pinturas.

Mais ou menos no meio do trailer, pintei um longo corredor. E, amontoados nele, há pássaros. Tão sem espaço que as asas estão presas nos corpos ou dobradas em ângulos improváveis. Tão

sem espaço que é preciso olhar com atenção para distinguir penas e bicos. De perto, dá para ver que alguns estão tentando cantar.

Ao longo do corredor, há portas como as da minha cabeça. Algumas estão fechadas com cadeados, como aquele que a Lucy tem do tamanho de um chihuahua, e alguns têm combinações, como os que usamos na escola. Algumas portas não estão trancadas, mas são as que levam a quartos com mais pássaros dentro.

As portas trancadas levam ao céu. Ele se espalha no teto do trailer, azul mudando para branco e voltando para azul. De algum modo, os pássaros sabem que as portas trancadas são as que conduzem a um bom lugar. Alguns estão tentando acertar as combinações com as asas e os bicos, e alguns tentam arrancar os cadeados com o bico.

Levei meses para pintar. Às vezes, eu pintava e pensava em mim. Às vezes, pensava no Leo e em como era a vida dele antes de sair daquele zoológico. Às vezes, pensava na minha mãe. Em como ela diz que não mudaria nada na vida que ela leva. Acredito nela, mas já saí da cama algumas noites e a vi à mesa da cozinha, contando dinheiro e separando em latas com etiquetas. Etiquetas como “comida” e “aluguel” e “gás” e “luz”. Sempre havia uma lata com a etiqueta “Pez e canetas para o Ed”. Levei um tempo para me dar conta de que não havia uma lata para ela.

Lucy continua a mover a luz pelas paredes e depois por mim. No silêncio, imagino que talvez eu esteja ouvindo aqueles pássaros. Eu me pergunto se não há pássaros de verdade em algum lugar por perto. Ou se o som não está vindo de dentro de mim.

— Como você sabe deste lugar? — pergunta Lucy, e eu respondo que eu e o Leo conhecemos cada centímetro desse parque.

— Você está mentindo — diz ela. — Você conhece o Sombra. Conhece *de verdade*.

Quem não arrisca não petisca, diria o Bert, então respondo:

— Mais ou menos. Um pouco.

Ela não parece exatamente zangada, então avanço.

— Não falei porque pensei que você ia ficar decepcionada. Com ele. Ele não é o que você pensa. Não é um cara ruim. Nem um fodido, como a Jazz disse. — Tento rir, mas não soa bem. — Ele perdeu o emprego há algum tempo e a mãe dele precisa de ajuda pra pagar as contas. Sabe todo aquele romance que você quer, o cara perfeito que você tem na cabeça? Ele não é assim. — Aponto para as paredes. — Tenho certeza de que ele é isso aqui.

Ela faz que sim, mas não acho que tenha entendido. Preciso fazer com que ela entenda agora.

— Ele está planejando roubar umas coisas mais tarde. Lá da sua escola. Do departamento de artes.

As palavras finalmente saíram. Estou pintando um muro para nós, o Sombra dando um passo atrás para entrar na pessoa que o projeta e se tornando sólido. Mas eu não consigo pensar depressa nas palavras para contar à Lucy e ela está preenchendo o esboço para mim.

— O departamento da sra. J.? Ele vai roubar outros artistas? Ele rouba? Ele é um marginal.

— Você sabia disso. Ele é grafiteiro.

— É diferente de ser ladrão — reage ela.

De fato, mas quero que ela olhe, realmente olhe para este lugar e o enxergue. Veja que isso é um mural que começou anos atrás e continua por muitos anos. Isso é o que é ser eu. Quero que ela diga que entende, que compreende o Sombra e como são as coisas para ele. Que, mesmo que

ele seja isso, ela ainda o quer.

Antes que possamos dizer mais qualquer coisa, a Jazz manda um torpedo.

— Eles estão na pista de skate — informa Lucy e vai para junto da porta. Eu me sento na cama e pergunto o que ela acha das pinturas.

Ela demora muito tempo para responder, mas eu espero, porque preciso saber.

— Elas me deixam triste — revela. — E insegura. Quero ir embora agora.

Então desligo a lanterna e saímos. Ela anda tão rápido que está quase correndo.



Ed me leva pelo parque e eu o sigo. Está me levando para outro muro do Sombra e eu quero vê-lo, mas agora por motivos diferentes. Quero vê-lo porque estou indo com o Ed. Luz estranha, passos leves, insetos cantando uma música com as asas. Eu não desenharia mais nada neste mundo.

Pulamos a cerca do parque para um terreno baldio. Pergunto se podemos entrar aqui e ele diz que provavelmente não, mas continuamos andando mesmo assim. Não consigo identificar a forma escura que está a um canto e o Ed não me conta o que é. Acho que é um galpão, ou uma árvore, ou um contêiner. Preciso chegar mais perto para perceber que é um trailer, pequeno e arredondado.

— Minha mãe tem uma foto da minha bisavó em frente a um trailer como esses — conta Ed. — Na foto, tudo é pintado à mão, então as cores são cem vezes mais vivas do que eram na vida real.

O cabelo dele toma formas malucas na noite e eu quase lhe digo isso, mas ele parece nervoso e eu fico pensando que talvez ele tenha me trazido aqui para ter uma nova chance de me beijar. Então, fico quieta, para não estragar o momento.

Entro no trailer e o Ed encontra uma lanterna. A gente fica passando fochos de luz pelas paredes. Lá dentro, uma pia, um pequeno sofá embutido e duas camas. Parece que os armários foram retirados. O Sombra pintou cada pedacinho das paredes, e a sensação que tenho é muito

estranha. Como se estivéssemos numa sala flutuante.

Ainda bem que não estou sozinha aqui, nesse corredor, com os pássaros tentando fugir para o céu. Imagino o Sombra trabalhando aqui, onde o ar não se move, as luzes não funcionam e as janelas estão cobertas de teias de aranha.

— Como você sabe deste lugar? — pergunto, e o Ed me diz que ele e Leo conhecem cada centímetro do parque. Pode ser verdade, mas sinto que não é. — Você está mentindo — digo, para checá-lo, e transfiro a luz dos pássaros para o rosto dele. Tenho certeza. Ed conhece o Sombra. Conhece de verdade. Talvez até sejam amigos.

Ele me conta que o Sombra é um ladrão. Um marginal. Enquanto o Ed fala, nossas sombras se movem e pássaros voam em algum lugar lá fora, e quero estar lá fora com eles, com o Ed, longe desse corredor. Não quero ficar com um cara capaz de assaltar uma escola.

Jazz manda um torpedão:

— Eles estão na pista de skate. — Quero sair imediatamente, mas o Ed senta numa das camas.

— Você não disse o que achou das pinturas.

Mas eu não quero falar das pinturas. Quero sair daqui para que o resto da noite possa acontecer. Quero saber mais sobre os Vermeers de que o Ed gosta, quero saber mais sobre o Bert. Quero conversar a noite inteira e depois não conversar mais. Quero ir ao estúdio e apresentar o Ed ao Al enquanto comemos torradas com queijo assado no maçarico. Há muitos desejos em mim para ficar num lugar escuro como este.

— E então? — pergunta Ed, e não posso deixar de pensar que talvez ele queira que eu lhe diga algo que o faça acreditar que é ele que eu quero beijar, não o Sombra. Eu digo a verdade, para tirá-lo daqui. Que a pintura me deixa triste e insegura, e ela faz isso comigo. Detesto a ideia de alguém aqui, no escuro, pintando coisas como essas. — Quero ir embora agora — aviso. Quero deixar o Sombra para trás, para ficarmos só eu e você.

Ele apaga a lanterna e põe de volta onde encontrou. Voltamos para a pista de skate e deixo minha mão onde sei que ele pode pegá-la. Mas ele não pega.



Quando a gente chega, o pessoal já está lá, esperando, e o Ed diz que a gente foi dar uma volta porque eu estava enjoada.

— Ela quase vomitou. — É verdade, mas não é nada sexy.

— Você embebedou ela? — pergunta Jazz.

— Não — responde Ed. — Mas não consegui impedir que o Malcolm Pombo atacasse a Lucy. Pra ser exato, ele me atacou e ela quebrou o nariz dele. Temos que sair daqui, pro caso dele voltar.

— Preciso de água antes de qualquer coisa — digo, porque preciso, mas também porque quero conversar sozinha com a Jazz e a Daisy.

— Cinco minutos — avisa Leo. — O Ed tem razão.

Logo que a gente fica fora do alcance dos ouvidos deles, começo a falar.

— Beleza. Vocês sabem de tudo até logo depois da gente rolar o morro.

— É — confirma Jazz. — O Ed é um péssimo mentiroso e você está atolada na lama do

romance de espartilho.

— Isso. — Conto para elas tudo o que aconteceu dali em diante: arte e vidro, a quase perfuração do mamilo e as baratas, e o Ed tentando me salvar, o ferimento na orelha, o nariz quebrado, o quase beijo e o vômito, e a vida criminoso secreta do Sombra.

Jazz abre a boca, mas não sai nada. Daisy cruza os braços.

— E aí?

— E aí que eu diria que desatolamos do romance de espartilho — responde Jazz. — Você acha que a van que o Leo pegou tem alguma coisa a ver com o dinheiro que ele deve?

— Talvez usem pra fugir — sugere Daisy.

— Então eu voto pra gente fugir nela. Agora. O Malcolm é totalmente louco.

Olho para os garotos.

— Estão planejando alguma coisa. Vocês não acham que eles estão planejando alguma coisa?

— Pode ser — responde Daisy. — Mas eles são legais. O Dylan não me traria hoje à noite se eles fossem fazer algo errado.

— Às vezes parece que você ainda gosta dele — digo.

— Eu ainda gosto dele, mas o idiota esqueceu que meu aniversário é hoje. *De novo*. Quando ele disse “Tenho uma coisa pra você” hoje de tarde, pensei que esse ano ele tivesse lembrado. E então ele jogou uma caixa de ovos na minha cabeça.

— Feliz aniversário — dizemos eu e a Jazz.

— Não — devolve ela. — Com certeza, não.

Jazz dá um pirulito para cada uma de nós.

— A questão então é: entramos ou não na van? Se a gente não entrar, ficamos presas no parque e eu nunca vou conhecer melhor o Leo. Eu gosto mesmo do Leo. A gente dançou e jogou o jogo das perguntas. Ele me disse que há um pássaro azul dentro dele.

— Você não gosta de caras durões? — pergunto.

— O pássaro azul dele está bebendo cerveja — responde ela.

— O meu pássaro azul está sentado junto de outro pássaro azul que esqueceu o seu aniversário — diz Daisy.

— Meu pássaro azul gostaria de ser beijado — digo.

— Meu pássaro azul tem perguntas a fazer. E então, arriscamos? — pergunta Jazz.

Daisy e eu concordamos. Olhamos para os garotos e vemos seus contornos se movendo.



s garotas levam a Lucy até uma torneira, e eu vou direto ao ponto:

— O Malcolm vai furar o meu mamilo se você não pagar o dinheiro dele.

— Eu não gosto da palavra *mamilo* — diz Leo.

— Nem eu — respondo. — Muito menos quando ela está na mesma frase que *compasso* e *Ed* ou *Lucy*.

— Fica comigo. Você vai ficar bem.

— Vou ter que ficar com você pelo resto da minha vida se não conseguir o dinheiro dele. A Lucy também. Tem uns sinistros com ele que parecem perigosos, Leo. Você tem que ligar pro Jake e pedir reforço.

— O Malcolm vai ficar na boa quando receber.

Penso no sangue saindo do nariz dele, nos gritos.

— Será? Mas pelo menos peça ao Jake o dinheiro adiantado pra você poder pagar logo.

— Não quero que o Jake saiba que eu devo dinheiro ao Malcolm.

Leo está sendo cauteloso. Tirando hoje, ele nunca age assim.

— E pra quê você precisava de quinhentos dólares, pra começar? — pergunto.

— Não é da sua conta.

Aponto o rasgo na minha orelha.

— Isso aqui faz ser da minha conta.

Dylan olha o furo de perto.

— Ele esterilizou o compasso? Porque, se não esterilizou, vai infeccionar.

— Bem, ele não parecia preocupado com a minha saúde.

— E, já que ele ainda pode estar em algum lugar do parque, é melhor a gente ir embora — diz Leo. — Sorte a gente ter a van de fuga. Agora a gente pode chamar de van de fuga, porque a gente vai fugir do Malcolm nela.

— Já saquei, Leo. — Também tenho a sensação de que ele está mudando de assunto, o que me deixa mais curioso sobre os quinhentos dólares. Então, pergunto de novo.

— Já te disse, eram pra minha avó.

— A tintura azul está mais cara? — pergunta Dylan.

— Minha avó acaba contigo numa briga, então cala a boca. — Como isso é verdade, Dylan faz o que o Leo manda. Leo se vira para mim. — A Beth pediu pra vocês se encontrarem às cinco, na casa dela. Ela queria te encontrar antes. Eu disse que você está ocupado.

— Ótimo. Ela acha que ou eu estou com uma garota ou estou assaltando.

— Você está com uma garota e assaltando. — Ele pega as chaves e balança. — Então, eu estava pensando. É só uma e meia. A gente tem mais ou menos uma hora antes de levar as garotas pra casa. Como é o nome daquela charlatã que a sua mãe foi consultar no cassino? A Jazz Lady adora fenômenos paranormais.

— A gente tem segredos saindo pelo cu e você quer levar as garotas a uma vidente?

— Fale por você. Não tenho segredos saindo pelo cu.

— Só merda — digo, e o Dylan se afasta um pouco.

— Beleza — diz Leo. — Qual é o seu problema?

Meu problema é que a Lucy quase foi atacada por causa dele, eu fui agredido, e ele ainda não quer dizer por que precisava de quinhentos dólares. Mas eu já tive problemas muitas vezes, e o Leo me ajudou sem fazer drama.

— Um deles é que a minha orelha está doendo. E, mesmo que eu quisesse ir consultar a Maria, não tenho dinheiro pra pagar a entrada.

Leo pega cinquenta dólares.

— Aqui. O Jake deu dinheiro pra gasolina.

Não pego a nota, porque, se eu pegar, estarei aceitando dinheiro do trabalho, e isso significa que não vai dar mais para sair fora, e espero que dê. Imagino uma pintura que eu poderia fazer, uma árvore com folhas de dinheiro, e um cara colhendo o dinheiro. Ponho uma garota perto dele. Ela se parece muito com a Lucy, e o cara se parece muito comigo, e quando eles se beijam o dinheiro cai suavemente sobre os ombros dos dois.

Leo enfia o dinheiro no meu bolso.

— Não se preocupe. Você nem acredita em videntes. A gente dá um pulo no cassino. Escapa do Malcolm. Come alguma coisa lá. Deixa as garotas em casa.

— Quem vai pra casa? — pergunta Jazz, chegando com a Daisy e a Lucy.

— O Ed acha que vai precisar de um casaco — responde Leo.

— Está fazendo mais de 30 graus.

— Eu disse que ele está se preocupando à toa.

Ela aponta um dedo.

— Desembucha. Você está armando alguma.

— Relaxa — responde Leo. — Não vamos aprontar nada.

Então, a Jazz aponta dois dedos, para nós duas. Um de cada mão.

— Se a Daisy tiver que chutar alguém pra descobrir o que está rolando, ela chuta.

Daisy bate o pé, e eu fico na frente do Dylan. Já vi a Daisy em ação. Um chute e a verdade brota da boca do sujeito.

— A gente quer fazer uma surpresa — disfarça Leo. — A mãe do Ed está consultando uma vidente que trabalha a noite toda no cassino, e a gente pensou em levar vocês. — Ele olha para mim. Não dá mais para cair fora.

— Maria Contessa — digo.

— Maria Contessa? É a melhor do ramo. A polícia usa os serviços dela pra resolver crimes. Minha mãe já se consultou com ela. Ela vem pra Austrália de cinco em cinco anos...

Jazz continua falando sobre a grande Maria, e eu já sei que a gente, com todos os nossos segredos, está indo visitar a vidente que trabalha para a polícia.

Leo sorri.

— Já pra van de fuga. — Ele vai na frente, em direção à estrada, com o braço nos ombros da Jazz.

— Então, você realmente não está armando nada? — pergunta ela.

— Não, nada.

— Jura que você não está armando nada — pede ela.

— Você, o Leo e o Dylan estão armando alguma? — pergunta Lucy enquanto espero o Leo responder.

Penso na noite em que o Leo conversou comigo no escuro e me contou que não gostava de dormir, por causa dos sonhos. Disse que era porque de noite parecia que a gente não estava acordado, que a gente nem era real.

— Eu juro — responde Leo para a Jazz.

— Você pode me contar — diz Lucy, e a gente chega mais perto da estrada, onde carros espalham a luz do sol pela noite. Estou quase contando, falando que você está procurando por mim. Eu sou o cara com ondas gigantes dentro. Sou o cara que mora naquele corredor, o cara triste que te assusta. Você ainda quer transar comigo agora? Mas, antes das palavras saírem, o Leo liga a van e eu me distraio.

Ele está sorrindo e acelerando o motor quando me aproximo.

— Diz que não é essa a van de fuga — falo baixo, debruçando na janela do motorista.

— Não se preocupe. É melhor do que parece.

Não me importo mais que os outros ouçam.

— Ela parece rosa. Parece uma Kombi rosa com *Amor Livre* escrito em letras garrafais na lateral.

— E daí?

— E daí que as pessoas vão reparar na gente. — A polícia vai reparar na gente.

— As pessoas estão reparando na gente agora — diz ele, olhando para as garotas. — Sossega e entra. A gente conversa sobre isso depois.

É a história do Jake e do Jaguar de novo. Só que, dessa vez, somos eu, o Leo e o Dylan que vamos ser pegos, e a gente não vai escapar fácil. Vai ser a polícia nos arrastando pelas orelhas, não a avó do Leo. E talvez a Lucy, a Jazz e a Daisy sejam arrastadas também.

— Entra — articula Leo, sem som, pela janela. Vou para onde a Lucy está.

— Tem carpete rosa — observa ela. — E não tem banco atrás.

— Senta no chão — diz Daisy. — E se segura na lateral. — Ela mostra como. — Viu?

Lucy faz que sim, entra e se segura firme no forro rosa da van do amor livre. Dylan e Daisy estão no mesmo lado que ela, então boto a bicicleta no lado oposto ao deles. Fico fora da van, pensando. Se eu fosse um cara legal, não levaria a Lucy nesse passeio. Não a leve nesse passeio, diria o Bert. Se ela for presa, lá se vão as chances dela de ir pra faculdade. Lá se vão as chances dela de estudar a arte do vidro.

— Ed? — chama ela.

Vá para casa agora, eu penso. Vá para casa e esqueça de mim e do Sombra. Vá para casa e sente na frente da TV, levante de manhã, coloque lembranças dentro de vidros e vá para a faculdade. Mas então ela sorri, e eu penso em me sentar perto dela. Então me espremo dentro da van e fecho a porta.

— Mas, enfim, de quem é essa van afinal? — pergunta Lucy, passando as mãos pelo forro macio.

— Do Dave Maluco — responde Dylan, sem pensar.

— Vocês levaram as garotas na casa do Dave Maluco? — pergunto.

— A gente esperou na esquina — responde Jazz. — O Leo achou melhor a gente ir com ele, mas não entrar na casa.

Pelo menos o Leo está agindo como se tivesse meio cérebro. Mas, espere.

— Esta van é do Dave Maluco? — Tento ficar calmo, mas a calma não vem.

— Quem é Dave Maluco? — pergunta Jazz.

— Um cara aí — responde Leo. — Ninguém. Um amigo do meu irmão. — Ele me olha pelo retrovisor, me diz com os olhos para eu calar a boca.

— GANHOU o apelido de maluco porque uma vez ele comeu cinco baratas — explico, e a Lucy tapa minha boca e me diz para não falar em baratas, enquanto os outros riem e conversam sobre lendas urbanas.

Leo faz uma curva e a gente se desequilibra. A perna da Lucy encosta na minha. Inclino a cabeça para trás, meu ouvido pulsa. As luzes que entram pelo para-brisa dianteiro piscam e tudo está se confundindo. E eu quero sair, mas estamos na autoestrada e não há como fugir até que o Leo pegue a próxima saída. E talvez nem assim dê pra escapar.

Fecho os olhos e pinto com spray um muro na minha cabeça, com um cara que é uma sombra e uma estrada sombria diante dele. Sinto a Lucy perto de mim e quero contar para ela, já, tudo. Mas as sombras estão rindo e me perguntando “O que isso vai trazer de bom? O que você está pensando? Você não pode voltar para baixo daquele morro e ficar lá com ela. Você tem que subir até o topo, mais cedo ou mais tarde”.

Tive uma chance quando o Bert era vivo. Eu tinha um lugar para ir todos os dias. Tinha alguém que afastava as sombras do meu sangue. Mas agora sou só eu, vagando pelas galerias e tentando preencher formulários de emprego cheios de erros ortográficos. Formulários para empregos que, de qualquer forma, eu não quero ter.

Daisy manda o Dylan ficar na dele e eu abro os olhos para vê-lo mirar uma almofada na cabeça dela, mas errar e acertar Lucy.

— Ops! — exclama ele, e a Daisy revida. Os dois continuam e fica claro que ali só sobrou

amor suficiente para um matar o outro.

Lucy fica olhando os dois e, de vez em quando, eles tentam arrastá-la para a briga, mas ela continua só assistindo, como se fosse um jogo de tênis, para um lado e para o outro, para um lado e para o outro.

— Você podia ter machucado a Lucy — diz Daisy.

— É um coração fofinho. Não machuca ninguém.

— Que nem os ovos, né?

— É por isso, não é? Só por causa dos ovos.

— Não fale comigo como se eu fosse burra. Você jogou uma caixa de ovos na minha cabeça.

— Exatamente. Uma caixa *inteira*. Gastei meus últimos ovos com você. — Ele cruza os braços. — Pra comemorar.

— Será que a gente podia abrir uma janela? — pergunta Lucy. — O balanço da van me deixou enjoada.

— Você é um idiota — ela fala para o Dylan. — Eu estava namorando um idiota.

— Leo — grito. — Abre a sua janela. Rápido.

— Se não estamos mais namorando, você não vai me chamar de idiota. Tenho autoestima.

— De alto nível essa sua autoestima. Só suas namoradas podem te chamar de idiota.

— Por que você está tão nervosa? Semana passada, a gente estava se beijando atrás dos galpões da escola. — Ele se vira para a Lucy. — Você sabe por que ela está nervosa?

— Por que a Lucy saberia? — pergunta Daisy. — Por que você não me pergunta? Enquanto o Dylan e a Daisy gritam, a Lucy está ficando cada vez mais branca, mas eles não percebem e continuam brigando.

— Dá pra vocês dois calarem a boca? Não estão vendo que ela está passando mal? — pergunto.

— Eu quero sair. Deixa eu sair — pede Lucy.

— Para a van, Leo — grito.

Daisy olha para ela.

— Ela vai vomitar. Para a van.

— Estou na pista da esquerda.

— Para. A. Van — gritamos todos, e a Lucy abaixa a cabeça e eu ponho a mão nas suas costas e a abraço para que ela não balance. Eu realmente gosto de abraçá-la, o que é meio... patético dada a situação.

— Segura aí, galera — grita Leo e a van avança, e abraço a Lucy mais forte. Paramos, e ela sai da van e cai de joelhos. Ela não vomita. Ela se ajoelha, mas não vomita.

— Sensível ela, não? — comenta Daisy.

Ajeito os cabelos da Lucy para trás e penso que gostaria de chegar mais perto. “Para isso, você teria que ser um cara diferente”, dizem as sombras. Talvez eu pudesse ser. Talvez tenha um jeito de eu ser um cara diferente daquele que pintou o trailer por dentro. “Que jeito?”, perguntam as sombras, mas ainda não sei o que responder.



O pessoal atravessa a estrada e vai até o posto de gasolina para buscar comida. Olho em volta para achar um lugar onde eu e a Lucy possamos esperar, um lugar que não seja onde ela quase vomitou.

— Tenho uma ideia — digo, e subo na cerca próxima à van. Estou na altura do teto, mas preciso ficar mais alto. Não tem como passar para o teto sem ficar em pé bem no alto da cerca, e fico pensando que, se eu gritar quando cair, isso provavelmente vai estragar a minha imagem de cara safo.

— Você tinha que ser o Super-Homem pra subir no teto assim — diz ela.

— E eu não sou?

Ela ri e abre um pouco a porta do motorista. Depois, sobe na cerca e usa a porta aberta para chegar ao teto.

Eu a sigo.

— Algumas garotas fazem os caras parecerem safos.

— Que garotas? — pergunta ela.

Não tenho resposta.

— Eu não sou tão safo — diz ela, se deitando de costas no teto da van. — Estou sempre quase vomitando.

Deito ao lado dela e tento fazê-la rir contando a história de quando eu tinha nove anos e vomitei meu almoço no ônibus. Conto cada detalhe humilhante, até a parte sobre o ônibus estar cheio de alunas me olhando. — Marcou a minha vida.

— E a delas também, aposto — diz Lucy, sacudindo a pulseira.

Viro a cabeça e olho para ela. Estamos perto o bastante para nos tocarmos, mas não nos tocamos. Penso sobre as coisas que ela me disse no trailer e não sei o que vai acontecer agora, quando eu contar que sou o Sombra. Mas acho que ela não vai mais querer me ver.

Eu devia ter sido sincero com ela, desde o início, mas é tarde demais. Nenhum muro que eu pinte pode nos levar de volta ao começo. E, se eu só tiver mais cinco minutos com ela no teto da van do amor livre, quero passá-los conversando. Porque, amanhã, vou sentir falta de conversar com ela.



u e o Ed nos deitamos no teto da van e não há nada entre nós e o céu. Nossos narizes quase se tocam e percebo pequenos pingos de tinta branca na orelha dele.

R — Você está com um olhar estranho — digo.

— É, nunca me canso de ouvir isso.

Pode me beijar, eu penso. Vamos lá, me beija. Pelo menos passa a mão na minha bunda.

Não é muito Jane Austen da minha parte, mas hoje à noite estou aprendendo que Jane Austen tem hora e lugar.

Mas ele não me beija. Começa a falar como eu gostaria que tivesse falado no nosso encontro. Fala das pinturas do Jeffrey Smart de que mais gosta. Diz que às vezes não consegue parar de pensar naqueles contêineres ou no cara à beira da avenida.

— *Cahill Expressway* — digo. — A sra. J. me disse que o cara naquela pintura tinha uma escolha. Ele podia subir a avenida ou penetrar na sombra atrás de si.

— Talvez seja por isso que eu gosto dessa pintura — diz Ed, piscando. Sinto seus cílios respirarem.

Digo ao Ed as coisas que eu queria falar para o Sombra. Falo de um quadro do Rothko e de como eu olho para ele e vejo qualquer coisa de amor nos vermelhos que sangram um no outro. De como o Al me ensinou a fazer objetos da cor do crepúsculo, da noite e do amor. Digo o quanto, às vezes, eu gostaria que o mundo fosse feito de vidro.

— Então, nada no mundo seria comum.

— Entendo por que você gostaria que fosse assim — diz Ed e se senta, os olhos fugindo nos carros da autoestrada. Eu me sento e olho também. Não sei ao certo o que está acontecendo. As coisas entre nós estão sempre mudando. Talvez seja porque o Ed pensa que eu ainda estou interessada no Sombra, ou porque acha que me sinto estranha por ele ter mentido.

— Tanta gente indo pra algum lugar — comenta ele. — Aquele carro azul. Pra onde você acha que ele está indo?

Já joguei esse jogo.

— Pro deserto. Pra poeira vermelha e o calor imóvel.

— O deserto é feio. Quase tudo está morto, não é? — pergunta Ed.

— Não quando você sabe onde procurar. — Sacudo a pulseira três vezes para dar sorte e coragem antes de dizer o que penso. — Tudo bem. Você não ter me contado sobre o Sombra. — Sacudo a pulseira de novo. — Eu entendo por quê. As coisas estão diferentes agora, de qualquer maneira. Acho que superei essa história toda do Sombra.

— Duas horas atrás, você queria transar com ele — diz Ed. E eu respondo que não sei se gostaria de transar em visitas íntimas.

— Então, você não quer mais transar com um cara que gosta de arte?

Quero deixar isso bem claro.

— Outros caras gostam de arte. *Você* gosta de arte.

Mudo de posição para que o meu braço se encoste no dele. Ele não se afasta. O Sombra pode assaltar a escola, pode pintar oceanos. Pode fazer o que quiser. É no Ed que me encosto agora.

Arranho a pintura da van com a unha e um pouco da tinta sai.

— Então... — começo. — Acho que esta van pode ter sido azul.

— Talvez — diz ele. — Em outro tempo ela tenha sido.



pessoal atravessa de volta a autoestrada, e a Daisy e o Dylan ainda estão discutindo.

— Por que ela está tão nervosa com ele? — pergunto.

— Ele esqueceu o aniversário dela.

— É isso? Vou contar pra ele, daí ele compra um cartão.

— Não acho que seja tão simples.

Nada é, penso, e a gente desce do teto e volta para dentro da van. Leo dá a partida, e falo só para ouvir a resposta da Lucy:

— Rosa é uma corzinha de merda.

— Depende — responde ela. — No ano passado, a sra. J. nos levou à exposição de uma artista chamada Angela Brennan. As pinturas eram muito vivas: tinham rosa, verde e vermelho. Acho que você ia gostar.

— Na verdade, não sou chegado a rosa.

— Você teria gostado do título. Era *Tudo É o que É & Não Outra Coisa*.*

— Seria mais fácil se a gente chamasse as coisas do que elas realmente são.

— O que você faria se não estivesse na loja de tintas? — pergunta ela.

— Provavelmente, trabalhando no McDonald's.

— Não, você não trabalharia lá.

Não, eu não trabalharia lá.

— Eu estudaria arte, acho. Mas não tenho o terceiro ano.

— Na Faculdade Monash, você pode fazer um curso que corresponde ao segundo ano, e, se for bem, você vai direto para a universidade. O Al me falou disso quando eu estava no primeiro ano.

— Então, lá a gente faz só as coisas práticas?

— Acho que tem alguns trabalhos escritos, mas a maioria são tarefas práticas. Por que você não se inscreve? — pergunta Lucy.

— Não tenho dinheiro para fazer um curso.

— Eles dão bolsas, e você poderia continuar trabalhando em meio expediente na loja de tintas.

— Quem sabe? — respondo, e pego o Leo nos olhando pelo retrovisor.



Quando paramos no cassino, a noite está movimentada e barulhenta. São quase duas da manhã, mas ainda tem uma galera indo em direção às luzes.

Vamos para a fila da Maria, que ocupa todo o espaço ao longo da fileira de táxis. Acho que tem muita gente nessa cidade atrás de magia. Minha mãe daria seus últimos cinco dólares para esta mulher em troca de um pouco de esperança, e, quando uma pessoa nutre uma esperança tão grande, é errado tirar seu dinheiro.

— Estou com uma sensação ruim — digo ao Leo e ao Dylan depois que as garotas entram para ir ao banheiro.

— Você diz pra sua mãe que isso é ridículo faz anos, e de repente você passa a acreditar no negócio? — pergunta Leo. — Maria Contessa não vai nos expor na frente das garotas.

— Não consigo explicar. Mas não quero entrar lá.

— Eu quero — diz Dylan. — Quero descobrir por que a Daisy está tão nervosa.

— Você esqueceu o aniversário dela — conto.

As pupilas dele dilatam.

— Sabia que eu tinha que comprar alguma coisa além de ovos. Não entrem sem mim. Digam às garotas que eu estou no banheiro. — E ele corre para as portas e desaparece no cassino.

— É sério, eu não vou entrar — digo para o Leo enquanto a gente espera. — Vou perguntar à Lucy se ela quer comer alguma coisa comigo antes da gente levar ela pra casa. — Não quero uma vidente contando para ela o que eu não fui capaz de contar. Quero passar o resto do meu tempo conversando com ela antes de ser preso. — Eu te encontro aqui às duas e meia. Meia hora dá tempo de sobra pra deixar as meninas em casa e ir pra escola.

— Sei que você está putto comigo — diz Leo. — E sei por quê.

— Esquece. Estou preocupado se vou ser preso, só isso.

— Eu não sabia que a van era do Dave Maluco. O Jake me falou pra ir à rua Montague e, quando a ficha caiu que era na casa do Dave Maluco, era tarde demais pra voltar atrás. Mas eu disse pra Jazz que ela não podia entrar lá comigo.

— Eu sei.

— Não sou um jumento. Não estou totalmente fora de controle.

— Você realmente gosta dela, não é?

— Ela chupa um monte de pirulitos — diz ele. — Mais que os enroladinhos de salsicha que eu como.

— Pirulito pra caramba mesmo, então.

— Muito. — Ele continua vigiando as portas, esperando ela voltar.

— Eu queria não ter pegado aquele dinheiro emprestado. Se eu pudesse pensar em outro jeito de conseguir o dinheiro que não fosse assaltar a escola...

— Então vamos pensar em algo. Vamos resolver com o Malcolm de outro jeito.

— Não tem outro jeito — responde ele. — Pensei a noite toda, enquanto ela dançava em volta de mim. Só consegui pensar nisso. Mas você não tem que vir comigo. O problema é meu.

— Se você vai, eu vou.

É como se a gente estivesse olhando para essas portas há horas, esperando o que queremos para seguir em frente. Uma luz acende e apaga sobre as nossas cabeças, nos transformando em sombras nervosas. Depois de algum tempo, o Leo diz:

— Quero contar pra Jazz que eu sou o Poeta. Não pra pegar a garota. Só pra ela saber.

— Eu contei pra Lucy que o Sombra vai assaltar a escola mais tarde. Então, se a Jazz souber que você é o Poeta, ela vai saber disso também.

— Não faz mal.

Leo tem razão. Talvez a Lucy perceba que eu e ela ainda temos alguma coisa em comum. Talvez não perceba. Ela decide.

— Como você está querendo fazer isso? Vai ser sincero, completamente sincero?

— É esse o plano — responde Leo, e então os vemos saindo pela porta. — Aquilo lá não é nada bom.

— Não, não é. — Tudo é o que é, penso, espiando o Raff e o Dylan, e as garotas vindo em nossa direção. Só queria que fosse outra coisa.

* *Everything is what it is & not some other thing.* (N.T.)



cassino é todo luz e movimento. Tudo o que existe dentro de mim. No banheiro, nós três entramos no boxe da verdade. — O Ed é o cara. É o Ed — anuncio. — Não é o Sombra. É o Ed que tem o cabelo maravilhoso. Que gosta de arte. Que não parece ter ficado constrangido com minhas histórias de vômito.

— Qualidades importantes pra se levar em conta — observa Jazz.

— Mas e a mais importante?

— Faíscas. Faíscas com certeza. Mas ele estava esquisito no teto da van. Alguma coisa está pegando.

— Vai acontecer. Estou sentindo.

— E sobre mim, você sente alguma coisa? — pergunta Daisy. — Sobre as minhas faíscas?

— Sinto. Acho que você vai conhecer alguém com quem vai sair mais faísca que com o Dylan.

— Sêrio?

— Sêrio — confirma Jazz. — O que você tem que fazer é escrever uma lista com todas as coisas que quer, e então contar pro universo.

E aí você vai conseguir.

— Quem é o universo, afinal? — pergunta Daisy. — Quer dizer, as pessoas estão sempre falando nele, mas o universo deve ter mais o que fazer do que ouvir a conversa de três garotas

num boxe de banheiro.

— O macete da teoria do universo é não pensar demais nela — explica Jazz.

— Certo. — Daisy pega o batom e começa a fazer uma lista no azulejo do banheiro.

— Então, você e o Ed — considera Jazz. — Eu e o Leo. Tudo está saindo até melhor do que eu planejei.

— Eu me sinto meio idiota por ter perseguido o Sombra esse tempo todo. Você acha que eu fui uma idiota?

— É assim mesmo. A maioria das pessoas não sabe o que quer até aquilo estar bem na frente delas.

— Gosto do Ed estar bem na minha frente.

— Parece que ele também gosta de estar bem na sua frente.

— Você gosta do Leo estar bem na sua frente? Quer dizer, mais do que o Jacob e os outros?

Ela pensa.

— Gosto, de verdade.

— Termine! — exclama Daisy, olhando para a lista. — Esse é o cara que eu quero conhecer.

Eu leio a lista toda.

— É uma lista interessante. Nunca conheci um cara que ajeitasse o meu cabelo enquanto assiste futebol.

— Mas seria prático — comenta Jazz. — A parte de trás é bem difícil de alcançar.

— É. Também seria prático ter um cara que te faz um maravilhoso sanduíche de queijo com tomate na chapa. — Leio mais adiante. — E um cara que trabalhe sem reclamar na mercearia dos seus pais no sábado, mesmo que tenha um pouco de medo da sua mãe.

— E seria ótimo um cara que ainda te queira de volta apesar de você ter dito que ele é um idiota numa van rosa no meio da estrada — observa Jazz.

— Também seria ótimo um cara que te beijasse como você gosta, porque você ensinou pra ele como é. Todas essas qualidades são importantes — digo.

— São — confirma Daisy.

— Daisy — chama Dylan, batendo na porta do banheiro. — Sei que você está aí! Vem aqui fora, tenho um presente para você.

Jazz abre o boxe da verdade.

— Não fique muito empolgada, mas eu acho que pode ser o cara dos seus sonhos de azulejo batendo na porta.

— O universo deve estar lesado essa noite — observa Daisy.

Sáimos, e o Dylan entrega à Daisy umas flores.

— Feliz aniversário — anuncia ele, e ela dá um sorriso profundo e violeta, e o beija. Ela não precisa saber que provavelmente foi o Ed quem contou.

— Feliz aniversário — um cara ao lado do Dylan diz para a Daisy.

— Obrigada, Raff — agradece, depois de terminar o beijo. — Lucy, Jazz, esses são o Raff, o Pete e o Tim. Meninos, essas são a Lucy e a Jazz.

Sáimos do cassino e voltamos pra junto do Ed e do Leo. Daisy pergunta ao Dylan como ele se lembrou.

— Foi de repente. — Estala os dedos. — Bem assim.

Ele não está necessariamente mentindo. Com certeza ele lembrou bem assim, de repente, logo

depois que o Ed lhe contou.

— Então, vocês são da mesma escola que a Daisy? — pergunta Raff para mim e a Jazz.

— Somos. Estamos comemorando o encerramento do ensino médio com o Ed e o Leo. Eles estão lá fora — respondo.

— Eu, o Pete e o Tim também estamos comemorando — diz ele.

— De que escola vocês são? — pergunta Jazz, e eu sei que ela planeja apertar os caras para ter informações sobre o Leo. Ela lê meus pensamentos e sorri.

— Delaware High — responde Raff.

— Então, como vocês conhecem o Dylan? — pergunta outra vez Jazz.

— Ele, o Leo e o Ed são do nosso time de futebol.

Leo e Ed nos olham da fila. Estão debaixo de um letreiro luminoso piscante que os ilumina num segundo e no outro os deixa difíceis de ver. Ele faz isso ao piscar. Deixa o rosto do Ed na luz e na sombra. Ele me olha, nervoso e triste, os ombros afundando como num mar de decepção. Acima dele, a luz faz uma auréola azul. Ele parece cercado, perdido e extremamente oprimido. Ele acena para mim e a luz faz de sua mão um pássaro.

— Sabia que ele é o Sombra? — pergunto para o Raff, esperando que ele responda que eu sou uma idiota e que o Ed possa voltar a ficar bem na minha frente.

— Lógico — responde ele. — Eu achava que ninguém soubesse além de mim e do Dylan. O trabalho dele e do Leo é um dos melhores por aqui.

A luz sobre Ed e Leo acende e apaga.

Jazz olha para frente também.

— Pergunta rápida. Somos as garotas mais burras do mundo?

— Provavelmente — respondo, agora perto o bastante para ver a preocupação no rosto do Ed.



ejo o momento exato em que o Raff conta para elas. O pé da Lucy para no ar por meio segundo, depois ela o põe no chão e continua a andar. Não tira os olhos de mim.

— Sombra — chama Lucy quando está perto o bastante para me tocar.

Não me dou o trabalho de mentir.

O Leo vai se afastando, confuso. Confuso, vai se afastando...

— Parado aí, Poeta — ordena Jazz. Ele dá um sorriso como o que deu para a avó no dia em que ela o pegou mijando nas roseiras.

Daisy foi mais lenta do que a Lucy e a Jazz para entender a história, mas acaba captando a mensagem.

— Mentiroso — diz, e joga as flores no chão.

Olho para a Lucy. Ela olha de volta.

— Tudo que eu te contei sobre o Sombra — diz ela. — Você deve ter achado muito engraçado.

— Eu não achei engraçado — respondo, e me aproximo dela.

— Mas você riu. Bastante. Então, deve ter achado alguma coisa que eu disse engraçada.

— Não foi ideia do Ed — esclarece Leo. — Fui eu que achei que ia ser engraçado.

Jazz pensa nisso por um tempo.

— Você achou que mentir pra gente a noite toda ia ser engraçado, é? — Ela pensa mais um pouco. — Todo aquele tempo em que a gente falou de poesia e você citou versos pra mim, você

achou engraçado? O tempo todo que a gente dançou... na verdade você estava rindo de mim?

A cara do Leo é a mesma daquela noite, na casa da Emma. Ele olha para a Jazz, quase toca os cabelos dela, mas afasta a mão e faz uma coisa que surpreende todo mundo.

Corre.

Ele se vira e corre, tirando pessoas do caminho, tropeçando na multidão. Com todo o seu um metro e oitenta e tantos. Ficou bem claro que ele não serve para a vida do crime. Dylan também não, porque olha para a Daisy e também sai correndo. Raff e seus colegas também correm. Jazz e Daisy vão atrás deles.

Eu não corro. Lucy também não se move. Fica em pé na minha frente. Toda boca, toda olhos.

— Acho que estamos quites agora — diz ela.

— Eu não fiz isso pra te dar o troco. — Porra, não foi por isso. — Talvez no começo. Antes da festa, não sei. Mas, depois... — O que eu estou falando não faz muito sentido, mas continuo, porque os olhos da Lucy estão fixos em mim.

Agora ela sabe que eu sou ele, que estou desempregado. Que estou planejando assaltar a escola mais tarde. Ela sabe de tudo, mas não sabe por quê.

— Na sua cabeça, o Sombra era o cara, e eu não sou nada. — Seus olhos continuam fixos em mim.

Sinto por dentro todos aqueles anos em que corri mas nunca alcancei ninguém. Estou de volta à avenida, como o cara da pintura, de volta à beira da calçada, com o concreto em redor, sem ter como fazer as pessoas ouvirem ou entenderem, porque elas teriam que estar dentro da minha cabeça para isso.

Lucy para de me olhar. Fica ali estática, cega e muda, e eu penso no trabalho de arte, no palhaço punheteiro e naquele professor infeliz, o Fennel, nos pássaros dos meus muros, chocando-se contra os tijolos.

Penso no fantasma no jarro. Penso na esperança que o Bert me deu, a esperança que morreu com ele, deitado, o rosto virado para cima, no corredor três, as mãos em garra como um pássaro, o semblante velho e abatido e o velho coração imóvel. Penso no Leo e nos sonhos que ele tem tanto medo de sonhar. E penso em como quero que a Lucy me diga alguma coisa que mude o que penso sobre mim. Quero pintar um muro agora, quero pôr essas palavras na sua boca, mas não sei que palavras poderiam ser.

Leo para a van na área dos táxis e grita:

— Se você vem, entra. Tá na hora. Já passou *muito* da hora.

— Você não vai falar nada? — pergunto a Lucy, mas ela é um muro em branco. O Leo está buzinando e gritando, mas não posso ir embora até que ela diga alguma coisa. — Isso importa?

Ela abre a boca e o Leo buzina e, se ela disser o que quero que ela diga, eu não vou entrar na van.

— Importa — responde ela.

E todos os pássaros daquele muro caem do céu. Eu os vejo caindo de barriga para cima. Uma tempestade deles cobre o chão. Mais tarde, vou pintar o céu vazio e os pássaros caídos. Vou pintar, e saber que pior que estar preso num jarro é não estar em lugar nenhum.



— 4 ombra — digo, e seu rosto me diz que é mesmo ele. Olho para ele, e a noite toda se encaixa. A tinta nas suas mãos, nas suas roupas, nas suas botas. Ele sabia onde achar os muros. Os olhares entre ele, o Leo e o Dylan. Eu dizendo que transaria com o Sombra e ele rindo. Eu dizendo que transaria com o Sombra e ele rindo. Essa última parte fica repetindo sem parar.

— Tudo que eu te contei sobre o Sombra. Você deve ter achado muito engraçado. — Ele diz que não achou, mas eu me lembro dele rindo de mim, de todas as minhas ideias sobre amor e romantismo.

Ele continua me olhando, e tento vê-lo como o Sombra, o cara que pinta à noite. Eu o vejo, sozinho no escuro, com todas as coisas que passam pela sua cabeça aparecendo em redor: pássaros pintados e portas trancadas, corredores e ondas gigantes. Um fantasma preso num jarro.

Jazz também está encaixando tudo. Ela esteve conversando com o Poeta a noite toda. Seu cara de verdade era de mentira. Meu cara de mentira era real.

Eu sabia que o Dylan estava escondendo alguma coisa desde o início, mas, na verdade, eu não queria saber. Queria achar o Sombra. Queria flores penduradas no teto. Queria *transar* com o Sombra. Ai, meu Deus, quando eu tiver tempo, preciso pôr isso numa garrafa de memória e quebrá-la com o maior martelo que eu encontrar.

Jazz grita com o Leo e, pelo jeito como olha para ele, sei que ele não é como Jacob ou os

outros caras com quem ela saiu. Ele é o cavalo que desabou sobre ela. Leo nem mesmo fica para se explicar. Ele *corre*. Dylan também corre. Ele esquece o aniversário da Daisy, atira ovos nela e mente para ter do que rir. Jazz e Daisy correm atrás deles.

— Acho que estamos quites agora — digo ao Ed quando ficamos sozinhos. As palavras tropeçam para fora de sua boca, mas não fazem sentido, e não sei se é ele ou se sou eu que não estou ouvindo direito, porque todas as conversas que tivemos nas últimas cinco horas estão ecoando na minha cabeça.

Olho para ele tentando enxergar quem ele é, não todos os cacos dessa noite. Mas não consigo. O Sombra, o Ed, assaltando a escola, com a Beth, sem a Beth, com emprego, sem emprego. Não sei qual é a verdade dele.

— Eu mal consigo ler — diz ele, e então eu sei a verdade. Então, tudo se encaixa e eu o vejo. Seu rosto fica meio torto por um segundo, como se ele quisesse se manter inteiro, se manter com a forma que mostra ao mundo, mas não consegue mais, tudo nele está escapando. Desvio o olhar, porque é mais fácil olhar para as luzes do que para ele.

Leo para a van na área dos táxis.

— Se você vem, entra. Tá na hora. Já passou *muito* da hora.

— Você não vai falar nada? — pergunta Ed. — Isso importa?

Ouço em sua voz tudo o que ele já pintou. Ouço aquela pessoa na praia, insegura, olhando as ondas. Ouço corações embalados por terremotos e mares de decepção. Vejo as portas nos corredores da sua cabeça. Obrigo-me a olhar para ele porque ele precisa ser olhado. Ele precisa ser enxergado. Odeio que ele tenha estado à própria sorte por tanto tempo, grafitando luas e pássaros emparedados, e mantendo em segredo quem ele realmente é.

— Importa — respondo.

Seu rosto se parte como aquela gota de Rupert, e ele entra na van com o Leo, ele vai embora.

— Eu não terminei — grito atrás da van. — Com você! Quis dizer que me importo *com você!* — Não me importa que você não saiba ler. Não me importa que você não tenha emprego. Para mim, importa só que você minta e assalte a escola.

A van cor-de-rosa desaparece rua abaixo, como um pôr do sol ao contrário. Vejo-os ir embora e penso em todas as vezes que o Al tentou me explicar as tensões que mantêm o vidro coeso ou o desintegram. Penso em quando ele me mostrou a gota de Rupert. Achei que tinha entendido, mas não tinha. Todos esses segredos que o Ed guardou a noite toda. A vida toda. Guardá-los o mantinha inteiro. Mas eu o atingi no lugar exato dessa vez. Uma batida, e ele se desintegrou.



Sento num banco do lado de fora do cassino, balançando as pernas para a frente e para trás, esperando a Jazz e a Daisy. As luzes da ponte piscam mensagens. Vá para a escola. Alcance o Ed. Diga a ele o que realmente importa e o impeça de assaltar a escola. Diga que ele é bom demais para isso. Inteligente demais. Talentoso demais. Leve-o de volta ao estúdio do Al, mostre como o vidro se transforma em algo diferente quando a gente o aquece da forma correta. Quando a gente o esfria da forma correta. Que nem tudo acaba como o nada cortante de uma

gota de Rupert.

Enquanto espero, fica cada vez mais forte o meu impulso de ir atrás do Ed. Queria estar com a minha bicicleta. Eu iria direto para lá, mas ela está na parte de trás da van. Não consigo parar de pensar em como eu fiquei naquele trailer, olhando todos aqueles pássaros com as asas dobradas para trás, bicando os cadeados. Em como o Ed me olhava e esperava. Em como eu disse que o lugar me fazia sentir triste e insegura. Como eu queria sair de lá.

Onde estão vocês, Jazz e Daisy? Por favor, por favor, por favor, tenho que chegar a tempo. Antes que o Ed seja preso, que eu possa lhe dizer que não me importa que ele não tenha emprego. Dizer que ainda o acho inteligente e engraçado. Dizer que algumas das minhas peças de vidro mais bonitas têm fissuras, e que eu gosto delas assim mesmo, por causa das cores.

Vamos lá, Jazz e Daisy. Temos que chegar a tempo. Por favor, por favor, por favor, tenho que chegar a tempo.

Finalmente, depois de muitos “por favor”, elas aparecem na esquina.

— Perdemos os garotos — avisa Daisy. — Provavelmente foram para o Feast, que fica aberto a noite toda. Qual é o tamanho da sua vontade de se vingar?

— Estou mais a fim é de um hambúrguer com batata frita — responde Jazz. — Acho que não estou tão a fim assim de me vingar.

— Eles não foram pro café. Foram assaltar a escola. O Ed me contou.

— Como eu posso não ter visto nada disso? — questiona Jazz. — Vou ter que abandonar meu emprego de vidente no barzinho. Não posso continuar tirando dinheiro das pessoas.

— Algumas coisas são difíceis de prever — reflito.

— Tudo é difícil de prever quando a gente fecha os olhos. Desculpa ter metido você nisso, Lucinha. Achei que a minha noite de ação seria menos cheia de, você sabe, ação.

— Quero ir pra escola. — Olho para o único táxi restante. — Vocês têm dinheiro? Eu só tenho quinze dólares.

— Sei não, Lucinha. Se pegarem a gente no terreno da escola com eles...

— É adeus, faculdade, e olá, prisão — diz Daisy. — O Dylan nem precisa de dinheiro. Os pais dele pagam tudo. — Ela pensa um pouco.

— Menos as nossas férias. — Ela sorri. — Ele não quer que eu namore um surfista.

— Lucinha — começa Jazz —, não quero escrever no meu diário amanhã: “Passei a noite fora. Fui presa.” Quero voltar pra casa e ver se os meus pais já chegaram de viagem, e ver TV com eles. Claro, estou triste por causa do Leo, mas vou dobrar a quantidade de barras de chocolate e sorvete, e vou lidar com isso como uma pessoa normal.

— Não quero que o Ed seja preso. — A qualquer minuto, o táxi vai embora, e, se a gente tiver que esperar outro, talvez não chegue a tempo. — Vocês não têm que vir comigo. — Por favor, venham comigo.

— Por que não tento ligar pro Leo? — pergunta Jazz.

— Vou tentar o Dylan — avisa Daisy.

Fico olhando enquanto elas ligam. Por favor, por favor, por favor.

— O Leo deve ter desligado o celular, ou não quer atender.

— Idem — completa Daisy.

Vou rápido até o táxi para não mudar de ideia. Tento não pensar na cara da sra. J. se eu for presa por suspeita de assaltar a escola.

Daisy senta no banco da frente e explica ao taxista para onde nós vamos, eu e a Jazz nos sentamos atrás. Eu a abraço por ter vindo comigo.

— Obrigada — agradece ela. — Mas vou precisar mais de abraços quando estiverem tirando as minhas digitais. Uma coisa é certa. Meu monólogo será fantástico.



— Alguém mais está quase fazendo xixi nas calças? — pergunta Jazz, olhando a escola, que parece assombrada no escuro. Daisy e eu levantamos as mãos. — Bem, esse não é o fim romântico que eu esperava pra nossa noite. Queria que fosse mais light. Que horas são?

— Duas e quarenta e cinco — responde Daisy. — Não clareia antes das cinco, pelo menos. Deve ser por isso que eles vão assaltar a escola agora.

— Como são burros — sussurra Jazz. — Por que eu gosto de um cara tão burro?

— Eu me pergunto isso todos os dias — diz Daisy. — Na verdade, sabe, o Dylan não é burro. Ele teve notas mais altas que eu em todas as provas práticas. Ele só age feito burro.

— O Leo também é inteligente. Ele recitou poemas dele pra mim hoje. Sabiam que tem um jornal que aceitou publicar os trabalhos dele?

— Duvido — diz Daisy. — Ele é o Poeta.

— O Ed é inteligente — digo.

— O Ed é superinteligente — concorda Daisy. — Quando ele saiu da escola, todo mundo comentou. A gente acha que ele e o Leo fizeram alguma coisa de errado e por isso ele não voltou.

— Certo — resume Jazz, ajeitando o vestido. — A gente tem que salvar os meninos. Então, lembrem-se: vamos ficar juntas e correr se a polícia chegar.

Não sou vidente, mas isso ninguém precisa me dizer.



O CASSINO

2:15

Perdendo minha garota

Correndo da minha garota

Passo pelas luzes do cassino

Passo pela fila do caixa eletrônico

Passo pelo meu reflexo no vidro

Pareço assustado

Passo por um aviso que diz Contramão Volte

Passo por explosões cortando o céu

Passo de volta pelas luzes

Passo de volta pela fila do caixa eletrônico

Passo de volta pelo meu reflexo no vidro

Ainda pareço assustado

Passo de volta pelo aviso que diz Contramão Volte

Passo por explosões cortando o céu

Até perder minha garota



ntro na van e o Leo parte, fazendo da Lucy não mais que um ponto. Um ponto com quem eu nunca tive chance.

E — Desliga o celular, Dylan. — Leo joga o celular dele em cima do Dylan. — Desliga o meu também. A gente não pode cometer nenhum erro idiota.

— Então, ainda vamos pra lá? — Tenho vontade de pular da van do amor livre no meio do tráfego.

— Você quer que eu te bote pra fora? — pergunta Leo. Ele não está bravo comigo. É só uma pergunta. Uma palavra minha e ele vai parar. Fora do para-brisa, o mundo não passa de um brilho confuso e trêmulo, passando por nós.

— Você também não quer fazer. Você acha isso uma burrice. E é.

— Eu sei que é burrice. Mas também é deixar o Malcolm Pombo ir lá em casa fazer alguma maldade com a minha avó. E depois com você e comigo.

— Mais cedo ou mais tarde, a gente vai ter que parar — digo. — E enfrentar as burrices que a gente fez sem fazer outras pra consertar.

A van vai mais devagar agora. Acho que o Leo realmente me ouviu.

— A van morreu! — exclama Leo, metendo o pé no acelerador enquanto carros buzina em volta.

— Sai do cruzamento — alguém grita do carro que vem atrás.

— Não posso fazer nada, imbecil — grita Leo de volta.

— Deve ser a junta — explica Dylan.

— Eu não estourei a junta.

— Talvez o câmbio — sugere Dylan.

— Não é o câmbio.

— Óleo?

— Não.

— Leo, aquele dinheiro que o Jake te deu pra gasolina. Você encheu o tanque antes de me emprestar, não foi? — ele fica calado e eu não consigo deixar de rir. — Mente criminosa em ação. Você esqueceu de botar gasolina na van de fuga.

— Dylan, vem cá e segura o volante pra mim. Eu e o Ed vamos empurrar.

Saio e me encosto à traseira da van.

— Sorte que a gente é discreto — ironizo. — Essa noite, a gente não pode fazer nada que chame a atenção.

— Cala a boca e empurra.

— Sabe, quando divulgarem o assalto no telejornal, metade da cidade vai lembrar da gente.

— Dá pra empurrar? — pede ele.

— Estou empurrando. Não vamos a lugar nenhum.

— Vamos, sim. Está demorando um pouco porque essa coisa pesa uma tonelada, só isso. Carros passam por nós e pessoas nos zoam.

— Você ainda tem bons pressentimentos sobre hoje à noite? — pergunto, quando nos viramos para tentar empurrar a van com as costas. Mais carros passam e mais pessoas gritam. — O pessoal deve estar pensando, são uns fodidos mesmo — comento.

— Bem, a gente não é. Dá pra acreditar que ninguém se ofereceu pra nos ajudar?

— Mais de trinta graus, e essa cidade pegando fogo. Você ajudaria dois caras a empurrar uma van cor-de-rosa?

— Sim — responde Leo. — Eu ajudaria.

— Sim, você ajudaria — concordo. — Você é um cara legal, Leo.

— Hora estranha pra você me dizer isso, mas, que seja. Joga pra rotatória ali.

Damos um jeito de levar a van pelo meio dos carros até a rotatória, e nos recostamos na traseira para recuperar o fôlego.

— Eu estraguei tudo com a Lucy mesmo.

— Bem-vindo ao clube. Eu também estraguei tudo com a Jazz. Adeus pirulitos. Eu ia pedir desculpas, estava me preparando, mas as minhas pernas dispararam. — Ele faz um movimento rápido com as mãos no ar. — Bem assim.

— Você não namorou ninguém depois da Emma. Talvez tenha entrado em pânico.

— Eu esbarrei numa velhinha e espalhei todas as moedas dela. Na certa eu entrei em pânico.

— Todo mundo já entrou em pânico. — Penso em quando terminei com a Beth. Em quando menti para a Lucy. No meu pai fugindo da minha mãe. O que conta é o que você faz depois. — Pede desculpas à Jazz. Explica que sua última namorada quase te faz ir pra prisão.

— Acho que não é a melhor maneira de limpar a minha barra com ela a essa altura. — Olho o Leo ir escorregando até o chão e recostar a cabeça no para-choque da van. — Menti pra você e pra Jazz — revela. — Não cortei grama nos dez últimos sábados. Precisei dos quinhentos dólares

pra me matricular num curso de poesia. Minha avó queria que eu fizesse um curso nos sábados de manhã.

— Não digo nada, porque não sei o que dizer. Aquilo me surpreende e não surpreende.

— Eu estava escrevendo poesia. Estou devendo ao Malcolm porque quero escrever poesia. Você foi agredido no parque por causa de poesia. — Quando o Leo começa a falar *poesia*, não consegue parar.

— Em geral, eu faço versos livres. Mas fiz um haicai na semana passada. “Tô com problemas / Eu devo muita grana / O Pombo vai me matar.”

Não consigo parar de rir do haicai do Leo sobre o cara que quer nos matar. Dylan sai da van e pergunta o que é tão engraçado, e eu lhe conto da poesia japonesa que o Leo fez sobre o Malcolm nos metendo a porrada.

— O professor disse que os meus poemas são objetivos. A maioria das mulheres no meu curso tem a idade da minha avó. Gosto delas. — Ele olha para mim. — Para de rir.

— Por que você não me contou? — pergunto, mas eu sei por quê.

— Você não queria que eu me sentisse burro porque você sabe ler e eu não.

— Você se preocupa demais com isso — diz ele. — Você sabe ler, só demora mais. Eu ouvi o que a Lucy te falou. Sobre o curso na Monash.

— Não vou fazer.

— Sei que você não vai fazer. Se o Bert não tivesse morrido, você ia ficar lá com ele, emburrecendo, só porque era seguro.

— Eu gostava de trabalhar com o Bert.

— Você gostava era do Bert.

Eu podia ficar irritado, só que eu sei que o Leo tem razão, e ele também sabe, então não tem por quê. Pego o caderno de esboços e folheio por algum tempo. Bert sorri e acena, como se concordasse com o Leo.

— Ele era um cara bom.

— Ele era ótimo — diz Leo. — E teria dito pra você se inscrever no curso.

Ficamos olhando o vaivém do trânsito por um tempo. Pensamentos sobre a Lucy vêm e vão. Pensamentos sobre o curso do Leo também.

— Então, por que você não me contou sobre a poesia? — pergunto.

— Porque eu estava escrevendo haicais nos sábados de manhã com umas velhinhas — responde ele. — É diferente de escrever num vagão de trem. Eu me sentia meio babaca.

— Mas você não é.

Ele dá de ombros.

— Não me importo mais. Gosto de poesia. Quem não gostar que se foda.

— E você é grande o suficiente pra fazer com que se fodam.

— Exatamente — diz.

Olhamos mais um pouco o tráfego, e escutamos pessoas gritarem mais algumas coisas interessantes para nós, e então o Leo diz:

— O Bert teria dito pra você ir ver a Beth.

— Eu contei tudo pra Lucy hoje. Grafiteiro desempregado que largou a escola antes de terminar o primeiro ano. Ela estava louca para eu entrar na van. Com a Beth, não seria diferente.

Leo demora um pouco para responder.

— Ela sabe que você perdeu o emprego. E também sabe que você é o Sombra. Eu contei hoje. Ela está pouco se fodendo por isso.

Penso no assunto. E penso na Beth em pé na minha frente, com a caixa das minhas coisas, esperando que eu dissesse algo. Ela espera há meses. Penso nela esperando de noite junto da árvore, em como ela vai se sentir se eu não aparecer. Um táxi vem freando e para na nossa frente.

— Precisam de uma carona? — pergunta o motorista.

— A gente ainda consegue chegar na escola — diz Leo.

— Não vou fazer o serviço — aviso a ele.

Leo manda o táxi embora.

— Você é inteligente — diz ele. — Sabe, a Emma terminou comigo porque eu rapelei pra fora da janela da sala de aula, e ela disse que estava tudo acabado se eu não parasse de agir como um idiota. Eu respondi que ia parar de agir como um idiota quando eu bem entendesse. A Emma terminou porque eu achei melhor ser um idiota do que ficar com ela. — Ele balança a cabeça. — Então, para ter ela de volta, eu pichei a lateral da casa dela.

— Pra ser exato, eu pichei. Você ficou com a direção artística.

Ele ri.

— O curso me fez pensar um bocado, sabe? Que a gente é esperto o bastante pra cair fora daqui. Mas burro demais pra descobrir como.

— Então, esse curso valeu mesmo os quinhentos dólares.

Ele ri de novo.

— Roubar a escola não foi uma das minhas melhores ideias.

— Você também não vai?

— Amanhã, a gente preenche ficha no McDonald's. Abro o jogo com o Jake e peço uma ajuda nesse meio tempo.

— Vou dar boas referências de vocês — brinca Dylan. — Mas agora a gente tem que pôr gasolina e levar essa coisa de volta pro Dave Maluco. Ele vai fazer a gente comer barata se não fizer isso.

Nenhum de nós se mexe.

— Não dá pra acreditar que você tacou ovo na Daisy no aniversário dela — digo. — Vocês dois namoram desde a nona. Você conhece a garota desde o primário. Como é que não se lembra do aniversário dela?

— Tento não dar muita bola pra Daisy. Acho que, se eu der, ela vai acabar decidindo que não quer mais sair comigo.

— Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi — diz Leo, e fico ouvindo quando ele conta pro Dylan seus segredos com as mulheres.

— Nunca jogue nada em cima delas, mesmo que seja tradição de último dia de aula. De vez em quando, conte pra ela alguma coisa que você estava pensando, mesmo que seja sobre a chuva. Escreva umas poesias. E pare de agir como um idiota.

— Eu não sei escrever poesia.

— Vou te dar uma das minhas — avisa Leo.

Ali, encostado na van rosa e enguçada do amor livre, ouvindo poesia, sinto que tenho sorte. Leo e Dylan são meus amigos. E o Bert também foi. Não tive um pai, mas tenho uma mãe muito

bacana. Tento não pensar que não tenho a Lucy. Pelo menos, a Beth não me odeia. Já é alguma coisa.

— Melhor eu ligar pro Jake e contar que estamos na pior. Ver se ele pode trazer uma gasolina. — Leo liga o telefone. — Merda. — Ele checa as mensagens. — Ele me mandou mais de cinquenta torpedos. *Sai fora da escola. Não faça o serviço. Malcolm está fazendo. Passei o código do alarme pra ele. Está aí, idiota?* Acho que a minha caixa está cheia — diz Leo, e digita o número do Jake.

— Sou eu. — Leo ouve e fica tenso. — Desculpe, Jay. Vou resolver isso pra você. Sério? Não, não passa pra ela. Não. Vó, tudo bem? — Ele fica mais tenso ainda. — Eu tinha que dar um jeito de pagar as aulas de poesia. Você não tem dinheiro. Você vive da sua pensão. Certo, eu devia ter pedido. Não, não estou indo pra casa agora. Eu vou quando der. Tudo bem. Eu vou quando você disser que dá. Quando é isso? Tudo bem, justo. Também te amo, vó. Dá pra pedir pro Jake trazer gasolina aqui na esquina da Flinders com a Swanson? Ele vai me ver. Não dá pra não me ver.

— Boas notícias? — pergunto, depois dele desligar.

— Nem boas nem ruins. Mas os seus mamilos estão a salvo. Acontece que o Malcolm fez uma visita pra minha avó. Ela o pegou rondando a casa com a gangue e acertou o nariz dele com a bengala. A gritaria acordou o Jake e uns amigos dele. Malcolm contou pra eles que eu estava devendo quinhentos dólares e o Jake contou pro Malcolm sobre o serviço como prova de que eu ia pagar mais tarde.

— As boas notícias estão chegando? — pergunto.

— O Jake levou a minha avó até o caixa eletrônico e ela pagou os quinhentos dólares ao Malcolm. O Jake deu ao Malcolm o código do alarme quando ela não estava ouvindo pra ter certeza de que as coisas estavam realmente quites entre a gente. Minha dívida está totalmente paga. Sorte termos ficado sem gasolina, hein?

— Ainda estou sem o dinheiro do aluguel.

— É, mas você tem um futuro brilhante no McDonald's. E nem queria fazer o serviço mesmo.

— Não, de fato não queria — digo, e sinto de novo que eu tenho sorte.

— Por que você não pediu logo o dinheiro pra sua avó? — pergunta Dylan.

— Porque eu não sabia que a minha avó tinha quinhentos dólares na poupança. E, mesmo que eu soubesse, não ia querer o dinheiro dela.

— Você vai devolver o dinheiro pra ela — digo.

Ele faz que sim.

— Depois que o Jake trouxe a gasolina, a gente pode dar uma chegada no Feast e comer alguma coisa antes de devolver a van.

A gente fica esperando. Conversa um bocado. Grita para os carros que passam enquanto o Jake não chega. Não vou para o Feast. No caminho, o Leo me deixa na Beth.

— Chegou cedo — diz ele.

— Se precisar, eu espero.

Pulo a cerca e vou até a árvore. Beth já está lá. O sol ainda não nasceu, mas está quase. O mundo é todo silêncio. Eu me encosto à árvore e os passarinhos saem voando.

— Quero te contar umas coisas — digo. — Sei que o Leo já te contou, mas quero que você ouça da minha boca. — De qualquer outra forma, seria a maneira fácil, e eu estou cansado disso. — Eu nunca li o livro sobre o Vermeer. Sei tudo sobre ele, porque fui a exposições e vi

documentários, mas nunca li sobre ele. Deixei a escola porque ela ficou puxada. Não tenho emprego. Não tenho dinheiro. Sou o Sombra. E sinto muito ter terminado com você como eu terminei.

Ela se aproxima e murmura que ela sabe, que sentiu a minha falta e não se importa se eu tenho dinheiro ou não. Ela percorre o azul das minhas mãos, os pedaços de céu que restaram nelas.



u, a Daisy e a Jazz esperamos atrás das moitas, bem perto do departamento de artes.

— Que horas são?

R — Quatro — responde Daisy, de olhos fechados. — Um minuto depois da última vez que você me perguntou.

— A gente já está esperando aqui há mais de uma hora. Eles não vêm. — Jazz se levanta e estica as pernas.

Olho para além dela e vejo uns vultos saírem de uma van, atravessarem a grama e se meterem por uma janela.

— Estão aqui.

A gente começa a andar em silêncio, e eu sinto uma pontada que na certa vem de pensar no Ed, não numa atividade ilegal. Paramos diante da janela aberta, e a Jazz mete a cabeça lá para dentro e sussurra:

— Vem aqui, Leo. — Ele não responde. — *Leo* — chama, um pouco mais alto. Ele continua sem responder. — Eles devem estar desligando coisas na sala dos computadores. Não quero entrar no prédio se não for preciso. Vou ligar pra ele de novo.

Olhando a Jazz digitando.

— Leo — sussurra ela. — Atendeu? — Ela afasta o telefone da orelha e a gente chega mais perto para escutar.

— Sim, atendi. Desculpa eu ter corrido. E ter mentido também.

— A gente fala sobre isso depois. Agora saia do departamento de artes antes que a polícia chegue.

— Eu não estou lá — avisa ele. — Estou na lanchonete, comendo um hambúrguer.

— Se você está aí, então quem está aqui? — pergunta ela.

— Jazz — diz Leo —, saia já daí. A gente está indo te buscar, mas você tem que sair correndo daí, agora.

— Oi, Lucy — cumprimenta Malcolm, apoiando os braços na janela e nos olhando através dela.

— Corre! — grito.

Atravessamos o pátio da escola, pegando o atalho em torno dos banheiros das meninas. Corro o mais rápido que posso, tudo por causa do que passei na mão do Malcolm e, a julgar pela cara dele, não duvido que esteja querendo me matar.

— Eles estão atrás da gente? — grita Jazz, e eu respondo que não sei, não vou perder tempo olhando.

— Vamos, vamos! — grita Daisy e passa a minha frente. — Acho que eles estão atrás da gente. — Ela continua correndo e olha para trás. Não dá tempo de avisar. Ela colide com o segurança e cai. — Tá tudo bem — diz ela, sacudindo a cabeça. — Por essa eu não esperava.

O segurança olha para a gente, a gente olha para ele, e o meu futuro fica incerto. Então, a Jazz diz:

— Graças a Deus achamos o senhor. A gente estava cortando caminho pelo pátio da escola e vimos uma luz no departamento de artes. A gente achou que alguém pode estar roubando a escola.

Um desempenho digno do Globo de Ouro. O segurança cai na dela.

— Fiquem aqui. Talvez vocês tenham que dar um depoimento.

Quando ele some de vista, a gente volta a correr. Já vi o bastante do Malcolm Pombo na minha vida. Não paramos de correr até estarmos a algumas ruas da escola.

— Pelo menos eles decidiram não fazer o trabalho — conclui Jazz, com a voz ainda afetada pela corrida. — As coisas podiam ter sido muito piores hoje à noite.

— Você teve ação e aventura, como queria. — Daisy se apoia numa cerca. — E mais até.

— Um pouco mais de romance não caía mal. — Quando a Jazz diz isso, uma mancha cor-de-rosa aparece no fim da rua, atravessando a noite como um amanhecer acelerado. São eles, penso. É o Ed.

É o Ed, e eu finalmente vou ter a chance de esclarecer as coisas. De falar para ele que ele é inteligente e, se é fraco na leitura, tem alguma razão para isso. E, se não tiver, eu continuo não me importando. Vou dizer que esta foi a melhor noite que eu já vivi, rindo e conversando por meio de nossas mãos. Vou dizer que quero sair com ele hoje e amanhã e no dia seguinte. E que, um dia desses, quero levá-lo ao estúdio do Al e mostrar todas as coisas que eu fiz. Mostrar como o vidro funciona, como dá para aquecer e modificá-lo. Como dá pra colocar cor nele. Mostrar ao Ed que, depois que a gente acaba e o vidro esfria, ele vira aquela coisa bonita que a gente fez.

— Ei. Está sentindo? — pergunta Jazz. — O tempo mudou.

Estendo os braços e deixo o frescor se espalhar na minha pele. O relâmpago não veio. Só a brisa. Eu me sinto como aquela escultura com asas, a Vitória de Samotrácia, que a sra. J.

mostrou. De mármore, no Museu do Louvre, em Paris. Uma estátua da Vitória, a deusa alada.

Ela perdeu a cabeça, mas ainda parece triunfante. Meio anjo, meio mulher, asas bem-abertas. Eu me viro para a Jazz.

— Vou beijar o Ed — digo, e ela sorri.

A van para. Leo e Dylan saltam da parte da frente. Leo vai até a Jazz e sorri, e nesse sorriso eu vejo o que não vi no começo. Ele gosta de verdade dela. Séria, ela aponta o dedo para ele.

— Eu não namoro caras com ficha criminal.

Vejo quando ele pega uma das tranças dela e começa a, lentamente, enrolar.

— Não vou pra cadeia — diz ele. — Estou pensando em crescer.

Abro a parte de trás da van e despenco da nuvem.

— Não tem nada aqui.

— Porque a gente decidiu não roubar a escola — explica Leo, ainda enrolando a trança da Jazz.

— Mas cadê o Ed?

Leo para de enrolar a trança e olha para mim. Sem que ele diga nada, eu sei que o Ed está com a Beth.

— Bom pra ele. — Eu me sento no meio-fio. — Bom pra ele. — Eu me deito na calçada. —

Bom pra ele.

Jazz se deita perto de mim.

— Estou olhando as estrelas — digo.

— Você está tentando se sentir pequena pros seus problemas parecerem sem importância?

— Não. Estou olhando pra elas só porque não estão cobertas de poluição. Não quero nada delas, só que fiquem bem visíveis.

— Você está pirando.

— Não. Estou chateada. Mas pelo menos fiquei sabendo a verdade sobre o Sombra.

— Sinto muito ter te metido nisso tudo — diz Jazz. — Sou uma amiga muito controladora.

— Você tinha razão. O real é melhor. A verdade é melhor. Ela faz você se sentir meio idiota, mas é melhor. — Eu me espreguiço. — Caçar o Sombra era uma maluquice.

— Eu gosto que você seja estranha. Você é a única das minhas amigas que tem certeza de que eu vou ganhar um Oscar.

— E um Globo de Ouro — digo. Sopro uma pequena estátua no ar acima de nós.

— Ela está bem? — pergunta Leo.

— Está — responde Jazz. — Senta aqui com a gente. Estamos olhando as estrelas. — Deitamos lado a lado e ficamos escutando a conversa do Dylan e da Daisy ao fundo.

— Desculpa eu ter jogado ovo em você bem no dia do seu aniversário — pede ele.

— Vê se escreve a data em algum lugar pra não se esquecer no ano que vem.

— Pode deixar. Que dia foi ontem?

— Dezenove de outubro — gritamos todos ao mesmo tempo.

— Então isso quer dizer que a gente ainda vai estar junto no ano que vem? — pergunta ele.

— Quer dizer que você pode ter esperanças — responde Daisy.

— Mas não pode mentir pra mim de novo.

— Se eu não posso mentir, você não pode me chamar de idiota — pede ele.

— É justo.

Ele tira um papel do bolso e começa a ler:

— Se o meu amor por você fosse uma torcida, você ficaria surda com os gritos. E se o meu amor por você fosse um lutador de boxe, teria um cara morto no ringue. E se o meu amor por você fosse açúcar, você perderia dentes antes dos vinte. E se o meu amor por você fosse grana, você estaria gastando rios de dinheiro.

— Você não escreveu isso, escreveu? — pergunta Daisy.

— As ideias são minhas. O Leo fez os versos.

— Ficou bom — diz ela, e guarda o papel no bolso.

Eu me levanto depois de um tempo e tiro a minha bicicleta da parte de trás da van. Está bem detonada, mas ainda em condições de andar. Desamarro o capacete e o coloco. Vou descendo as ruas devagar, um vento fresco na minha pele. A escuridão de vidro daqui a pouco vai embora, e o dia vai raiar. Os pássaros estão doidinhos. Por enquanto, o mundo é deles. E meu. Pedalo de um lado ao outro da rua. Não estou pensando nessa noite como aquela em que fui trocada pela Beth. Ou em que quase beijei o Sombra. Estou pensando nela como uma aventura. O começo de algo real.



5:30

Aqui

Ela diz que vai me perdoar
Diz que é só dessa vez
Diz vai em frente e me beija
Diz enrola o meu cabelo
Diz era isso mesmo que eu estava procurando
Diz que está feliz porque o frio chegou
Eu digo que quero vê-la amanhã
Ela aponta o dedo pro céu
E diz que é aqui



eth para de sussurrar no meu ouvido, ela sabe que algo mudou. Sabe que eu vim aqui pedir desculpas e dizer que tudo está mesmo acabado entre a gente.

A Sentamos na grama debaixo da nossa árvore, a manhã faz uns sons novos, que não soam bem. Se eu pintasse um muro com nós dois, estaríamos de mãos dadas numa noite sem estrelas, ou usando camisetas que, juntas, formariam the end.

— Lucy? — pergunta ela.

— Não. Ela não gosta de mim. Não estamos juntos — respondo.

— Mas você quer ficar com ela. Contou pra ela que você é o Sombra?

— Acabei contando.

— Uma noite e você contou tudo pra ela. Eu devia ter quebrado o seu nariz no primeiro encontro.

Estraguei tudo. Fiz a Beth esperar dois anos para ouvir a verdade. Eu a amava, dormia com ela e terminei sem explicar por quê. E mesmo o Bert tendo me dito que eu não sou parecido com o meu pai, eu era antes de hoje à noite.

Pergunto se ela podia me emprestar a bicicleta do irmão dela, e se viria comigo uma última vez. E ela não manda eu me foder. Entra para deixar um bilhete para os pais e depois me encontra na frente da casa, perto da porta da garagem.

Levamos as bicicletas para a rua, ela me entrega o capacete do irmão e coloca o seu, cor-de-

rosa.

— Outra garota ia me fazer usar esse aí só de sacanagem. — Aponto para o capacete dela.

— Mas eu sou uma garota muito legal. — E ela parte na minha frente pela rua.

Legal pra caralho, o Bert diria quando a ultrapasso e pedalo em direção à rua Hoover. Rio pensando na cara dele ao falar isso.

A gente para em frente ao muro que eu quero mostrar para ela. Eu com grama crescendo no coração, ela com um cortador de grama. Ela se afasta para olhar o muro à distância e depois se aproxima de novo de onde eu estou.

— Pensei que você ia acabar ficando com um daqueles caras da sua escola — digo. — Então, fui embora antes que isso acontecesse.

— Idiota — diz ela, mas eu não me sinto ofendido. Eu *fui* um idiota. — Passei por esse muro um milhão de vezes. Dá pra acreditar que nem por um momento eu pensei que fosse a gente? Achava bacana o cabelo da garota.

— O que mais você achava?

— Achava incrível — diz ela, bota o pé no pedal e parte.

Eu a acompanho até em casa para ter certeza de que ela vai chegar em segurança. Ela diz que vai para a faculdade.

— Quero me formar em literatura. Quero estudar aqui e no exterior. Quero sair, conhecer gente interessante e escrever um livro. — Ela respira fundo e segue em frente.

Este é um muro que vou pintar um dia. Eu e ela. Assim. THE END ainda está escrito nas nossas camisetas. Mas agora estamos percorrendo um céu alaranjado e doce, em direção às diferentes coisas que queremos.



Beth me dá duas cervejas antes de eu ir embora da sua casa, e me empresta a bicicleta para eu ir até as docas ver o Bert.

Quando chego lá, abro as cervejas e nós conversamos sobre a noite que passou e os lugares para onde talvez eu vá. Você tem mais um lugar pra ir, diz ele, e eu sei que tenho. Lucy talvez não queira ficar comigo, mas eu teinho coisas a acertar com ela. Tentar, quem sabe. Quem não arrisca não petisca.

Dou uma parada em casa no caminho para pegar umas tintas. Minha mãe está sentada à mesa, rabiscando seus tristes números. Eu dou um beijo no rosto dela.

— Como foi com a Maria?

— Um monte de baboseira — responde ela, sorrindo. — Onde você esteve?

— Na cidade. Comemorando a última noite do ensino médio do Leo. — Pego um pedaço da torrada dela. — Você sabia que ele estava estudando poesia?

— Não. Mas não estou surpresa. Meus garotos são talentosos. — Ela despenteia os meus cabelos.

— E então, como estão as contas?

Ela olha o caderno e corre a caneta pelas colunas.

— Dá pra pagar o aluguel. Esse mês, o lobo não vai soprar.

Preparo para ela uma xícara de chá e me sento na sua frente.

— Vou preencher ficha no McDonald's amanhã. O Leo também. E acho que vou tentar uma vaga num curso de arte que me falaram.

Ela fecha o caderno de números tristes, o abraça e sorri.

— Mas só vou fazer isso se você não largar o curso de enfermagem. A gente passa fome, mas estuda junto.

Ela faz que sim e bebe o chá.

— Pode ser.

O lobo pode estar nos espreitando agora, mas não vai estar para sempre. Penso num muro com cachorros selvagens correndo, e eu os caçando com o uniforme do McDonald's. Pelo menos não é um macacão laranja.



inha mãe e meu pai estão sentados em cadeiras de praia bem na frente do galpão quando eu entro pelo portão, de bicicleta. Estão tomando café e conversando.

— São seis da manhã. Vocês ficaram acordados me esperando?

— Estamos curtindo a mudança de temperatura — responde minha mãe. — E comemorando algumas coisas. Como ter criado uma filha que terminou o ensino médio ontem.

— Parabéns, Lucy Dervish — deseja meu pai. — Você conseguiu.

— Eu ainda tenho a entrevista com o organizador do curso de artes.

— Você vai se sair bem. — Minha mãe sorri. — Fomos ao estúdio do AI na noite passada. Ele ligou pra gente para saber se queríamos ver o seu portfólio.

— E o que vocês acharam? — Eu me sento no chão entre os dois.

— Eu achei a coisa mais espetacular que já vi na minha vida — responde minha mãe. — Minha filha, a artista.

— Você me colocou dentro de uma garrafa. Como me pôs lá dentro? — pergunta meu pai.

— Eu fiz você desmontável. Eu coloquei você lá dentro e te levantei com barbante e fixei com massa de vidraceiro.

— Deu trabalho.

— Você é importante pra mim, pai. E então, quais são as outras coisas que vocês estão

comemorando?

— Bem, eu terminei o meu romance. E seu pai está quase terminando o novo show. Não vou adiantar nada, mas ele apresentou pra mim ontem e está bem legal. Triste e muito engraçado.

— Humor sem tristeza é só torta na cara — diz meu pai.

— Um brinde à gente — pede minha mãe, levantando sua xícara de café.

— Você se esqueceu de uma coisa. Esqueceu de dizer que vocês estão se divorciando. Tudo bem — digo, enquanto ela nega com a cabeça. — Já tenho quase 18 anos. Posso encarar.

— Não estamos nos divorciando, Lucy. Já te disse isso um milhão de vezes. Eu amo o seu pai.

Ele me ama.

— Ele mora no galpão.

— Talvez eu me mude pro galpão pra escrever meu próximo livro — diz minha mãe. — Talvez o seu pai fique morando na casa. Ou pode ser que eu vá embora por um ou dois meses.

Você está mais velha agora, acho que ficaria bem. Sem problemas?

— Bem... sim. — E então eu não consigo segurar o que está explodindo dentro de mim. —

Vocês são estranhos. Isso é estranho.

Vocês são casados. Deviam querer ficar juntos o tempo todo.

Minha mãe ri.

— Nós criamos uma filha muito conservadora. *Orgulho e Preconceito* demais.

— Isso pode mudar — começa meu pai. — Ainda dá tempo de apresentá-la à Margaret

Atwood.*

— Engraçado. Hilário. Estou entrando no mundo dos relacionamentos adultos. Preciso de conselhos sólidos.

— Tudo o que eu posso dizer é que você deve buscar um relacionamento que seja bom pra você. Eu preciso escrever. Seu pai também.

— Minha mãe dá de ombros. — Você sabe como a gente briga quando não dá tempo pra isso. Mas a gente te ama. Você sabe, não é, Lucinha?

— Sei. — Eu não sei um monte de outras coisas, mas sempre soube disso. — Mas continua estranho.

— À família Dervish — brinda minha mãe, levantando novamente a xícara de café. — Uma família ótima, e meio estranha.

Acho que é como a arte. O que eu via na minha mãe e no meu pai tinha mais de mim do que deles. Fico olhando os dois conversando e rindo. Quem disse que o romantismo está morto? Não está. É só morar no galpão.

— O que você me diz de acender o seu fogareiro de acampamento e me fazer panquecas?

— Genial! — exclama minha mãe.

Tiro a pulseira e a entrego de volta para o meu pai.

— Pra dar sorte no seu próximo show. Apesar de eu ter ficado com sérias dúvidas sobre os poderes dessa pulseira depois da noite passada.

Meu telefone toca enquanto o meu pai está cozinhando. É o Al.

O Sombra está aqui. Agora. Imagino o Ed pintando um muro e espero que seja diferente dos outros espalhados pela cidade. Mas sei que mesmo que parte desse muro contenha esperança, pois ele voltou com a Beth, ainda há um canto que me pertence. Um canto onde estou lhe dizendo

que me importo com o fato de que ele leia mal, que esteja sem dinheiro, que não tenha emprego. Não quero que ele me pinte desse jeito.

Ponho o capacete e pego a bicicleta.

— Volto logo.

— Onde é o incêndio, Lucy Dervish? — pergunta meu pai.

Em mim. Por dentro, estou pegando fogo. Concluo que tenho o bastante e posso oferecer um pouco ao Ed. Decolo sob o céu escuro que desbota e clareia, rosa. Devo algumas palavras ao Ed. *Com você*. Me importo com você.

Pedalo pela avenida Rose, onde caminhões de lixo estão esvaziando latões e nublando o aroma do jasmim. As casas bêbadas ao longo da rua pisam sobre um emaranhado de jardins. Por favor, tenho que chegar a tempo. Tenho que encontrar o Ed antes que a noite tenha oficialmente terminado, antes dele ter me pintado num canto de muro, eu dizendo que ele é menos do que realmente é.

As estrelas dispersas das fábricas estão desmaiando. A cidade se levanta ao fundo, edifícios cinzentos despontando no céu. Gosto deste lugar à luz do dia tanto quanto no escuro. Gosto dos contêineres empilhados nas docas, dos prédios antigos. Gosto da rua do Al, da confusão de fábricas. Gosto de como o estúdio de vidro e os muros do Sombra me pegam de surpresa no meio delas. No alto da ladeira, solto as mãos dos freios e me deixo levar.



* Margaret Atwood, escritora e poetisa canadense, nascida em 1939.

(N.T.)



▷ into rápido um céu, de spray. Olho para a frente e para trás. Pinto veleiros por todo o muro, e as coisas que estão na minha cabeça vão da lata para o tijolo. Veja isso, Lucy. Veja eu e você despejados sobre o muro. Veja nós dois tão grandes que não vai dar para você não nos ver, mesmo que chegue aqui depois de eu já ter ido embora.

O patrão da Lucy está sentado nos degraus do estúdio, olhando e digitando. De vez em quando, eu me viro para ver se a Lucy chegou e o vejo ainda lá.

Termino e me afasto, para ter uma visão geral. Sei que é o melhor muro que eu já fiz. Alguém engole algo atrás de mim, posso ouvir.

O senhor me estende um café.

— Gosto do seu trabalho — diz ele. — Sombra, não é?

— Isso. Na verdade, meu nome é Ed.

— Al. — Ele estende a mão e eu a aperto. — É diferente dos seus outros trabalhos — diz ele, apontando para o muro. — É bom.

— Estou tentando um estilo novo — conto. — Gosto das suas coisas também. As flores no teto. Pensei que fossem trombetas, mas a Lucy me corrigiu. Você mandou um torpedo pra ela, não foi?

Ele parece surpreso, mas só por um segundo.

— Alguns. — E ele manda outro. — Estou esperando que ela apareça a toda velocidade lá no

alto daquela ladeira a qualquer momento. Começou cedo hoje.

— Não dormi ainda. Comecei tarde, não cedo.

— Eu sempre trabalho cedo assim — diz ele. — O nascer do sol é a melhor hora pra trabalhar o vidro. Nenhuma outra hora tem cores tão incríveis.

Ele caminha até os degraus do estúdio e eu o sigo, e a gente se senta, esperando pela Lucy. Conversamos sobre o meu trabalho, sobre quando comecei e o que pretendo fazer daqui pra frente.

— Eu saí da escola no começo do ensino médio — explico. — Mas a Lucy me disse que tem um curso que eu talvez possa fazer.

— Na Monash — completa Al. — Boa ideia. — Ele me fala sobre o curso e, quanto mais ele fala, mais eu penso que gostaria de fazê-lo. Al me lembra o Bert.

— O negócio é... — começo, depois que ele termina de falar. — Eu não consigo ler muito bem, então a parte escrita vai ser difícil pra mim.

— Quem sabe você pode pedir a alguém pra passar as coisas pro papel. Você já teve alguém assim?

— O Leo escrevia pra mim antes de eu sair da escola. Não tenho um portfólio.

Al olha para o muro.

— Talvez você tenha. A Lucy é boa fotógrafa. Posso emprestar a minha câmera pra vocês tirarem fotos das suas pinturas.

— E isso pode virar um portfólio?

— Não tenho certeza. Mas tem uma pessoa que eu conheço chamada Karen Josepha, a quem posso perguntar.

— A sra. J.

— Na verdade, srta. J. — corrige ele. — Ela era a professora de artes da Lucy no ensino médio.

— Sei quem é. Ela é muito legal.

— Ela é muito legal — repete ele.

Olhamos para o topo da ladeira esperando pela Lucy, que parece estar fazendo hora, como diria o Bert.

— Eu gosto do Vermeer. Você gosta do Vermeer? — pergunto, depois de um tempo.

— Gosto — responde Al. — Você foi à exposição do início do ano?

— Fui com um amigo. Meu antigo patrão, da loja de tintas. Fiquei sem emprego depois que ele morreu.

— Estou precisando de alguém pra limpar o estúdio. Você tem referências?

— ã-hã. Tenho.

E é desse jeito que ele me oferece um emprego. A gente entra no estúdio e ele me mostra em volta. Eu lhe dou o telefone da Valerie.

— Você pode perguntar à sra., quer dizer, srta. J. também. Ela vai dizer que eu trabalho bem.

— Tenho certeza que trabalha.

Fico andando por ali, olhando os vidros.

— *A Frota da Memória* — digo, pegando uma das garrafas da Lucy. São as coisas mais incríveis. É como se o lado de dentro da cabeça dela estivesse aqui, sobre a mesa. Uma garrafa da série tem um pequeno muro do Sombra dentro. É o que eu fiz com um céu azul sobre tijolos.

— Este é o azul perfeito — digo para o Al.

Deixo com ele uma mensagem para a Lucy e saio. Estou no fim da rua quando a vejo, o capacete com o relâmpago ao lado, voando em minha direção. Paro e espero por ela.

— Oi.

— Oi — respondo. — Conheci o seu patrão. Ele me ofereceu um emprego pra limpar o estúdio. — Quero que ela saiba imediatamente que não sou o cara que eu era na noite passada. Não sei quem eu sou, mas não sou aquele cara.

— Isso é ótimo, demais mesmo — responde Lucy, tirando o capacete e pendurando no guidão.

— Você não parece tão feliz. Você está assim, ó. — Imito a cara dela.

— Sério? Eu queria parecer feliz por você — diz ela. — Você tem certeza de que é assim que eu estou?

— Tenho.

— Talvez fosse mais fácil se você cobrisse o meu rosto.

— O romantismo sobreviveu, pelo que eu vejo.

Ela cobre o próprio rosto.

— Antes de você ir embora do cassino, o que eu queria dizer é que me importo *com você*. Todas aquelas coisas, como abandonar a escola, não ter emprego e não conseguir ler tão bem importam pra você, não pra mim.

Sinto algo por dentro agora. Não é muito, mas é mais do que eu tinha.

— Eu não roubei a escola.

— Eu sei. Fui lá te salvar.

Olho o sinal que ela tem no pescoço.

— Você acha que eu vou ter que fugir do Malcolm pro resto da vida?

— O irmão do Leo cuidou de tudo. Mas eu ficaria longe de parques escuros.

— Você não devia ter mentido pra mim a noite toda — diz ela. — Estou me sentindo muito ridícula agora, por causa de todas as coisas que eu falei sobre o Sombra. Você devia ter me dito a verdade. Com essa parte eu me importo.

— Eu sei. — Eu lhe devo algo pelo que fiz. Penso naquela pintura do Vermeer, a da balança. Você tem que pesar alguma coisa no fim. Mesmo que não seja muito. — Eu gosto de você. Não queria que você achasse que eu era burro, então menti. Tentei te contar quando a gente parou na estrada.

Ela cai num silêncio quase eterno.

— Agora era uma boa hora pra você me dizer que eu não sou burro.

— Por que você voltou com a Beth se gosta de mim? — pergunta Lucy.

— Eu não voltei com a Beth.

— Sério?

— Sério, agora tira a mão do rosto. É estranho demais.

Ela tira a mão e sorri, e eu penso num muro, depois outro, depois outro. Labirintos verdes errantes e duas pessoas errantes neles. Portais que levam a um lugar bom. Céus exatamente do azul que eu procurava.



scuto o Ed de olhos fechados. Há alguma coisa na voz dele que não havia antes. A verdade, talvez. Ele gosta de mim. Palavras conflitantes. Ele não voltou com a Beth.

R

— Sério?

— Sério, agora tira a mão do rosto. É estranho demais.

Tiro a mão, e sorrimos um para o outro um tempo. Ed não voltou com a Beth. Meus pais se amam, mas não querem viver juntos o tempo todo. Dylan e Daisy brigam, mas vão ficar juntos, pelo menos até o próximo aniversário dela. Leo é poeta e gosta da Jazz, e esse é o placar final.

Não sei nada sobre o amor. Mas sei que quero beijar o Ed. Sei que quero que ele seja feliz. Está mais feliz do que nunca. Eu vejo, agora que não estou mais com a mão no rosto.

— Fui me encontrar com ela — continua Ed. — Fui dizer adeus. — Ele sorri de novo. Sorrio também. — Você tem um sorriso lindo — elogia ele.

— Meu pai está morando no galpão, mas meus pais não vão se divorciar.

— Beleza.

— Eu queria te contar. Estou curtindo ser sincera.

— Beleza — repete, e vai se aproximando, e eu estou tão nervosa, tão, tão nervosa.

— Você está bem?

— Estou bem. Continua. Continua.

Sua boca mergulha no sinal que eu tenho no pescoço. Depois volta até a minha boca. Meu sangue é vidro quente, brilhante, correndo no ritmo da respiração dele.

— Você não vai mentir pra mim de novo — digo, e ele fala que é isso que ele pretende. E eu: — Você abandonou a escola porque não conseguia ler... — E ele completa, dizendo, isso e uma menina quebrou o meu nariz. Revelo: — Sua arte é o que eu mais gosto nessa cidade.

E ele:

— Fiz um muro pra você. Talvez o meu último por um tempo.

— Por que último?

— Estou pensando naquele curso de que você falou. Pensando em trabalhar no papel.

— Mas caras como você não vivem de adrenalina?

— Isso é coisa do Leo — responde Ed. — Então, você quer ver?

Descemos o resto da ladeira de bicicleta até o estúdio do Al para olhar a pintura do Ed.

— Uau!

— Obrigado.

É o sol. Uma bola de vidro incandescente dominando a noite. Ele não assinou. Mas eu sei quem ele é. Sei quem eu sou. Não sei muito bem quem somos juntos, ainda. Ed pega uma lata de spray e pinta um pequeno pássaro amarelo. Não como aquele pássaro adormecido, de barriga para o céu.

Esse está acordado.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada, Allison Wortche. Meu texto fica melhor porque você o edita com toda a atenção e grande perspicácia. Obrigada, Sue Cohan, pelo copidesque tão cuidadoso. Obrigada, Catherine Drayton, por ser uma agente fantástica e ter visto o que vi em *Graffiti Moon*. Obrigada a todos da InkWell Management, em especial a Lynsey Blessing. Obrigada a meus editores australianos, Claire Craig, Brianne Collins e Simone Ford. Sua edição cuidadosa é muito elogiada. Obrigada, Elizabeth Abbott, Marcus Jobling, Duro Jovicic, Kirsten Matthews e Karen Murphy, por me falarem sobre arte. Obrigada, Bethany Wheeler, por doar generosamente seu tempo e seu conhecimento sobre vidro. Quaisquer erros são meus. Qualquer bom conteúdo é seu. Agradecimentos especiais aos adolescentes que compartilharam comigo suas histórias. Agradeço muito aos meus sobrinhos e sobrinhas, que me deixaram fazer todas as perguntas que eu quis e nunca me despacharam. Obrigada, Alison Arnold, por arquitetar a trama no carro; Diana Francavilla, pelo assustador conhecimento sobre ficção e filmes adolescentes; Emma Schwartz, por conselhos sobre o texto; e Ange Maiden, por rir sempre. E, finalmente, obrigada aos meus irmãos; a Cate, Cella e Ras; e, claro, a minha mãe e meu pai.

Papel: Pólen soft 70g

Tipo: Bembo

www.editoravalentina.com.br